UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Transição pós-carreira atlética de maratonistas aquáticos brasileiros: elementos para a elaboração de programa

MARESSA D'PAULA GONÇALVES ROSA NOGUEIRA

São Paulo
2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Transição pós-carreira atlética de maratonistas aquáticos brasileiros: elementos para a elaboração de programa

VERSÃO CORRIGIDA

MARESSA D'PAULA GONÇALVES ROSA NOGUEIRA

São Paulo
2022

MARESSA D'PAULA GONÇALVES ROSA NOGUEIRA

Transição pós-carreira atlética de maratonistas aquáticos brasileiros: elementos para a elaboração de programa

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Área de concentração: Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte

Orientadora: Profa. Dra. Flávia da Cunha Bastos

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Nogueira, Maressa D'Paula Gonçalves Rosa
Transição pós-carreira atlética de maratonistas aquáticos brasileiros: elementos para a elaboração de programa / Maressa D'Paula Gonçalves Rosa Nogueira. – São Paulo : [s.n.], 2022.
120p.

Tese (Doutorado) --Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.
Orientadora: Profa. Dra. Flávia da Cunha Bastos

1.Atletas (Aspectos econômicos) 2. Administração esportiva 3. Maratona aquática 4. Carreira esportiva (Transição) I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: NOGUEIRA, Maressa D'Paula Gonçalves Rosa

Título: Transição pós-carreira atlética de maratonistas aquáticos brasileiros: elementos para a elaboração de programa

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Aprovado em:

Data: _____/_____/_____

Banca Examinadora

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Dedico este estudo aos atletas e gestores do esporte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por iluminar meu caminho e me guiar por meio de tantas pessoas e acontecimentos que permitiram a conclusão de mais esta etapa da minha vida.

À minha mãe pelo incentivo aos estudos e ao esporte desde a infância, à minha irmã Salônica pela infinita paciência e apoio ao acompanhar minha trajetória acadêmica e profissional, ao meu Pai pelo exemplo de busca obstinada por um objetivo cada vez maior e à minha irmã Luciene que sempre foi uma inspiração para mim a respeito dos estudos e desafios profissionais.

À minha orientadora, Profª Drª Flávia da Cunha Bastos por ter aceitado me orientar no doutorado, por todo apoio na minha formação acadêmica, que teve início ainda no mestrado, pelo incentivo desde o ingresso até a conclusão deste trabalho e por ser uma grande conselheira, sempre direta, objetiva e transparente nas nossas muitas conversas, a qual eu tanto admiro.

Aos professores Nicolau Teixeira Ramos, Rosa do Carmo José, Marcio Antônio Latuf, João Carlos Barros e demais colegas de trabalho por permitirem ajustes na rotina de trabalho para que eu pudesse seguir me capacitando cada vez mais.

Aos treinadores medalhistas olímpicos Ricardo Cintra e Fernando Possenti, às medalhistas olímpicas Poliana Okimoto e Ana Marcela Cunha, aos gestores esportivos da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos e do Comitê Olímpico do Brasil pelo apoio desde o mestrado até as ricas vivências práticas no início da minha carreira como gestora do esporte. Além dos mestres Simone Massetto e Joel Moraes no início da minha carreira docente.

Aos meus amigos e familiares que compreenderam as ausências em função deste objetivo. Aos colegas de doutorado, disciplinas, grupo de pesquisa GEPAE, professores e membros da banca que contribuíram em discussões e compartilhamento de materiais importantes ao longo desta jornada.

A todos, meus sinceros e eternos agradecimentos!

“Não ganhamos nada, nunca, sendo moderados”

Voltaire

RESUMO

NOGUEIRA, Maressa D'Paula Gonçalves Rosa. **Transição pós-carreira atlética de maratonistas aquáticos brasileiros: elementos para a elaboração de programa.** 2022. 120 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Pesquisas recentes têm buscado identificar o processo de transição pós-carreira atlética no sentido de diminuir os efeitos negativos desta fase da carreira por meio da elaboração, implementação e desenvolvimento de programas que possam oferecer serviços de apoio aos atletas. Diante da escassez de programas para esta finalidade no Brasil, a presente pesquisa teve por objetivo levantar elementos norteadores para a elaboração de programas de suporte à transição pós-carreira atlética. Para isso, foram realizadas três etapas: Etapa 1 – levantamento e análise dos modelos teóricos, programas desenvolvidos pelos diferentes países, entidades e programas relatados na literatura em diferentes bases de dados e sites de entidades de administração do esporte; na análise dos resultados foram identificados os elementos convergentes dos modelos e programas; Etapa 2 – pesquisa de campo com ex-atletas de alto rendimento de maratona aquática, por meio de entrevista semiestruturada; e Etapa 3 – síntese dos elementos norteadores para a elaboração de um programa de transição pós-carreira atlética. De acordo com os resultados da Etapa 1, foi possível observar que determinados fatores críticos de sucesso do modelo SPLISS apresentam elementos convergentes entre os modelos teóricos, programas e pesquisas analisados. Dessa forma, as categorias para a análise de conteúdo das entrevistas da Etapa 2 foram definidas *a priori* e, a partir dessas categorias, foram definidas subcategorias. A síntese desenvolvida na Etapa 3 aponta como elementos norteadores para programas serviços de suporte durante a carreira atlética, na transição para o profissional e na transição para o pós-carreira atlética. Foi possível concluir que no Brasil, os programas de suporte para a transição pós-carreira atlética são escassos, que a iniciativa para parcerias, estágios e empregos é do próprio atleta, que o suporte social é oferecido pela família e amigos, além do acompanhamento profissional de psicólogo para os ajustes neste processo. Como sugestões para estudos futuros, considera-se a aplicação em outras modalidades esportivas, bem como verificar o entendimento das entidades de prática (clubes e entidades) e de administração, procurando ainda verificar o entendimento sobre o papel de cada uma delas no processo vivido pelo atleta.

Palavras-chave: Maratona aquática; gestão do esporte; psicologia do esporte; sociologia do esporte; carreira profissional.

ABSTRACT

NOGUEIRA, Maressa D'Paula Gonçalves Rosa. **Post-athletic career transition of brazilian marathon swimmers: elements for program design.** 2022. 120 f. Thesis (Doctorate in Science) – School of Physical Education and Sport, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

Recent research has sought to identify the post-athletic career transition process in order to reduce the negative effects of this phase of the career through the design, implementation and development of programs that can offer support services to athletes. Given the scarcity of programs for this purpose in Brazil, the present research aimed to raise guiding elements for the development of support programs for the post-athletic career transition. For this, three stages were carried out: Stage 1 – survey and analysis of theoretical models, programs developed by different countries, entities and programs reported in the literature in different databases and websites of sport administration entities; in the analysis of the results, the converging elements of the models and programs were identified; Stage 2 – field research with former high performance athletes of aquatic marathon, through semi-structured interview; and Stage 3 – synthesis of the guiding elements for the elaboration of a post-athletic career transition program. According to the results of Step 1, it was possible to observe that certain critical success factors of the SPLISS model present converging elements between the theoretical models, programs and research analyzed. Thus, the categories for the content analysis of the interviews in Stage 2 were defined a priori and, based on these categories, subcategories were defined. The synthesis developed in Step 3 points out as guiding elements for support services programs during the athletic career, in the transition to the professional and in the transition to the post-athletic career. It was possible to conclude that in Brazil, support program for the post-athletic career transition are scarce, that the initiative for partnerships, internships and jobs is the athlete himself, that social support is offered by family and friends, in addition to the professional follow-up of a psychologist for the adjustments in this process. As suggestions for future studies, it is considered the application in other sports, as well as verifying the understanding of the entities of practice (clubs and entities) and administration, still trying to verify the understanding of the role of each one of them in the process lived by the athlete.

Keywords: Marathon swimming; sport management; sport psychology; sport sociology; professional career.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo *SPLISS* (*Sports Policies Factors Leading to International Sporting Success*) – pilares de Política esportiva que levam ao sucesso esportivo internacional.....31
Figura 2 – O modelo de Carreira Holística para Atletas representa transições e estágios enfrentados por atletas nos níveis atlético, psicológico, psicossocial, acadêmico/vocacional financeiro e legal.....34
Figura 3 – Modelo (GEPE) – Modelo de Prática Baseada em Evidência.....37
Figura 4 – Três estágios para a empregabilidade de atletas em transição para o pós-carreira atlética.....45
Figura 5 - Opinião dos atletas top 16 sobre o suporte pós-carreira atlética ser bem desenvolvido em seu país.....48
Figura 6 – Diagrama de elementos norteadores.....93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pilar 5: suporte para atletas e pós-carreira esportiva – 4 indicadores e 10 fatores críticos de sucesso (FCS).....32
Quadro 2 – Detalhamento das categorias dos modelos linear, convergente e paralelo da Dupla Carreira.....35
Quadro 3 – Resumo dos Modelos Teóricos.....54
Quadro 4 – Pilar 5: suporte para atletas e pós-carreira esportiva – Fatores Críticos de Sucesso (FCS).....57
Quadro 5 – Resumo dos Programas de Países.....58
Quadro 6 – Resumo Programas de Entidades de administração esportiva internacionais e nacionais.....61
Quadro 7 – Nível do atleta, população e amostra da pesquisa.....65
Quadro 8 – Pilar 5: Elementos apresentados pelo modelo SPLISS (Pilar 5 – FCS 5.4 a 5.10) e categorias de análise.....68
Quadro 9 – Perfil dos participantes.....70
Quadro 10 – Subcategorias criadas a partir da categoria suporte financeiro.....82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACP	*Athlete Career Programme*
AGAP	Associações de Garantia ao Atleta Profissional
B-WISER	*Be a Winner In elite Sport and Employment before and after athletic Retirement*
CBDA	Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CBV	Confederação Brasileira de Voleibol
COB	Comitê Olímpico do Brasil
COI	Comitê Olímpico Internacional
DC	Dupla Carreira
DCDE	Ambiente para o desenvolvimento da dupla carreira
ECO-DC	*Ecology of dual careers*
FAAP	Federação das Associações de Atletas Profissionais
FCS	Fator Crítico de Sucesso
FINA	Federação Internacional de Natação
FUNDESP	Fundo Nacional de Desenvolvimento do Desporto
GEES	*Gold in Education and Elite Sport*
IOB	Instituto Olímpico Brasileiro
NCAA	National Collegiate Athletic Association
NOC	Comitê Olímpico Nacional
PAC	Programas de Assistência de Carreira
PSDC	Prestadores de Suporte à Dupla Carreira
SAE	Serviço de Atendimento ao Atleta
SPLISS	*Sports Policies Factors Leading to International Sporting Success*
UE	União Europeia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14
1.1 Objetivos **20**
1.2 Justificativa **20**
1.3 Caracterização da pesquisa **22**
1.4 Organização da Tese **24**
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 25
2.1 Contextualização de carreira e carreira atlética **27**
2.2 Modelos teóricos de transição de carreira atlética **27**
2.3 Programas de suporte para o pós-carreira atlética e pesquisas sobre o tema **36**
2.4 Considerações gerais sobre a fundamentação teórica **51**
3 ETAPA I – ANÁLISE COMPARATIVA DOS MODELOS TEÓRICOS E PROGRAMAS 53
3.1 Procedimentos metodológicos **53**
3.2 Modelos teóricos **54**
3.3 Programas de diferentes países **58**
3.4 Programas de entidades de administração esportiva internacionais e nacionais **61**
3.5 Síntese dos modelos e programas **62**
4 ETAPA II – PESQUISA DE CAMPO 64
4.1 Procedimentos metodológicos **64**
4.2 Resultados da pesquisa de campo **69**
5 ETAPA III – ELEMENTOS NORTEADORES PARA A ELABORAÇÃO DE PROGRAMA PARA TRANSIÇÃO PÓS-CARREIRA ATLÉTICA 93
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 96
REFERÊNCIAS **99**
APÊNDICES **111**
ANEXO **118**

1 INTRODUÇÃO

Maressa, até quando você pretende nadar? O *start* sobre a necessidade de pensar sobre o que eu faria depois que deixasse a carreira como nadadora surgiu na minha vida no último ano da faculdade de Educação Física, quando minha orientadora do trabalho de conclusão de curso me fez esta pergunta.

Embora minha família sempre tivesse reforçado que a vida de atleta um dia chegaria ao fim e que os estudos deveriam estar presentes para a construção do meu futuro, aquele momento da fala da minha orientadora me levou a uma reflexão profunda sobre os próximos passos da minha vida em um contexto geral e não apenas no preparo para a próxima competição. Algo ainda obscuro, talvez distante, já que vivenciava os melhores resultados como nadadora e algumas convocações para integrar a seleção brasileira. Somava-se ainda a minha relação com a água desde muito cedo.

Aprendi a nadar com o meu pai em nossos momentos de lazer, fosse no mar durante as férias escolares ou no Rio Paranapanema e piscina do clube aos finais de semana ensolarados. Por gostar muito de brincar na água havia a preocupação com a sobrevivência no meio aquático, e pela necessidade de adotar um estilo de vida mais saudável, fui matriculada por minha mãe em uma escola de natação aos 8 anos de idade.

Foram idas e vindas nesta modalidade com pequenas pausas que me permitiram vivenciar outros esportes como ginástica artística, atletismo e voleibol, e refletir se, com a rotina esportiva, ainda era possível conciliar à demanda imposta pelos meus anseios enquanto estudante que sonhava também com outras profissões. Anos depois, com a inserção na carreira acadêmica, pude verificar que muitas das vivências que experienciei, estavam documentadas nas pesquisas que envolvem o esporte de alto rendimento, mais especificamente sobre o desenvolvimento do atleta e sua carreira.

Durante o mestrado, busquei me aprofundar nos modelos de desenvolvimento de talentos a longo prazo (ERICSSON; KRAMPE; TESH-ROMER, 1993; COTE; HAY, 2002) para investigar como este processo ocorria na maratona aquática brasileira (NOGUEIRA, 2014), pois atuava como treinadora de nadadores infanto-juvenis (13 a 16 anos). Para que o atleta atinja o alto rendimento esportivo e obtenha êxito é necessário que, além do talento, predisposição genética, aspectos comportamentais, ele também esteja inserido em ambiente favorável e em um programa de treinamento a longo prazo que ofereça infraestrutura adequada para possibilitar o seu desenvolvimento até o alto rendimento. Nesse processo, as políticas esportivas foram apontadas como um dos fatores que auxiliam no desenvolvimento desses talentos (GREEN; HOULIHAN, 2005; DE BOSSCHER; DE KNOP; VAN BOTTENBURG;

SHIBLI, 2006; GREEN; OAKLEY, 2001; DE BOSSCHER; SHIBLI; VAN BOTTENBURG; DE KNOP; TRUYENS, 2010; SOTIRIADOU; SHILBURY; QUICK, 2008).

Através dessas pesquisas internacionais sobre o desenvolvimento do esporte de alto rendimento, foi destacada a importância do suporte durante e pós-carreira atlética para o alcance de sucesso esportivo internacional (GREEN; OAKLEY, 2001; DE BOSSCHER; DE KNOP; VAN BOTTENBURG; SHIBLI; BINGHAM, 2009; DE BOSSCHER *et al*., 2010; HOULIHAN; GREEN, 2008; SOTIRIADOU; SHILBURY; QUICK, 2008), sendo esta última transição o foco do presente estudo.

Entende-se por carreira atlética um processo plurianual no qual o atleta passa por várias transições da iniciação esportiva ao treinamento intenso; do esporte infantil para o juvenil, júnior, adulta e categoria sênior; do esporte amador para o profissional até a transição para o término da carreira atlética (RUBIO, 2012; WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMAN, 1999). Consequentemente, necessitam de preparo, adaptação e ajustes ao longo de toda existência (RUBIO, 2012; ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010; BRANDÃO; AKEL; ANDRADE; GIUSELINI; MARTINI; NASTAS, 2000). Essas transições de carreira estão relacionadas tanto às fases normativas (ou seja, aquelas previsíveis como citadas anteriormente), quanto às fases não-normativas (menos previsíveis como lesão) (STAMBULOVA; RYBA, 2013) e, mais recentemente, as quase-normativas como transições previsíveis para uma categoria específica de atletas com a possibilidade de se preparar com antecedência (como as transições culturais) (STAMBULOVA; RYBA; HENRIKSEN, 2020).

O foco inicial das pesquisas sobre o fim da carreira atlética se deu levando em conta que este momento de transição pós-carreira atlética era um evento singular, no qual os atletas consideravam como uma experiência negativa e/ou traumática, semelhante ao processo de morte (WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMAN, 1999), podendo criar problemas de ordem financeira, psicológica como medo e ansiedade, e/ou sociais por meio do abuso de álcool e drogas (BRANDÃO *et al*., 2000). Portanto, modelos teóricos como os tanatológicos (estudo do processo de morrer e da morte) (KALISH, 1966; KÜBLER-ROSS, 1997) e os gerontológicos foram considerados (ROSE, 1962; ATCHLEY, 1989). No entanto, essas perspectivas se tornaram menos adequadas para explicar o processo final da carreira atlética por envolver populações não esportivas) (WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMAN, 1999; BRANDÃO *et al*. 2000).

Devido às características específicas do esporte, os pesquisadores passaram a identificar o término da carreira atlética como processo de transição (WYLLEMAN; ALFERMAN; LAVALLE, 2004) que consiste em diferentes estágios, ou seja, pré-aposentadoria,

aposentadoria e pós-aposentadoria (LAVALLE, 2000). Então, outros dois modelos teóricos fora do campo do esporte foram considerados pelos pesquisadores, como o modelo analítico, (STAMBULOVA, 1994) que analisa a carreira atlética dividida em estágios previsíveis de desenvolvimento e o de adaptação à transição humana (SCHLOSSBERG, 1981; TAYLOR; OGILVIE, 1994). Ambas as abordagens consideravam três fatores influenciadores à adaptação à transição, como as características da própria transição, do suporte e do indivíduo. Embora esses modelos fossem mais amplos que os modelos tanatológico e gerontológico, os dois últimos ainda careciam de detalhes específicos ao processo de ajuste necessário aos atletas e o modelo analítico tratava o fim da carreira atlética como evento singular.

A partir desses estudos, o modelo holístico de desenvolvimento da carreira atlética, apresenta o conceito mais atual nesta temática sob uma perspectiva global que abrange a carreira atlética e pós-atlética envolvendo transições presentes na carreira atlética em níveis de domínios distintos da vida dos atletas: esportivo, psicológico, psicossocial; acadêmico vocacional; financeiro; e legal (WYLLEMAN; ALFERMAN; LAVALLE, 2004; WYLLEMAN, 2019).

Posteriormente o conceito de Dupla Carreira, no qual esporte e estudo ou esporte e trabalho são desenvolvidos concomitantemente (JORDANA; TORREGROSSA; RAMIS; LATINJAK, 2017; TORREGROSSA; RAMIS; PALLARÉS, AZÓCAR; SELVA, 2015), foi apontado como estratégia para diminuir os impactos negativos da transição para o pós-carreira atlética por permitir uma formação profissional que seja possível de exercer no futuro, mas construída durante o exercício das funções como atleta.

Ainda que exista a percepção de que o envolvimento com outras atividades como programas de assistência de carreira (PACs) enquanto os atletas ainda competem possa ser uma distração ao desempenho esportivo (PETITPAS; DANISH; MCKELVAIN; MURPHY, 1992; PARK; LAVALLE; TOD, 2013), o engajamento nesses programas foi associado positivamente à melhora do desempenho através da seleção para equipe, permanência na equipe e permanência na carreira (LAVALLE, 2019). Por consequência, os atletas que não adotaram estratégias que combinaram atividades acadêmicas à rotina esportiva (dupla carreira) demonstram maior dificuldade na transição pós-carreira atlética (VILANOVA; PUIG, 2013; VILANOVA; PUIG, 2016). Neste sentido, observa-se que programas de assistência à dupla carreira tem sido uma prioridade política na Europa por meio de projetos aplicados promovidos pela Comissão Europeia (TORREGROSSA; REGÜELA; MATEOS, 2020).

Quanto aos programas de assistência de carreira (PAC), Torregrossa; Regüela; Mateos (2020) verificaram que há duas vertentes, uma que compreende PACs que visam oferecer ajuda

financeira aos atletas ou determinadas soluções para seus problemas à medida que aparecem, e outra, na qual os PACs buscam oferecer aos atletas recursos e informações para uma abordagem preventiva, antes que os problemas tenham surgido.

Dentre as pesquisas internacionais sobre o processo de transição pós-carreira atlética, destacam-se dois estudos de revisão. Um deles foi a revisão sistemática de Park, Lavallee e Tod (2013) na qual foi observado que nos anos iniciais dos estudos sobre o tema, os pesquisadores se concentraram nas causas e consequências da aposentadoria dos atletas e, na sequência as pesquisas se voltaram à identificação de preditores da qualidade das transições de carreira atlética. Nesse sentido, na revisão realizada, foi possível identificar 19 variáveis categorizadas em dois temas sendo: (a) fatores relacionados à qualidade da transição de carreira (15 variáveis); e (b) recursos disponíveis durante a transição de carreira (4 variáveis).

O outro estudo de revisão foi realizado por Stambulova e Ryba (2014) e apontou para a importância de discutir essa temática sob a ótica cultural, haja visto que muitos países adotam modelos em seus programas sem desenvolver quase nenhum estudo de carreira. Cabe destacar também que essa revisão contemplou estudos em inglês e um livro (STAMBULOVA; RYBA, 2013) que reuniu a visão de pesquisadores de 19 países (Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, China, Dinamarca, França, Alemanha, Grécia, Irlanda, Japão, México, Nova Zelândia, Rússia, Eslovênia, Espanha, Suécia, Reino Unido e Estados Unidos da América), os quais forneceram análises dos programas de pesquisa e assistência de carreira nas suas respectivas nações e idiomas, permitindo melhor comparação e entendimento em um contexto internacional.

Esses estudos confirmam achados anteriores sobre a tendência de pesquisas sobre transição de carreira atlética principalmente em países europeus, América do Norte e Austrália, e a escassez desta temática em países da África, Ásia, Oriente Médio e América do Sul (STAMBULOVA; ALFERMANN; STATLER; COTÊ, 2009; PARK; LAVALLEE; TOD, 2013; STAMBULOVA; RYBA, 2013; STAMBULOVA; RYBA, 2014).

Ao analisar as entidades, foram encontrados programas em diferentes organizações, acadêmicas ou não, dedicadas ao desenvolvimento do esporte, que também concentram seus esforços e empreendem ações relativas ao suporte e ao planejamento para a transição para o pós-carreira atlética. Um deles é o programa ERASMUS+ da União Europeia, responsável por diversos projetos como o GEES – Ouro na Educação e no Esporte de Elite (GEES) (WYLLEMAN; DE BRANDT, DEFRUYT, 2017), o projeto B-Wiser (2018), ‘Seja um campeão no esporte de elite e no emprego antes e depois da aposentadoria atlética’ (TORREGROSSA; REGÜELA; MATEOS, 2020) e o projeto 'Ecologia da carreira dupla (TORREGROSSA; REGÜELA; MATEOS, 2020).

Além dos programas de assistência à dupla carreira na Europa, Torregrossa, Regüela e Mateos (2020) relataram que, desde o início dos anos 2000, os Estados Unidos também utilizam a mesma estratégia por meio do Programa Estudante-Atleta da Associação Atlética Nacional – NCAA (anteriormente conhecido como CHAMPS/Life Skills Program). A NCAA oferece também o "After the Game" (NATIONAL COLLEGIATE ATHLETIC ASSOCIATION, 2020c) que reúne orientações relacionadas à experiência do ex-aluno-atleta no sentido de auxiliá-los neste processo de transição. Recentemente, Hansen, Perry, Ross e Montgomery (2019) reportaram ações específicas nos Estados Unidos como um Workshop elaborado por uma universidade, para estudantes-atletas universitários, visando a preparação para a transição para o esporte após a formatura na faculdade (HANSEN *et al*., 2019).

Quanto a programas no âmbito das nações voltados a dar apoio aos atletas, países como a Espanha, Suécia, Alemanha, Irlanda, Dinamarca e Finlândia oferecem serviços de suporte à transição de carreira atlética, desenvolvimento educacional, estágios e empregabilidade (HALLMANN; BREUER; ILLGNER; ROSSI, 2019; EU GUIDELINES ON DUAL CAREERS OF ATHLETES, 2012). Ainda em âmbito internacional, o Comitê Olímpico Internacional (COI) destaca a importância do planejamento em relação a carreira do atleta e dá diretriz e suporte aos países, através do Programa Athlete365 Career + (anteriormente o Programa de Carreira dos Atletas, criado em 2005) (COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 2020b).

No âmbito nacional, o Comitê Olímpico do Brasil (COB) desenvolve, a partir do Programa do COI e por intermédio do Instituto Olímpico Brasileiro (IOB), ações como o Programa de Carreira do Atleta (PCA) desde 2011, para que os atletas possam se planejar e preparar desde a iniciação da carreira atlética de alto rendimento até a transição para o pós-carreira atlética, oferecendo condições e ferramentas por meio de três núcleos: O Núcleo de Atletas em Transição de Carreira, o Núcleo de Jovens Atletas e o curso de formação em Coaching (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2019a).

No âmbito das Confederações, a Confederação Brasileira de Judô elaborou junto ao COB uma proposta metodológica para o desenvolvimento de judocas até a categoria sênior (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2021). No entanto, nenhuma ação foi apresentada no sentido de preparar os atletas para a transição para pós-carreira. Já a Confederação Brasileira de Vôlei apresentou recentemente uma iniciativa de conciliação de estudos (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VÔLEI, 2021a; 2021b; 2022) mas de maneira geral não há informações sobre critérios para a participação nesse programa bem como as ações voltadas para a transição de carreira e a qual momento esta transição se refere. Desta forma,

pode-se pressupor que os programas nacionais não atendem grande parte dos atletas de alto rendimento pois, além dos fatores destacados acima, as edições dos programas apresentam vagas limitadas - 25 na edição de 2021 do PAC do COB –, restrições geográficas e não oferecem subsídio para possíveis despesas com deslocamentos, hospedagem e alimentação durante o período de participação (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022a).

No Brasil, as pesquisas seguem as tendências internacionais iniciando sobre as causas e consequências da transição de carreira (BRANDÃO; AKEL; ANDRADE; GIUSELINI; MARTINI; NASTÁS, 2000; AGRESTA; BRANDÃO; NETO, 2008), passando pela perspectiva social da carreira do atleta de alto rendimento (ROGÉRIO, 2014), perspectiva psicológica da transição entre as categorias (JUSTINO, 2014) e a gestão da carreira atlética em determinada modalidade (ANGELO, 2014).

Partindo do pressuposto da não existência de uma diretriz para programas e políticas em relação aos processos de preparação para a transição pós-carreira atlética que possam atender um número maior de atletas no Brasil e da escassez de estudos no âmbito nacional, torna-se relevante a investigação do processo de transição para o pós-carreira atlética. A modalidade maratona aquática foi escolhida dado seu alto nível, com duas medalhas olímpicas conquistadas nas edições de 2016 no Rio de Janeiro (medalha de bronze com Poliana Okimoto) e de 2020 em Tóquio (medalha de ouro com Ana Marcela Cunha), área de interesse do ponto de vista científico e atuação profissional citados anteriormente.

A partir da problemática e contextualização sobre os caminhos oportunidades que os atletas podem contar e/ou recebem ao atingir o melhor desempenho da vida esportiva, constrói-se a seguinte questão central: quais elementos balizadores ou estratégias as entidades esportivas podem utilizar e/ou se basear para elaborar programas de assistência de carreira para a transição para o pós-carreira atlética?

Assim, o presente estudo visa preencher uma lacuna existente no sentido de fornecer diretrizes para elaboração de programas que possam ser desenvolvidos por entidades esportivas sejam elas de administração do esporte como Confederações e Federações como também sua ampliação às entidades de prática esportiva como clubes e associações de modo que mais atletas tenham acesso à esse tipo de suporte no sentido de diminuir os impactos causados no momento de transição para fora do esporte ativo como é o caso da aposentadoria enquanto atleta.

Neste sentido, pretende-se com esta pesquisa reunir o conhecimento advindo de modelos teóricos, de programas práticos e realidade brasileira para levantar elementos que poderão nortear programas e ações que possam ser construídos e oferecidos por entidades nacionais de administração do esporte.

1.1 Objetivos

No sentido de responder à questão central, para a presente tese foi definido um objetivo geral e dois específicos:

a) Objetivo geral: levantar elementos norteadores para construção de programa de transição de carreira para o pós-carreira de atletas da maratona aquática na realidade brasileira.

b) Objetivos específicos:

- Identificar e comparar os elementos que constituem os modelos teóricos e programas de transição pós-carreira atlética no contexto internacional e nacional;
- Levantar a percepção sobre o processo de transição para o pós-carreira de maratonistas aquáticos brasileiros (pré, durante e pós transição pós-carreira)

É importante ressaltar que, embora os estudos sobre essa temática tenham sido desenvolvidos no início no campo da psicologia do esporte e posteriormente no campo da gestão do esporte, a presente pesquisa delimita-se a este segundo campo de investigação.

1.2 Justificativa

A literatura aponta que, dada a grande possibilidade de consequências negativas associadas à fase pós-carreira atlética, são necessários mais programas baseados em evidências para atingir uma adaptação saudável à vida nesta nova etapa (HANSEN *et al*., 2019; RUBIO, 2012; ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010; BRANDÃO *et al*., 2000).

Esta discussão faz-se importante diante da rotina imposta ao atleta de alto rendimento desde os anos que precedem o início do seu destaque no esporte, na qual nem sempre é possível conciliar os estudos visando uma profissão ou trabalho após a carreira atlética. Ou ainda, a necessidade de trabalhar paralelamente aos treinamentos a fim de subsidiar, parcial ou totalmente suas despesas.

Nem todos os atletas encontram-se em condições, seja por conta do desempenho ou estrutura, que possibilite manter os estudos pois muitos realizam seus treinos em horários que inviabilizam a presença nas aulas. Há incompatibilidade nessas atividades presenciais e, talvez, um dos recursos possíveis seria realizar estudos *online*, mas nem todos os cursos são possíveis ou estão disponíveis neste formato, embora muitas instituições de ensino tenham desenvolvido algum meio, em função da pandemia da COVID-19. E, ainda que o atleta consiga realizar os estudos, no momento do estágio ou experiência que possibilite vivenciar a profissão futura, as entidades de prática esportiva e empresas não apresentam flexibilidade da rotina esportiva, que contempla treinos extras, competições e viagens. Afinal, quem vai ter interesse em um estagiário ou funcionário que atua de maneira irregular?

Diante deste cenário, o atleta, ainda que consiga realizar os estudos, não encontra suporte para realizar essa transição de maneira gradativa, na qual possa dar os primeiros passos a uma nova carreira ao mesmo tempo em que diminui suas atividades esportivas. De maneira geral, este suporte não é oferecido nem pelos *stakeholders* do esporte, nem pela empresa.: não há nenhuma sistematização neste sentido. No entanto, de maneira informal, é possível observar diversos atletas que, por iniciativa e diálogos individuais, formatam seu próprio caminho viabilizando essa transição da carreira atlética para o pós-carreira atlética.

São inúmeros os atletas que encerram suas carreiras, sendo participantes ou não em eventos internacionais, mas pouquíssimos têm a possibilidade de serem atendidos pelo programa oferecido pelo COB. Considerando o número restrito de atletas por país em eventos internacionais de maratona aquática, este número se torna ainda menor sendo geralmente dois do sexo feminino e dois do sexo masculino. Outros tantos adiam ao máximo o fim da sua carreira atlética por não se sentirem preparados para fazer nada diferente disso: não conseguem estabelecer novos objetivos, afirmam não saber fazer outra coisa a não ser treinar e competir, não conseguem identificar outras motivações, paixões e prazeres fora deste ambiente. Ou seja, diante de tal exclusividade ao esporte, criam uma identidade muito forte que dificulta o olhar para novas possibilidades.

Tomando como base os modelos de carreira e programas existentes, é possível que Confederações, Federações e entidades de prática proporcionem um ambiente no qual o atleta desenvolva essa consciência de que é importante se preparar para sua vida após o esporte ainda durante sua dedicação aos treinos e competições. E, também, que essas mesmas entidades ofereçam suporte ao atleta durante a formação além do esporte e nesse período de transição por meio de programas que atendam um maior número de atletas.

Para tanto, torna-se importante verificar como estão estruturados os modelos existentes na literatura bem como os programas para a transição da carreira para o pós-carreira atlética em outros países, como ocorre e qual o impacto do suporte oferecido de maneira formal e/ou informal pelas entidades de prática brasileiras visando a transição da carreira no país; já que alguns instrumentos têm sido utilizados nas pesquisas que abordam a transição da carreira atlética, mas nenhum deles aborda este aspecto sob o ponto do vista das ações realizadas pelas entidades de prática esportiva (BRANDÃO *et al*., 2000) ou ainda não consideraram o contexto cultural (PARK; LAVALLEE; TOD, 2013; STAMBULOVA; RYBA, 2013) na maratona aquática.

Por meio da obtenção e análise destas informações, e com a construção do modelo, entende-se ser possível contribuir para que o atleta de maratona aquática brasileiro tenha

condições de se preparar adequadamente para sua vida pós-carreira atlética, minimizando os efeitos negativos desta transição e possibilitando a identificação de novos propósitos, objetivos e desafios em sua segunda carreira profissional apoiados por ação conjunta de governo, gestores esportivos, sociedade e instituições de ensino/universidade.

1.3 Caracterização da pesquisa

A pesquisa é definida como processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico e tem por objetivo obter respostas para problemas por meio do emprego de procedimentos científicos. Entende-se por método científico os procedimentos mentais e técnicos necessários para alcançar determinado conhecimento. Para que um conhecimento seja considerado científico, é preciso identificar o conjunto de procedimentos que possibilitam sua verificação, pois o objetivo da ciência é atingir a veracidade dos fatos (GIL, 2002; GAYA, 2008).

A partir desses conceitos, para que seja possível determinar o percurso para chegar ao objetivo da pesquisa, é necessário classificar a pesquisa quanto a sua natureza, objetivos e abordagem (GIL, 2002; PRODANOV; FREITAS, 2013; VEAL; DARCY, 2014).

A natureza da pesquisa pode ser nomeada como: a) "pura" ou básica – busca-se o avanço da ciência ao resolver questões de ordem intelectual contribuindo para o conhecimento em uma determinada área ou assunto sem se preocupar com sua aplicação, como ocorre na construção de teorias e leis; ou b) aplicada – busca solucionar questões observadas na prática por meio da aplicação das teorias e leis construídas pela pesquisa básica de modo a contribuir para a resolução de problemas de práticos (GIL, 2002; THOMAS, NELSON; SILVERMAN, 2011; PITTS; LI; KIM, 2019).

Sobre os objetivos, as pesquisas podem ser classificadas como:

a) Exploratórias: visam desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias oferecendo maior familiaridade com o problema proposto que com frequência envolvem levantamento bibliográfico, documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso (GIL, 2002; PITTS; LI; KIM, 2019).
b) Descritivas: buscam descrever as características de uma população (por exemplo: idade, sexo, nível de escolaridade, etc.) ou fenômeno ou, identificar relações entre variáveis (por exemplo: relação entre preferência político-partidária e nível de rendimento ou de escolaridade) por meio de questionário ou observação sistemática para a coleta de dados ou, ainda, determinar a natureza da relação entre essas variáveis de modo que a

aproximaria da pesquisa explicativa assumindo a forma de levantamento (GIL, 2002; PITTS; LI; KIM, 2019).

c) Explicativas: são as que mais se aprofundam o conhecimento da realidade, pois têm por objetivo verificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos assim, explicando o motivo das coisas por meio de método experimental ou observacional denominados "quase experimentais" (GIL, 2002; PITTS; LI; KIM, 2019).

Segundo Gil (2002), para classificar as pesquisas como exploratórias, descritivas ou explicativas, é necessário determinar o delineamento, ou seja, apresentar como a pesquisa pretende ser desenvolvida quanto aos procedimentos técnicos para a coleta e a análise de dados. Um grupo de delineamento pode ser obtido por meio das fontes de "papel", por meio de bibliográfica e/ou documental ou, fornecidos por pessoas, como a pesquisa experimental, a *ex-post-facto*, o levantamento e o estudo de caso. Gil (2002) relata ainda que parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como a pesquisa bibliográfica, assim como certo número de pesquisas são desenvolvidas a partir da análise de conteúdo. Como principal vantagem, a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador investigar uma gama de fenômenos maior do que a que poderia pesquisar diretamente.

Considerando o ineditismo da pesquisa ao propor um modelo que auxilie entidades esportivas na construção de programas de assistência de carreira para a transição pós-carreira de maratonistas aquáticos brasileiros, a necessidade de investigar o fenômeno sob a perspectiva cultural e a ausência de programas no cenário brasileiro, foi definido que para o momento seria mais relevante para dar subsídios às entidades de administração e prática do esporte, utilizar a revisão de literatura para a fundamentação teórica e a pesquisa bibliográfica na ETAPA 1 desta tese.

Quanto à abordagem, a pesquisa em gestão do esporte (VEAL; DARCY, 2014) também pode ser classificada como pesquisa qualitativa, a qual se refere ao tipo de metodologia que tenta explicar o fenômeno a ser investigado sem o uso de medidas quantitativas para descrevê-lo, ou pesquisa quantitativa, que emprega medições e análises estatísticas para explicar o fenômeno investigado (FLICK, 2013; THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2011). De acordo com Gil (2002), a análise qualitativa depende de fatores como a natureza dos dados obtidos, tamanho da amostra, instrumentos utilizados para a pesquisa e os pressupostos teóricos que envolvem o estudo portanto, neste processo consta a redução, categorização e interpretação dos dados bem como a redação do relatório de pesquisa.

Diante do exposto, a presente pesquisa se caracteriza quanto à sua natureza como aplicada, pois pretende obter respostas para problemas de ordem prática; quanto aos objetivos como exploratória, pois visa conhecer e identificar as características de um fenômeno como a transição pós-carreira atlética, levantando elementos que permitam que entidades de administração e de prática do esporte possam adaptar o modelo à sua realidade (modalidade, região, cultura) e de abordagem qualitativa.

A partir dos objetivos, métodos e dados utilizados a pesquisa foi realizada em três etapas:

- ETAPA I – síntese dos modelos teóricos e programas internacionais e nacionais
- ETAPA II – análise do processo de transição pós-carreira atlética dos maratonistas aquáticos brasileiros
- ETAPA III – proposição de elementos para a construção de um modelo para entidades de administração e prática esportiva.

1.4 Organização da Tese

Em função dos objetivos os quais são investigados, a presente tese está organizada em seis capítulos. Os dois primeiros envolvem a Introdução e a Fundamentação teórica, considerando os tópicos Contextualização de carreira e carreira atlética, Modelos teóricos de transição de carreira atlética, Programas de suporte para o pós-carreira atlética, Pesquisas sobre o tema e Programas de desenvolvimento de atletas de maratona aquática.

O terceiro capítulo (ETAPA I) apresenta, por meio do levantamento, a identificação e comparação e síntese dos elementos que compõem os modelos e programas de assistência de carreira voltados para a transição pós-carreira atlética, dos modelos teóricos e programas internacionais e nacionais e, dos programas de desenvolvimento de atletas de maratona aquática.

No quarto capítulo (ETAPA II) está contido o levantamento e análise do processo de transição pós-carreira atlética dos maratonistas aquáticos brasileiros. No quinto capítulo (ETAPA III) é apresentada a proposta de programa com seus respectivos elementos norteadores. No sexto capítulo são apresentadas as considerações finais, limitações da pesquisa, implicações teóricas e práticas e por fim as referências, apêndices e anexos utilizados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para esclarecer aspectos importantes da investigação e desenvolvimento desta temática, a presente revisão de literatura abordará três tópicos: Contextualização de carreira e carreira atlética, Modelos teóricos de transição de carreira atlética, Programas de suporte para a transição de carreira atlética para o pós-carreira atlética no contexto internacional e nacional e Programas de desenvolvimento de maratonistas aquáticos.

2.1 Contextualização de carreira e carreira atlética

Nas últimas décadas, tem sido percebida uma velocidade de mudanças e ajustes necessários à carreira cada vez maiores (KILIMNIK; RODRIGUES, 2000), e com relação ao que diz respeito à carreira em diferentes áreas e ao esporte não tem sido diferente. A grande concorrência entre as empresas, por exemplo, exige de seus altos executivos uma dedicação que muitas vezes pode ser considerada exclusiva e exaustiva como a rotina do atleta de alto rendimento. No entanto, a transição da carreira acontece de modo diferente em ambos os casos, pois a carreira atlética ocorre de maneira mais breve que as demais carreiras profissionais (RUBIO, 2012).

A noção de carreira é considerada recente, pois em um contexto histórico ela surgiu entre os séculos XIX e XX, possibilitava inicialmente empregos e estabilidade; mas a partir da década de 1970 caracterizou-se pela diversidade em termos étnicos, sexual e social, além de mudanças constantes no próprio indivíduo que alternam aprendizagem, domínio de conhecimento e reaprendizagem fundamentais para a sobrevivência das empresas (KILIMNIK; RODRIGUES, 2000). Diante dessa configuração atual, as carreiras passaram a ser cíclicas, com desenvolvimento horizontal (KILIMNIK; RODRIGUES, 2000) e consideradas multidirecionais, substituindo o sistema linear de carreira (BARUCH, 2004), no qual os profissionais permaneciam na mesma carreira durante longos períodos, por vezes iniciando e se aposentando na mesma empresa.

A carreira é o fator principal da vida do profissional, pois nela está envolvido o trabalho que permite a este indivíduo senso de propósito, desafio, satisfação pessoal, renda, identidade, criatividade, status e acesso à rede social (BARUCH, 2004). Devido à importância do trabalho na vida das pessoas, na ausência deste, muitos se sentem deprimidos, desestruturados emocionalmente e associam a um sentimento de que não há contribuições a fazer (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010). Desta forma, as transições da e de carreira, bem como a

aposentadoria, devem ser planejadas para que, diante da necessidade de mudança, existam outras possibilidades de atuação profissional e ainda que seja voluntária, atribua sentido e atenda às necessidades físicas, emocionais, financeiras e sociais do indivíduo seja ele atleta ou não-atleta.

De acordo com pesquisadores, a dificuldade no planejamento está na falta de flexibilidade do tempo e não na ausência do mesmo, pois embora o profissional possa ser muito ocupado é indispensável que ele priorize o próprio tempo com o que de fato importa. Este cenário também se aplica ao esporte, pois quanto maior o nível do atleta, maior a dedicação aos treinamentos e rotinas de competição em detrimento dos estudos, muitas das vezes, por incompatibilidade de horários ou ausência de parceria entre entidade de prática esportiva e escolas/colégios/universidades que entendam e atendam esse público de maneira diferenciada (SENGE; KLEINER; ROSS; ROBERTS; ROTH; SMITH, 1999).

A profissionalização da atividade esportiva é considerada um fenômeno recente, com início na década de 1980, que impactou fortemente o atleta diante das mudanças oriundas desta transformação como a inclusão das transmissões televisivas (Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964) e os grandes investimentos (Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984) despertando o interesse das empresas para associar sua marca aos atletas profissionais pela sua mais alta performance (RUBIO, 2021).

Ainda que o atleta brasileiro de rendimento, de acordo com a Lei nº 9.615/98, seja considerado profissional apenas quando é firmado um contrato formal de trabalho remunerado com a entidade de prática esportiva (BRASIL, 1998), o volume de treinamento dos não-profissionais por muitas vezes também inviabiliza o desenvolvimento em outras esferas importantes como social (LOPES, 2009) e acadêmica (Desenvolvimento Holístico) resultando em dedicação quase exclusiva à modalidade praticada para obter resultados esportivos cada vez melhores, gerando assim uma forte identidade atlética com o esporte resultando em uma barreira para encerrar a carreira que, de maneira geral, possui término precoce (RUBIO, 2021).

Dentro ou mesmo fora do esporte, a vida de uma pessoa é uma constante sobreposição de ciclos que se iniciam, desenvolvem e se encerram. Quando pequenas, as crianças são questionadas sobre o que querem ser quando crescer, são estimuladas a atingir metas, crescem buscando modelos de sucesso, mas poucas são orientadas quanto à necessidade de preparo, adaptação e ajustes ao longo de toda existência (RUBIO, 2012; ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010). Esse quadro também acontece com o atleta, seja para definir novos rumos na carreira profissional, diante dos desafios, ou para encerrar a carreira e se manter no esporte como técnico ou dirigente, por exemplo, ou iniciar uma nova profissão sem relação com o esporte.

Com a proximidade do fim da carreira profissional, e no caso do atleta da carreira atlética, a aposentadoria pode ser assustadora, pois de acordo com um de seus significados no dicionário Michaelis é “pôr de lado”, “deixar de usar”, mas também significa “reformar-se” dando um novo sentido, ou seja, permitindo que seja possível reinventar-se em uma nova função. E é neste segundo significado que o presente trabalho busca conscientizar todos os envolvidos (*stakeholders*) com o esporte de alto rendimento; sejam eles técnicos, familiares, gestores esportivos, instituições de ensino, governantes e principalmente os próprios atletas quanto à necessidade de buscar esse aperfeiçoamento durante a carreira atlética para que no momento em que seus corpos não responderem mais às altas cargas de treinamento, eles possam desenvolver novas habilidades e interesses.

Segundo Zanelli, Silva e Soares (2010) alguns pesquisadores abordam a aposentadoria como “a nova etapa da carreira” (SCHEIN, 1978) ou ainda como “pós-carreira”, por compreender que atualmente e no futuro, cada vez mais, a aposentadoria deverá integrar o conjunto de políticas das corporações (BERNHOEFT, 2009). Essa postura reforça a necessidade de união de diferentes profissionais e entidades que auxiliem na aposentadoria da carreira atlética para o início de uma nova carreira profissional que pode estar atrelada ou não ao esporte.

Especificamente com relação ao esporte, as pesquisas geralmente utilizam o termo carreira esportiva, mas no presente trabalho foi adotado o termo carreira atlética por entender que o atleta, ainda que encerre sua carreira na condição de atleta, pode optar ou ter a oportunidade de continuar no esporte como treinador/técnico ou gestor esportivo, dando sequência à sua carreira esportiva (NAKATA, 2014).

2.2 Modelos teóricos de transição de carreira atlética

Durante a carreira atlética, considerada um processo plurianual, o atleta passa por várias transições, como a transição da iniciação esportiva para o treinamento intenso, até chegar à alta competição; do esporte infantil para o juvenil, júnior, adulta e categoria sênior; do esporte amador para o profissional até a transição para o término da carreira atlética (RUBIO, 2012; WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMAN, 1999). Entende-se por transições de carreira as fases normativas (isto é, relativamente previsíveis devido ao desenvolvimento dos atletas assim como a aposentadoria atlética), não-normativas (menos ou dificilmente previsíveis como lesão) no desenvolvimento de carreiras, desencadeadas por um novo conjunto de demandas com as quais os atletas têm que lidar para continuar com sucesso no esporte ou para se ajustarem a

carreira pós-atlética (STAMBULOVA; RYBA, 2013) e, mais recentemente quase-normativas como transições previsíveis para uma categoria específica de atletas com a possibilidade de se preparar com antecedência (como as transições culturais) (STAMBULOVA; RYBA; HENRIKSEN, 2020).

Outro desafio que vem com a transição de uma carreira atlética para o seu término é lidar com as expectativas que existem para o atleta, especialmente durante seus últimos Jogos Olímpicos ou competição de alto nível. Primeiro, há o "peso" que os últimos Jogos carregam em suas mentes. Muitas vezes, os atletas sentem que seu tempo de sucesso é "agora ou nunca" e não levam em conta toda a sua experiência atlética, atribuindo seu sucesso atlético a uma única competição e colocando estresse desnecessário sobre si mesmos antes de tal evento. Portanto, é importante ajudar os atletas a entender o valor de sua carreira atlética como um todo, o que não só os ajudará a sair do esporte, mas também reduzir a pressão e ajudá-los a ter sucesso em sua competição atlética ou seus Jogos Olímpicos finais (STAMBULOVA; RYBA, 2013).

Para realizar essa transição com sucesso, é necessário que o atleta busque a autonomia pessoal durante a carreira atlética bem como a consciência de diversas formas de investimento, reinvestimento e desinvestimento dentro e/ou fora do ambiente esportivo (RUBIO, 2012). Segundo Brandão *et al*. (2000), a qualidade dessas transições depende da adaptação quanto às experiências de desenvolvimento, autoconceito, percepções de controle, identificação social e contribuições de terceiros, recursos disponíveis para essas adaptações, suporte social e planejamento do desinvestimento na carreira atlética. Neste sentido, Bastos (2009) afirma que aspectos sociais como pais, amigos e técnicos auxiliam neste processo de preparação para o planejamento da carreira atlética até o seu encerramento indicando de modo que a comunicação se torna um agente facilitador e eficaz nesta ação.

Sob o ponto de vista da psicologia do esporte, Stambulova, Ryba e Henriksen (2020) apresentaram uma atualização e revisão sobre o desenvolvimento de carreira e transições de atletas, que aborda a práxis cultural em modelos e conceituações em diferentes períodos.

2.2.1 Modelos teóricos Tanatológicos e de Gerontologia Social

Buscando auxiliar neste processo, alguns modelos teóricos de desenvolvimento da carreira esportiva têm sido discutidos na literatura como os modelos tanatológicos (ou seja, o estudo do processo de morrer e da morte) e gerontologia social (ou seja, o estudo do processo de envelhecimento) (WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMAN, 1999).

Vários modelos tanatológicos foram sugeridos, como o modelo "Morte Social", que implica que a aposentadoria atlética é comparável à perda de funcionamento social, isolamento

e ostracismo (WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMAN, 1999). Dentre esses modelos, pode ser considerada a morte percebida ou, como Wylleman, Lavallee e Alferman (1999) chamam, de perspectiva da "Consciência social", que acontece em vários momentos e graus entre o observador, no qual Kalish (1966) apresenta os conceitos de morte social, morte psicológica e imortalidade social. Além desta perspectiva, Kübler-Ross (1997) aponta cinco estágios enfrentados por pacientes terminais, que foram nomeados por Wylleman, Lavallee e Alferman (1999) como "Estágios da morte" para descrever os estados emocionais de negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação.

Sobre os modelos de gerontologia social encontram-se: a subcultura do envelhecimento que surge diante da mudança nas interações sociais e desengajamento involuntário criando novas relações entre os próprios idosos (ROSE, 1962) e a teoria da continuidade que oferece uma explicação sobre a forma que os adultos aplicam conceitos do seu passado para conceber seu futuro e estruturar suas escolhas diante das mudanças provocadas pelo envelhecimento natural (ATCHLEY, 1989).

Embora os modelos tanatológicos e de gerontologia social tenham sido importantes para estimular a pesquisa sobre o término da carreira, essas perspectivas apresentam limitações (por exemplo, desenvolvimento de populações não esportivas) tornando-os menos adequadas para explicar o processo final da carreira atlética (WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMAN, 1999; BRANDÃO *et al*. 2000).

2.2.2 Modelos teóricos Analítico e de Adaptação Humana à Transição

Se opondo aos dois modelos anteriores, dois novos modelos foram desenvolvidos considerando a transição da carreira atlética para o pós-carreira como um processo e não um acontecimento pontual: o Modelo analítico e o Modelo de Adaptação humana à transição (WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMAN, 1999).

O modelo analítico de carreira foi descrito por Stambulova (1994) e está baseado em uma análise do curso da carreira atlética, expressa em estágio previsíveis de desenvolvimento como: o comprimento da carreira em tempo, a generalização e especialização, o nível de realização e o custo enquanto gasto energético dos atletas. Além desses estágios, são apontadas sete crises, ou seja, fases transitórias previsíveis associadas a dificuldades e superação na carreira atlética a seguir:

1) início da especialização esportiva;

2) transição para o treinamento intensivo especial;

3) transição do esporte da base para o alto rendimento;

4) transição do esporte juvenil para o adulto;

5) transição do esporte amador para o profissional;

6) transição do ponto culminante para o final da carreira atlética e;

7) fim da carreira atlética.

Já os modelos de adaptação humana à transição abordados fornecem uma definição quanto adaptação à transição como um evento ou não evento que altera a percepção do indivíduo e do mundo exigindo mudança nas premissas ou no comportamento que podem ser positivas ou negativas (SCHLOSSBERG, 1981) e um conceito de que a aposentadoria é um processo abrangente que envolve desde o início até a conclusão da carreira atlética (TAYLOR; OGILVIE, 1994)

Sob o ponto de vista de Schlossberg (1981) três conjuntos de fatores parecem influenciar as adaptações à transição:

1) as características da própria transição (mudança de papel por meio de ganho ou perda, afeto positivo ou negativo, fonte interna ou externa, timing pontual ou tempo livre, duração permanente, temporária ou incerta e grau de estresse);

2) as características dos suportes pré e pós-transição e o ambiente físico; e

3) as características do indivíduo (competência psicossocial, sexo, idade e estágio da vida, estado de saúde, raça/etnia, status socioeconômico, orientação de valor e experiência de natureza semelhante).

Já para Taylor e Ogilvie (1994) a aposentadoria atlética deve considerar eventos prévios dentro e fora do domínio esportivo e divididos em cinco etapas como:

1) fatores casuais que iniciam o processo de aposentadoria;

2) fatores relacionados à adaptação à aposentadoria;

3) recursos disponíveis que afetarão a resposta à aposentadoria;

4) qualidade da adaptação à aposentadoria e;

5) questões de tratamento para reações angustiantes à aposentadoria.

De qualquer forma, Stambulova (1994) afirma que as carreiras dos atletas possuem um número de crises que varia de acordo com a maneira em que lidam com as novas dificuldades e problemas podendo até se aposentar prematuramente além dos fatores apresentarem relevância diferente de um atleta para outro (SCHLOSSBERG, 1981).

2.2.3 Modelo *SPLISS* – Pilar 5 (suporte durante e pós-carreira atlética)

O modelo *Sports Policies Factors Leading to International Sporting Success* (SPLISS) (DE BOSSCHER *et al*., 2008; 2015) foi elaborado com o objetivo de identificar e quantificar os fatores de política de esporte que levam ao sucesso esportivo internacional reunindo-os em nove pilares: 1) suporte financeiro, 2) governança, organização e estruturas de políticas para o esporte, 3) participação e esporte de base, 4) sistema de identificação e desenvolvimento de talentos, 5) suporte para atletas e pós-carreira, 6) instalações esportivas, 7) desenvolvimento e suporte para técnicos, 8) competições nacionais e internacionais e 9) pesquisa científica e inovação (Figura 1).

Figura 1 – Modelo *SPLISS* (*Sports Policies Factors Leading to International Sporting Success*) – pilares de Política esportiva que levam ao sucesso esportivo internacional.

Fonte: Böhme e Bastos (2016, p.41)

Ainda que não seja um modelo exclusivo sobre carreira atlética e suas transições, o *SPLISS* apresenta a perspectiva da gestão do esporte e através do Pilar 5 apresenta diretrizes voltadas ao suporte para a carreira e pós-carreira atlética conforme apresentado no Quadro 1, onde estão descritos seus quatro indicadores e dez fatores críticos de sucesso (FCS):

Quadro 1 Pilar 5: suporte para atletas e pós-carreira esportiva – 4 indicadores e 10 fatores críticos de sucesso (FCS).

Indicadores	
1 – Há uma definição nacionalmente aceita de atleta de alto rendimento apara todos os esportes.	
FCS 5.1	Há uma definição padronizada para todos os esportes que define quais atletas são elegíveis para suporte e, talvez, custeamento direto.
2 – O padrão de vida individual dos atletas é suficiente para que eles se concentrem em seus esportes em tempo integral.	
FCS 5.2	A renda mensal dos atletas (renda bruta total) em geral e a renda provinda de suas atividades esportivas é suficiente.
FCS 5.3	Os empregadores apoiam as carreiras dos atletas.
FCS 5.4	O esporte de alto rendimento é a atividade primária integral para atletas de alto rendimento.
FCS 5.5	Os atletas podem receber suporte financeiro que permitam a eles dedicar-se suficientemente a seus esportes e sustentar-se enquanto se preparam para competir e quando competem no esporte de alto rendimento.
3 – Existe um programa de suporte coordenado para atletas de alto rendimento.	
FCS 5.6	Há um programa de suporte coordenado para atletas de alto rendimento (além de suporte financeiro) incluindo treinamento da carreira, assessoria jurídica, treinamento de mídia, apoio técnico (técnicos especializados), apoio ao treinamento e à competição (instalações de treinamento, campos de treinamento), apoio da Ciência do Esporte (Força e Condicionamento, Nutrição, Treinamento Mental), apoio da Medicina Esportiva (médicos especialistas, fisioterapeutas etc.).
FCS 5.7	Profissionais específicos são indicados para orientar e ajudar os atletas durante suas carreiras.
FCS 5.8	Existe um programa de suporte coordenado para apoiar a transição do atleta do nível juvenil para o adulto.
4 – Os atletas podem receber suporte pós-carreira e são preparados adequadamente para a vida pós-carreira esportiva.	
FCS 5.9	**O governo ou os órgãos esportivos nacionais oferecem um programa de suporte pós-carreira para preparar e auxiliar os atletas para a vida após o esporte, que inclui: suporte financeiro (em estágios iniciais) após suas carreiras esportivas, suporte para os estudos (para atletas que querem iniciar ou finalizar seus estudos), ofertas de emprego, assistência e consultoria pessoal (em estágios iniciais) para procurar um trabalho adequado para o pós-carreira, suporte para qualidade de vida, preparação para candidatura a empregos e suporte psicológico.**
FCS 5.10	**A agência esportiva nacional firmou parcerias específicas (agência de recrutamento, agência de empregos, etc.) para guiar e ajudar atletas durante e após as suas carreiras.**

Fonte: Adaptado de Böhme; Bastos (2016).

Especialmente os fatores críticos FCS 5.9 e 5.10, destacados em negrito no Quadro 1, tratam da existência e oferta de programas de suporte e parcerias estruturados e coordenados relativos ao suporte e a preparação para o pós-carreira, e são considerados na presente pesquisa.

Recentemente, muitas nações tem adotado uma abordagem holística para o desenvolvimento atlético, com os atletas sendo apoiados por uma equipe multidisciplinar para criar um ambiente ideal, incluindo treinamento profissional, assessoria jurídica, treinamento em mídia, suporte técnico (treinadores especializados), suporte em treinos em competições (instalações de treinamento, training camps), suporte da ciência do esporte (força e condicionamento, nutrição, treinamento mental) e apoio da medicina esportiva (médicos especialistas, fisioterapeutas, etc.) (STAMBULOVA; RYBA, 2013; DE BOSSCHER *et al.*, 2008, 2015).

Diante disso, o modelo *SPLISS* considera que as circunstâncias vitais individuais dos atletas devem ser providas de forma que elas possam se concentrar em seu esporte em tempo integral (STAMBULOVA; RYBA, 2013; DE BOSSCHER *et al*., 2008). No entanto, em apenas alguns esportes é possível que os atletas conquistem dinheiro suficiente para viver e pagar todos os custos que eles incorrem. Portanto, os atletas que seguem seu esporte são tratados como funcionários que recebem financiamento para custos de vida e esportivos, o que às vezes é vinculado ao correspondente a um salário mínimo, no Brasil.

2.2.4 Modelo Holístico de desenvolvimento da carreira do atleta

O modelo holístico foi proposto por Wylleman e Lavallee (2004) a partir de uma perspectiva global de desenvolvimento do atleta que reflete transições normativas específicas não só no domínio do desenvolvimento esportivo, como também psicológico, psicossocial, acadêmico/vocacional, financeiro e legal visando estabelecer um sistema para maximizar e manter o desempenho atlético competitivo internacional.

No domínio esportivo os atletas enfrentam transições e fases nomeadamente (1) a fase de iniciação durante a qual os jovens atletas são introduzidos nos desportos competitivos organizados (dos 6 aos 7 anos de idade); (2) a fase de desenvolvimento durante a qual os jovens atletas são reconhecidos como talentosos, trazendo consigo um nível intensivo de treino e competição (dos 12 aos 13 anos); (3) o estágio de domínio refletindo a participação dos atletas no mais alto nível competitivo (de cerca de 18 a 19 anos); e (4) a fase de descontinuação que implica a transição dos atletas de elite para fora dos esportes competitivos (dos 28 aos 30 anos de idade) (WYLLEMAN; REINTS; DE KNOP, 2013).

O segundo domínio reflete as principais transições e estágios no desenvolvimento psicológico dos atletas, incluindo infância, adolescência e (jovem) idade adulta. O terceiro domínio indica as transições e estágios que ocorrem no desenvolvimento psicossocial dos atletas e denota aqueles indivíduos que são percebidos pelos atletas como sendo (mais) significativos durante essa transição ou estágio específico (por exemplo, pais, irmãos, treinador, colegas, parceiro vitalício). O quarto domínio representa as etapas e transições no nível acadêmico e vocacional (ensino fundamental/ensino médio, ensino médio/ensino superior, ensino superior/profissional) (WYLLEMAN; REINTS; DE KNOP, 2013).

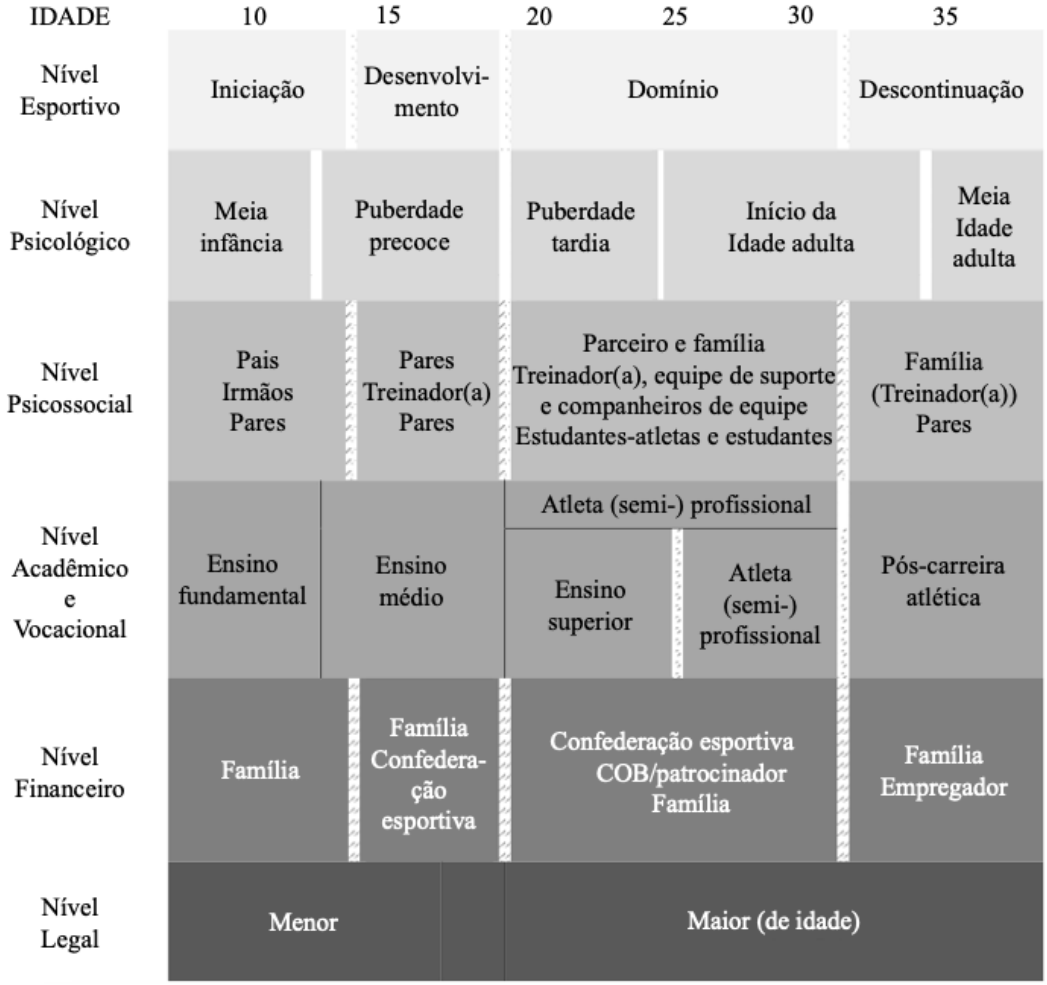
O quinto domínio, denominado financeiro, ilustra a maneira pela qual o envolvimento dos atletas pode ser apoiado financeiramente ao longo e depois de sua carreira atlética iniciando com significativo apoio familiar no início, e para alguns atletas de elite também antes e durante a aposentadoria, o papel de apoio dos órgãos reguladores do esporte como Confederação

esportiva, Comitê Olímpico nacional e/ou patrocinadores (privados) sendo, na sequência, o empregador. O sexto e último domínio, legal, considera aspectos jurídicos abaixo e acima dos 18 anos (WYLLEMAN; REINTS; DE KNOP, 2013).

Ao apresentar a natureza concorrente, interativa e recíproca dessas transições normativas, o modelo *Holistic Athletic Career* mostra que as transições normativas não apenas coincidem, mas também influenciam o desenvolvimento e o sucesso dos atletas em todos os níveis. Deve-se notar que, embora de natureza normativa, as idades específicas em que essas transições ocorrem podem variar.

Esse modelo (Figura 2) contribuiu para a conceituação de transições de carreira porque mostra que os atletas enfrentarão não apenas transições dentro da carreira em nível atlético, mas, na verdade, em diferentes níveis de desenvolvimento (WYLLEMAN, 2019; WYLLEMAN; ROSIER, 2016)

Figura 2 – O modelo de Carreira Holística para Atletas representa transições e estágios enfrentados por atletas nos níveis atlético, psicológico, psicossocial, acadêmico/vocacional financeiro e legal.



Fonte: Adaptada de Wylleman (2019).
Observação. A linha ondulada indica que a idade em que ocorre a transição é uma aproximação.

2.2.5 Modelo de Dupla Carreira

No processo de levantamento bibliográfico, outros três modelos de carreira atlética (Quadro 2) foram identificados pela literatura para diferentes trajetórias (linear, convergente e paralela) de carreira dupla (CD), dependendo de como nível atlético e o nível educacional-profissional foram combinados: a) linear, no qual os esportes recebem dedicação exclusiva; b) convergentes, nos quais os esportes são priorizados, mas compatíveis com uma educação alternativa, e c) paralelo, no qual o esporte e o ensino superior são igualmente priorizados (PALLARÉS; AZÓCAR; TORREGROSA; SELVA; RAMIS, 2011).

Quadro 2 – Detalhamento das categorias dos modelos linear, convergente e paralelo da Dupla Carreira.

Categorias	**Fatores de primeira ordem e subtemas**			
Gerais	**Conciliação**	**Planejamento**	**Estudos/Trabalhos**	**Percepção de aposentadoria**
Linear	Viva do esporte. Responsabilidade e exclusividade com o pólo aquático.	Viver no momento presente. Não se percebe o futuro fora do esporte.	Falta de formação. Profissional de pólo aquático. Salário para jogar e obter uma bolsa de estudos (por exemplo, ADO).	Percepção abrupta do fim da carreira esportiva. Comece do zero. Incerteza em relação ao futuro.
	Discurso de conciliação	**Discurso de planejamento**	**Discurso de estudos/trabalhos**	**Discurso de percepção de aposentadoria**
	... acho que tem uma coisa ruim ... agora estou no pólo aquático, sou jogador de pólo aquático e agora é a única coisa que eu sei...	... jogadores de pólo aquático que ganharam dinheiro fácil, muito jovens, não souberam administrá-lo, ... e aí você vê que eles acabam com a vida esportiva, que não têm	... Também não gostava muito de estudar, sinceramente foi difícil para mim e bom, resolvi abandonar os estudos e me dedicar profissionalmente ao pólo aquático.	... quero jogar 10 anos até os 30, voltar para a França, procurar emprego ou estudar, começar a estudar, sei lá, só não sei.
Convergente	Priorização do espaço esportivo em relação às demais atividades realizadas.	Organização flexível do tempo. Consideração do esporte e do trabalho/estudo que é realizado. Imagem vaga de aposentadoria.	Formação não universitária. Inserção no mundo dos esportes e do trabalho (muitas vezes associado ao esporte) ou educacional.	Menos traumático do que no modelo linear. Mais opções de trabalho são percebidas.
	Discurso de conciliação	**Discurso de planejamento**	**Discurso de estudos/trabalhos**	**Discurso de percepção de aposentadoria**
	... um ciclo médio que era um ano, tirei em dois, por causa das práticas, não consegui mais combinar, já tanto, ... não deu mais ...	... um futuro profissional de longo prazo e tal, seria buscar algo seja como treinador ou ligado à preparação física dos jogadores, algo voltado para o esporte, ainda não me sentei e pensei friamente, mas está ligado a esportes	... sou um cara que esteve ligado ao clube toda a minha vida, fiz cursos, trabalhei no bar ... já fui salva-vidas, já estive com campus de pólo aquático ...	... eu acho que você tem que antecipar, você tem que antecipar assim como eu estou falando sobre a questão do trabalho ... eu já estou procurando saídas possíveis para quando o esporte acabar ...
Paralelo	Equilíbrio entre espaços. A prioridade não é necessariamente o esporte.	Tomada de decisão contínua. Imagem clara de retirada.	Formação contínua e profissional.	Percepção positiva de retirada. Transição suave do esporte para uma vida profissional alternativa.
	Discurso de conciliação	**Discurso de planejamento**	**Discurso de estudos/trabalhos**	**Discurso de percepção de aposentadoria**
	... Eu sempre lembro que em casa eles insistiam bastante que o primeiro eram os estudos e que contanto que eu pudesse combinar, combinar o esporte com os estudos sem problemas e que para eles [os pais] seguisse em frente.	... prefiro focar nos estudos também e ter algo para o dia de amanhã.	... bem, desde que a parte do treinamento me permita continuar treinando e jogando neste nível ..., mas o que eu tenho certeza é que se eu não pudesse pagar, eu me jogaria mais no ramo do treinamento ... o feminino não dá pra você viver disso.	Mas agora, por exemplo as viagens... Tive que pedir uma ausência no trabalho, e sério, no meu trabalho eu posso permitir ... quer dizer, não tive problema com isso.

Fonte: Adaptado de Pallarés *et al*. (2011).

A dupla carreira (DC), definida como uma carreira com os principais focos no esporte e nos estudos ou no trabalho (STAMBULOVA; WYLLEMAN, 2015), também consiste em transições de DC, que são transições simultâneas de atletas no esporte e na educação ou no trabalho. Essas transições (especialmente em termos de esporte e educação) podem ser classificadas como normativas (ou seja, previsíveis) para a maioria dos atletas, pois ocorrem independentemente do seu nível no esporte, assim como fixadas pelo sistema educacional nacional. Considerando que as transições de DC estão inevitavelmente associadas a desafios e mudanças em todos os outros domínios do desenvolvimento dos atletas (atlético, psicológico, psicossocial, acadêmico/vocacional, financeiro e legal) conforme expresso n Figura 2, o uso da perspectiva holística da vida útil soa natural para pesquisas sobre caminhos e transições de DC.

2.3 Programas de suporte para o pós-carreira atlética e pesquisas sobre o tema

Programas de suporte ao pós-carreira atlética têm sido implantados na prática por entidades e países, configurando-se em material de pesquisa relevante. Nesse tópico, são apresentados programas e ações de entidade e países e pesquisas.

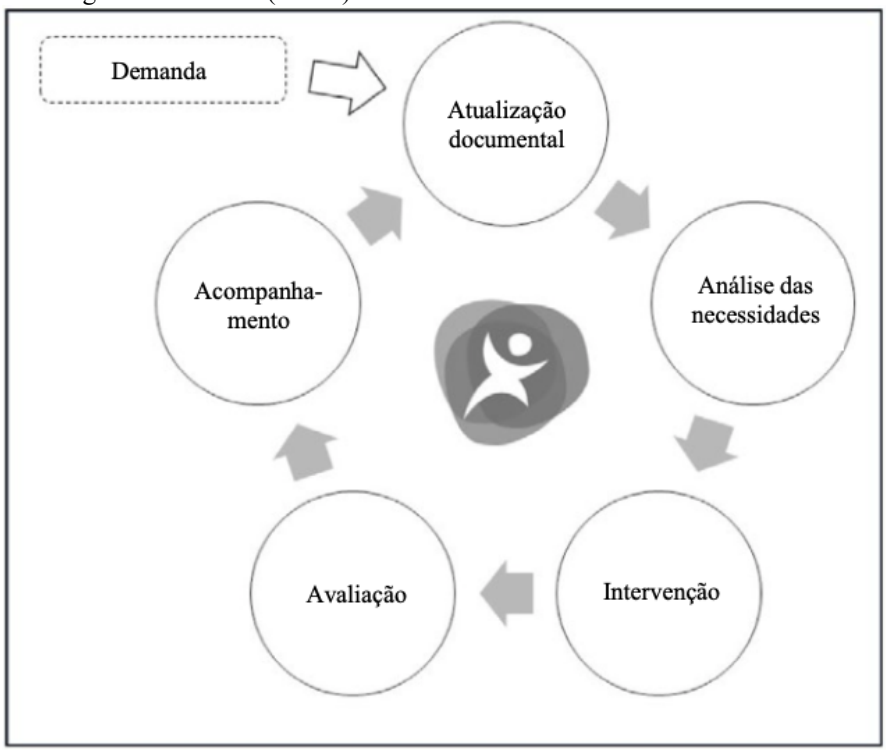
2.3.1 Programas de suporte de diferentes países

Alguns países como a Espanha, Suécia, Alemanha, Irlanda, Dinamarca e Finlândia oferecem serviços de suporte à transição de carreira atlética, desenvolvimento educacional, estágios e empregabilidade (HALLMANN *et al*., 2019; EU GUIDELINES ON DUAL CAREER OF ATHLETES, 2012) conforme descrição a seguir.

O Centro de Alto Desempenho de Sant Cugat, na Espanha, possui um Serviço de Atendimento ao Atleta (SAE) que oferece atenção individual aos atletas diante das transições que eles percorrerão ao longo de suas vidas, principalmente no final do ensino médio e ensino universitário e após a aposentadoria do esporte. Assim, as primeiras experiências de trabalho são facilitadas nas empresas locais próximas ao Centro e a escola pública (IES CAR), que está localizada dentro do centro de treinamento, oferece aulas em horários adaptados para os grupos de treinamento (STAMBULOVA; RYBA, 2013).

Ainda na Espanha, mas em âmbito local, um Programa de Assistência à Dupla Carreira (PADC) foi implementado em um clube multiesportivo particular especializado em esportes aquáticos (JORDANA, PONS, BORRUECO, PALLARÉS, TORREGROSSA, 2019). Para isso, foi adotado o Modelo de Prática Baseada em Evidência desenvolvido pelo Grupo de Estudos em Psicologia do Esporte (GEPE) (Figura 3).

Figura 3 – Modelo (GEPE) – Modelo de Prática Baseada em Evidência.



Fonte: Adaptado de Jordana *et al*. (2019).

O modelo segue as cinco fases propostas por Ramis, Torregrossa, Pallarés, Viladrich e Cruz (2019): (a) analisar as ações realizadas pelo clube para promover a dupla carreira (CD) de seus alunos-atletas, (b) otimizar os recursos de promoção de CD já existentes no clube; e (c) organizar e treinar uma nova equipe de profissionais responsáveis por aconselhar os estudantes-atletas do referido clube.

A primeira fase, de atualização documental, tem como objetivo identificar como o trabalho tem sido realizado e o que tem sido publicado. A segunda fase, que acontece paralelamente à primeira fase, analisa as necessidades do ambiente. Na terceira, ocorre a intervenção, na qual são combinadas as informações coletadas nas duas fases anteriores e a atualização documental garante que o que foi proposto é eficaz e útil aos objetivos do projeto e a análise das necessidades garante que a intervenção possa responder às expectativas e motivações dos atores envolvidos. A quarta fase, de avaliação do programa, é um processo contínuo que tem início desde o planejamento. No entanto, após a fase da intervenção, é feita uma avaliação para verificar se as ações realizadas proporcionaram os resultados esperados por meio dos seguintes elementos: a satisfação dos usuários, a aprendizagem de novos conhecimentos, a implementação da aprendizagem e o efeito final da intervenção no ambiente. Por último, a quinta fase de rastreamento ou acompanhamento, tem por objetivo reavaliar os

elementos de implementação e resultados em um momento mais distante da intervenção para verificar se realmente as mudanças que ocorreram foram mantidas ao longo do tempo.

Dando sequência aos programas desenvolvidos por diferentes países, na Suécia a Malmö Sport Academy da Universidade de Malmö apoia atletas nacionais de elite durante o primeiro ano de ensino universitário, facilitando a transição dentro do sistema educacional e a transição atlética de juniores para seniores. Um conjunto de serviços de apoio à dupla carreira está disponível para os estudantes-atletas como assistência médica, fisiológica, nutricional, psicológica e de carreira (por exemplo, aconselhamento e planejamento de carreira). Os subsídios concedidos aos usuários do programa permitem 25 horas de assistência especializada durante o ano educacional, com base em uma avaliação de suas necessidades individuais ou escolhas pessoais (STAMBULOVA; RYBA, 2013).

Na Alemanha, um conjunto nacional de empresas oferece estágios e empregos compatíveis com o esporte competitivo em período integral. A Sports Aid Foundation fornece uma compensação financeira pela perda de ganhos para empresas que empregam atletas (STAMBULOVA; RYBA, 2013).

A Gaelic Athletic Association e a Gaelic Players Association cooperam em um programa de bem-estar dos jogadores que permite que jogadores e jogadores de futebol gaélicos de toda a Irlanda acessem um programa de desenvolvimento de carreira que inclui um "Pacote de Iniciação de Carreira", um "Pacote de Desenvolvimento de Carreira", "Business Mentoring", "Business Start-up & Development" e "Up Skilling" (STAMBULOVA; RYBA, 2013).

A equipe Dinamarca estabeleceu cooperação com uma "rede de ouro" de uma ampla variedade de empresas, oferecendo aos atletas de classe mundial empregos flexíveis. Em estreita cooperação com os comitês olímpicos de vários Estados-Membros, a Adecco oferece posições de meio período com flexibilidade incorporada para levar em consideração os horários dos atletas (STAMBULOVA; RYBA, 2013).

A "Sports Academy Network" finlandesa informa os atletas sobre os serviços disponíveis, incluindo conselhos adicionais sobre serviços de colocação de emprego (STAMBULOVA; RYBA, 2013).

Uma visão sintetizada dos programas desenvolvidos em diferentes países também revela diferentes enfoques, os quais expõem a diversidade de aspectos culturais educacionais, sócio-econômicos e políticos, além das políticas de esporte de cada um, fatores já destacados por estudiosos do desenvolvimento do esporte de alto rendimento (GREEN; OAKLEY, 2001; DE BOSSCHER *et al*., 2015).

2.3.2 Programas de suporte de entidades esportivas internacionais e nacionais

O Comitê Olímpico Internacional (COI) apresentou em 2005 o *Athlete365 Career+* (antigo Athlete Career Programme – ACP) que, em cooperação com a Adecco (um dos maiores fornecedores mundiais de soluções de recursos humanos), Comissão de Atletas do COI e Comitês olímpicos nacionais, oferece suporte ao atleta de elite durante a sua carreira como meio de prepará-lo para a transição de carreira através de desenvolvimento profissional e apoio na busca por emprego. Este programa capacita os membros da Comissão de Atletas sobre seu conteúdo, para entregá-lo em seus respectivos países, ampliando o alcance do programa globalmente por meio da realização de workshops frequentes, mantendo os interesses de atletas no centro do programa (COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 2020a).

O programa *Athlete365 Career+* aborda os seguintes temas:

- Habilidade de vida

  Conteúdo de habilidades para a vida que apoia os atletas no desenvolvimento de suas habilidades fora da arena esportiva e os auxilia a entender como as habilidades que eles aprenderam durante sua carreira atlética podem ser transferidas para outras áreas como finanças, gerenciamento de mídia, falar em público e para obter emprego.
- Emprego

  O conteúdo sobre emprego ajuda os atletas a identificar de que forma seus interesses e habilidades podem ajudar além do esporte. O programa enfatiza que embora possa parecer assustador dar o primeiro passo no mercado de trabalho e iniciar uma carreira, este processo apenas requer muito planejamento e preparação. Então, nunca é cedo para se preparar para a transição da competição de classe mundial para o local de trabalho.
- Educação

  O conteúdo educacional oferece apoio aos atletas para entender e gerenciar as demandas entre esporte e educação com equilíbrio, além de apresentar a eles os benefícios de manter o processo educacional ao longo de sua carreira atlética.
- Compreender as habilidades dos atletas

  O programa oferece apoio aos atletas na autoavaliação e no planejamento futuro. Além de orientá-los na compreensão de como suas habilidades como atleta podem

ser transferidas para aumentar sua excelência em um ambiente acadêmico de trabalho, enquanto oferece oportunidades para desenvolver novas habilidades.

- Tomada de decisão

  O programa fornece aos atletas os recursos necessários para a tomada de decisão por meio de opções personalizadas e individuais para garantir que eles estejam cientes das oportunidades disponíveis. E se o objetivo for desenvolver novas habilidades, o atleta deve decidir por uma formação superior, desenvolver uma nova carreira ou uma combinação de todas elas.

- Expansão da rede de contatos

  O programa visa construir uma rede profissional por meio do entendimento que os atletas devem ter de que sua rede atual dentro do ambiente esportivo possibilita expandir sua rede para aproveitar ao máximo as oportunidades e eventos profissionais.

São atendidos grupos de 20 a 30 atletas de 16 a 35 anos aproximadamente. Mais de 9.000 atletas de mais de 100 Comitês Olímpicos Nacionais nos cinco continentes já estiveram envolvidos, desde 2009, com suporte financeiro aos Comitês Olímpicos de cada país por meio do programa "Transição de carreira de atleta" da Solidariedade Olímpica.

Dentre os assuntos abordados estão relacionados: a) descoberta comportamental (quem sou eu?), b) orientação para resultados, c) planejamento, d) tradução da linguagem esportiva para de negócios, e) networking, f) currículo, g) entrevistas, h) mídia social, i) dupla carreira e, j) empreendedorismo.

O COI incentiva os Comitês Olímpicos Nacionais a desenvolverem seus próprios programas a fim de oferecer suporte contínuo e atender condições mais específicas de seus atletas. Atualmente 30 Comitês Olímpicos Nacionais possuem seus próprios programas de apoio a carreira atlética.

No Brasil, o Programa de Carreira do Atleta (PCA) é oferecido pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB) por intermédio do Instituto Olímpico Brasileiro (IOB). Este programa foi lançado em 19 de dezembro de 2011 com o nome de Programa de apoio ao atleta (PAA) com o objetivo de oferecer suporte e planejamento à formação dos atletas de modo a prepará-los da forma mais adequada para o período em que não atuarem mais como atletas e iniciarem em uma nova atividade profissional.

Seguindo as bases e semelhante ao programa do COI, o programa nacional tinha como meta atuar com atletas jovens talentosos, atletas de alto rendimento e atletas em transição de

carreira por meio de serviços voltados à promoção educacional e ao apoio à gestão da carreira esportiva. Durante a primeira fase do programa, o foco estava voltado aos atletas em transição de carreira que seriam contemplados com os seguintes serviços: oportunidades de estágios, programas de trainees e vivências profissionais, aquisição de bolsas de estudos em diferentes áreas, participação em processos de *coaching* e análise de perfil com o objetivo de desenvolver um plano de carreira profissional (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011).

Sendo assim, na primeira turma do então PAA foram beneficiados 12 atletas: Adriana Behar (vôlei de praia), Bruno Souza (handebol), Cassius Duran (saltos ornamentais), Daiane dos Santos (ginástica artística), Daniela Polzin (judô), Hugo Hoyama (tênis de mesa), Emanuel Rêgo (vôlei de praia), Marina Canetti (polo aquático) e Maurren Maggi (atletismo) (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2011); além de Camila Carvalho (remo), Marcelo Elgarten (vôlei) e Nalbert Bittencourt (vôlei) (GLOBO ESPORTE, 2013).

Após 18 meses aproximadamente, em 16 de maio de 2013, o COB anunciou mais 8 atletas formando a sua segunda turma: Anderson de Oliveira Rodrigues (vôlei), Fabíola Molina (natação), Lara Teixeira (nado sincronizado), Marcelo Machado (basquete), Monique Ferreira (natação), Pedro Cunha (vôlei de praia), Raquel Peluci (vôlei) e Vicente Lenilson (atletismo) (GLOBO ESPORTE, 2013). Em 28 de maio de 2015 se formava a terceira turma do PAA na sede do COB formada por mais 13 atletas: Fabi (vôlei), André Domingos da Silva (atletismo), Antoine Jaoude (lutas), Elisângela Adriano (atletismo), Franco Vieira Neto (vôlei de praia), Gabriel Mangabeira (natação), Hudson de Souza (atletismo), Joanna Maranhão (natação), Juliana Veloso (saltos ornamentais), Lígia Silva (tênis de mesa), Natalia Falavigna (taekwondo), Ricardo Mello (tênis) e Tatiana Lemos (natação) (SURTO OLÍMPICO, 2015).

A sétima turma foi lançada no dia 18 de junho de 2019 composta por 14 atletas dentre eles: Sarah Menezes (campeã olímpica de judô), as medalhistas olímpicas Kelly Santos (basquete) e Kátia Monteiro (vôlei), Diogo Silva (taekwondo), Isabel Clark (snowboard), Joana Costa (atletismo), Juciely Silva (vôlei), Keila Costa (atletismo), Joice Silva (wrestling) e Rosane dos Reis (levantamento de pesos), todos com participações em Jogos Olímpicos. Completam a turma Bruno Gonçalves (polo aquático), Fabiana Silva (badminton), Joel dos Santos (vôlei) e Luciane Maia (polo aquático) (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2019a). No entanto, no dia 27 de novembro de 2019 o COB anunciou que Carlos Honorato (judô) estava entre os 13 formados pela sétima turma não constando nesta relação duas atletas inicialmente inscritas que foram: Kelly Santos (basquete) e Isabel Clark (snowboard) (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2019b).

De acordo com o COB, o atualmente denominado PCA, lançado em 2011, já atendeu 45 atletas que participaram de 472 sessões de *coaching* no total e foram beneficiados com 30 bolsas de estudos para cursos de capacitação, graduação e pós-graduação (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2019b). No entanto, pode-se observar que não há informação organizada e disponível até o presente momento em que esse levantamento inicial foi realizado no site do IOB e COB, bem como os critérios para inscrição e abandono do processo, o que pode afetar o número exato de atletas beneficiados devido ao desencontro dessas informações.

Com relação ao suporte oferecido a modalidades específicas, a Federação das associações de atletas profissionais (FAAP) é uma entidade que faz o intermédio entre instituições sem fins lucrativos denominadas Associações de Garantia ao Atleta Profissional (AGAP) e ex-atletas, atletas profissionais e em formação na modalidade futebol para oferecer suporte social e educacional.

Esta trajetória teve início em 1974, quando Wilson Piazza, na época capitão da seleção brasileira de Futebol e presidente de uma comissão, reivindicava ao Governo Federal a criação de um sistema de assistência social e educacional voltada aos atletas profissionais como alternativa à profissionalização e adaptação ao exercício de uma nova atividade. A solicitação foi atendida pela aprovação da Lei 6.269 de 24.11.1975 (BRASIL, 2020a), regulamentada pelo Decreto 77.774 de 08.06.1976, quando se instituiu o Fundo de Assistência ao Atleta Profissional. Este fundo tinha recursos financeiros definidos e destinados ao desenvolvimento e gerenciamento do sistema, no entanto os objetivos sociais eram prestados pelas AGAP que foram implantadas a partir de 1977 nos Estados da Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe e no Distrito Federal (FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE ATLETAS PROFISSIONAIS, 2020).

Os recursos para o sistema de assistência aos atletas eram provenientes do Fundo Nacional de Desenvolvimento do Desporto – FUNDESP criado em 1993 com a promulgação da Lei 8.672 (Lei Zico) (BRASIL, 2020b) nos seguintes valores: 1% (um por cento) do valor do contrato do atleta profissional pertencente ao Sistema Federal de Desporto devido e recolhido pela entidade contratante, 1% (um por cento) do valor da indenização fixada pela entidade cedente, no caso de cessão de atleta a entidade estrangeira e, 100% (cem por cento) das penalidades disciplinares pecuniárias aplicadas aos atletas profissionais pelas entidades de prática desportiva, pelas entidades de administração do desporto ou pelos Tribunais de Justiça. Além disso, também era arrecadado 1% (um por cento) das competições organizadas pela

Confederação Brasileira de Futebol – CBF conforme previsto na Lei 6.269/75 (FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE ATLETAS PROFISSIONAIS, 2020).

Por sugestão do então Ministro Extraordinário do Esporte, Edson Arantes do Nascimento (Pelé), a FAAP foi criada em 10 de agosto de 1995 para intermediar a assistência prestada pelas AGAP a seus associados. Com o acréscimo do artigo 57 da Lei 9.615 (Lei Pelé) de 24.03.1998, alterada pela Lei 9.981/2000, foi transferida à FAAP a responsabilidade pela assistência social e educacional aos ex-atletas, atletas profissionais e aos em formação, além da destinação dos recursos definidos nos incisos de I a IV do referido artigo (BRASIL, 2020c). Sendo assim, a FAAP, sob a presidência de Piazza, passou a fazer a gestão dos recursos arrecadados e a distribuição dos procedimentos para que os serviços de apoio oferecidos (assistência social e educacional) pudessem continuar através de suas filiadas, as AGAP (FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE ATLETAS PROFISSIONAIS, 2020).

Contudo, a arrecadação foi reduzida drasticamente após as alterações na Lei 9.615 (BRASIL, 2020c), introduzidas pela Lei 12.395 de março de 2011 (BRASIL, 2020d), na qual os percentuais das contribuições foram reduzidas para 0,5% quanto aos contratos e para 0,8% referentes às transferências, além do cancelamento do percentual de 1% (um por cento) sobre jogos e penalidades pecuniárias aplicadas aos atletas profissionais pela Justiça Desportiva (FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE ATLETAS PROFISSIONAIS, 2020).

Diante deste cenário, é possível verificar que haveria prejuízos quanto ao suporte durante a carreira esportiva desses atletas para que no futuro fosse possível a sua atuação em outras atividades de modo a contribuir com a melhora da sua qualidade de vida.

Sendo assim, no dia 26 de maio de 2010 a FAAP lançou em Brasília o programa Cidadania e Previdência que visa aposentar atletas com mais de 55 anos, desempregados, que ainda não haviam completado os 15 anos de contribuição junto à Previdência Social, mas possuíam pelo menos três anos de atividade como atleta profissional comprovados por meio de contrato de trabalho devidamente registrado na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) ou Federação Estadual. Além disso, o programa tem por objetivo contribuir para a promoção e restabelecimento do vínculo previdenciário de ex-atletas profissionais em situação de carência para que possam usufruir dos benefícios previdenciários assegurados em lei como: aposentadoria por idade, tempo de contribuição, invalidez e especial, auxílio-doença, auxílio-acidente, auxílio reclusão e pensão por morte (FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE ATLETAS PROFISSIONAIS, 2020).

De acordo com a atualização mais recente do site da FAAP, realizada em 15 de julho de 2015, foram acrescentadas a AGAP de Pernambuco e a de São Paulo, mas o Estado do Piauí

não consta mais dentre as AGAP filiadas (FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE ATLETAS PROFISSIONAIS, 2020).

Considerando programas desenvolvidos por modalidades esportivas, apenas a Confederação Brasileira de Vôlei apresenta em seu site um projeto de capacitação denominado "Jornada das Estrelas" que tem por objetivo oferecer aos atletas a oportunidade de planejamento e desenvolvimento de outras aptidões para o futuro por meio da elaboração de um plano de carreira e bolsa de estudos integral (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEI, 2022).

Com base nos modelos teóricos de dupla carreira, nos quais o desenvolvimento educacional se faz presente (convergente e paralela), em 2015 foi iniciado o projeto *GEES* conduzido por um consórcio que reuniu 40 pesquisadores de dupla carreira (DC) e profissionais de 17 instituições de pesquisa e esportes de elite de 9 Estados-Membros da União Europeia (Bélgica, França, Itália, Holanda, Polônia, Eslovênia, Espanha, Suécia e Reino Unido) que visa a qualidade da combinação da carreira atlética com a trajetória educacional dos atletas (WYLLEMAN; DE BRANDT; DEFRUYT, 2017). Este projeto seguiu caminho semelhante ao SPLISS no que diz respeito ao desenvolvimento de estudos por meio da contribuição de diversos pesquisadores com posterior implementação, conforme objetivos e etapas de realização do mesmo.

O projeto *GEES* propôs três objetivos específicos:

1) Identificar as competências que os alunos/atletas de alto rendimento consideram importantes, possuem ou precisam desenvolver para gerenciar com êxito sua DC entre educação e esporte de alto rendimento;
2) Identificar as competências que os provedores de suporte de carreira dupla consideram importantes, possuem e precisam desenvolver para otimizar sua oferta de suporte à DC; e
3) Identificar, desenvolver e avaliar os métodos e instrumentos que atletas de alto rendimento, alunos, atletas e provedores de apoio à DC podem utilizar para aperfeiçoar suas competências.

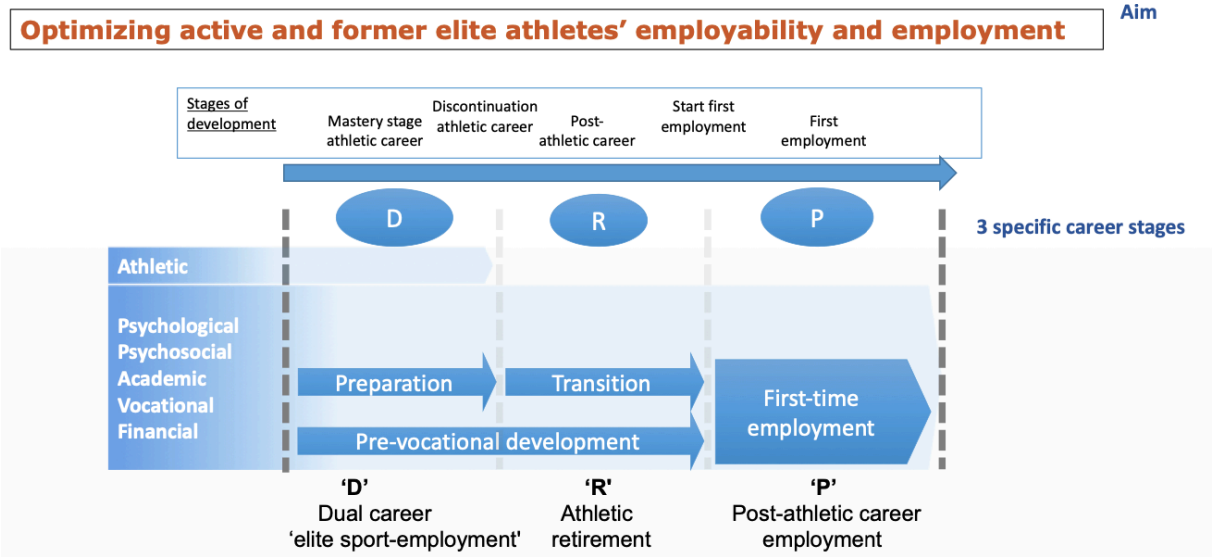
Para atender aos objetivos específicos, o projeto GEES foi realizado em quatro partes. Para as partes 1 e 2, foi desenvolvido um instrumento on-line de autoavaliação para identificar as competências exigidas pelos alunos e atletas-atletas, bem como pelos Prestadores de Suporte à Dupla Carreira (PSDCs), a fim de otimizar o caminho da dupla carreira 'educação e esporte'. Nas partes 3 e 4, foram realizados grupos focais e entrevistas presenciais com 42 PSDCs a fim

de identificar, otimizar, desenvolver e avaliar os métodos e instrumentos usados pelos PSDCs para maximizar suas próprias competências e prática diária com estudantes-atletas.

Reunindo as conclusões das quatro partes do estudo, foi desenvolvido o manual para PSDCs com perfis de competência, métodos e instrumentos que provavelmente contribuirão para a prática diária dos PSDCs com alunos e alunos atletas no campo da coleta, intervenção e avaliação de dados. Os resultados do programa GEES sugerem contribuições claras para a dupla carreira bem-sucedida de alunos e atletas de elite e fornecem novas perspectivas para os caminhos educacionais aprimorados de provedores de suporte de dupla carreira.

O projeto B-WISER (2017-2018), *Be a Winner In elite Sport and Employment before and after athletic Retirement* – Seja um vencedor no esporte de elite e emprego antes e depois da aposentadoria atlética, foi um projeto de dois anos realizado de janeiro de 2017 a dezembro de 2018 por meio de um consórcio coordenado pela Vrije Universiteit Brussel (VUB) composto por 39 pesquisadores internacionais 13 instituições de pesquisa e esporte de elite de seis Estados-Membros da União Europeia (UE) (Bélgica, Alemanha, Itália, Eslovênia, Espanha e Suécia) e 8 organizações especializadas visando otimizar a empregabilidade e o emprego de atletas ativos e ex-atletas de elite em três etapas específicas da carreira conforme Figura 4 (B-WISER, 2022c; B-WISER, 2022a).

Figura 4 – Três estágios para a empregabilidade de atletas em transição para o pós-carreira atlética.



Fonte: B-WISER (2022b).

Como resultados, o projeto forneceu aos Estados-Membros da UE dados empíricos, conceituações, ferramentas e práticas baseadas em evidências relevantes que permita criar o ambiente ideal para melhorar a empregabilidade e o emprego como: a) estruturas e medidas

existentes de apoio ao esporte de elite e emprego; b) competências que os atletas necessitam combinar entre esporte de elite e emprego bem como as competências de que necessitam para fazer com sucesso a transição do esporte de elite para o mercado de trabalho no final da sua carreira esportiva de elite, ou seja, a transição pós-carreira atlética; c) valor agregado de empregar (ex) atletas para empregadores; d) desenvolvimento e implementação do projeto e; e) avaliação das melhores práticas nos países participantes para otimizar o processo de correspondência entre (ex) atletas e (futuros) empregadores (B-WISER, 2022c; B-WISER, 2022a).

O projeto ECO-DC (01/01/2018 - 31/12/2019) adotou uma abordagem ecológica holística para o desenvolvimento de talentos e teve a missão de (1) desenvolver uma compreensão abrangente dos ambientes de desenvolvimento de carreira dupla (DCDEs) em toda a Europa, e (2) fornecer diretrizes para o desenvolvimento e otimização de DCDEs apoiando atletas talentosos e de elite em sua busca pela excelência esportiva e acadêmica. O ECO-DC é coordenado pela Liverpool John Moores University (LJMU) e reúne um consórcio de investigadores de dupla carreira de 7 universidades e praticantes especializados de 4 organizações desportivas de elite (NOCs, organismos dirigentes do desporto) de sete Estados-Membros da UE (Bélgica, Dinamarca, Finlândia, Eslovénia, Espanha, Suécia, Reino Unido). A Vrije Universiteit Brussel e a Sport Vlaanderen são responsáveis pela coordenação do projeto na Bélgica. O ECO-DC é cofinanciado pelo Programa Erasmus+ da União Europeia (SPORT PSYCHOLOGY AND MENTAL SUPPORT RESEARCH GROUP, 2022).

Os resultados do ECO-DC apontam para 8 tipos de ambientes de desenvolvimento de DC (escolas amigas do esporte, escolar/faculdades de esporte de elite, programas de clubes profissionais e/ou privado, universidades amigas do esporte, sistemas combinados de DC, programas esportivos nacionais, programas das forças de defesa e programas de sindicatos de jogadores) (ECOLOGY OF DUAL CAREERS, 2022a), e modelo de ambiente e de fatores de sucesso para o desenvolvimento deste ambiente (equipe de suporte de DC, integração de esforços em todo o ambiente, compreensão clara dos problemas de DC e suporte de todo o ambiente, modelos e orientação, acesso a suporte especializado, abordagem de capacitação, soluções flexíveis de DC, cuidados com a saúde mental e bem-estar do atleta da DC e uma abordagem aberta e proativa para o desenvolvimento do meio ambiente) (ECOLOGY OF DUAL CAREERS, 2022b).

Ações específicas nos Estados Unidos também foram identificadas, como um Workshop elaborado por uma universidade, para estudantes-atletas universitários, visando a preparação para a transição para o esporte após a formatura na faculdade (HANSEN *et al*., 2019). Além

disso, existem alguns programas elaborados pelo National Collegiate Athletic Association (NCAA), como: a) “NCAA After the Game Career Center” (NATIONAL COLLEGIATE ATHLETIC ASSOCIATION, 2020b), ou seja, um Centro de Carreira Após o Jogo desenvolvido para conectar empresas com ex-alunos atletas que buscam empregos em diversos níveis e áreas de atuação; b) “NCAA Community” (NATIONAL COLLEGIATE ATHLETIC ASSOCIATION, 2020d) com a finalidade de celebrar e conectar a antiga comunidade de estudantes-atletas da NCAA, c) “From College to Career” (NATIONAL COLLEGIATE ATHLETIC ASSOCIATION, 2020e) com dicas e ferramentas para ter sucesso no local de trabalho; d) “Life after the game” (NATIONAL COLLEGIATE ATHLETIC ASSOCIATION, 2020f) com textos informativos sobre o que o atleta-estudante precisa saber para dominar a transição pós-faculdade e; e) um guia ao estudante-atleta para encontrar um emprego (NATIONAL COLLEGIATE ATHLETIC ASSOCIATION, 2020a).

2.3.3 Pesquisas sobre o tema

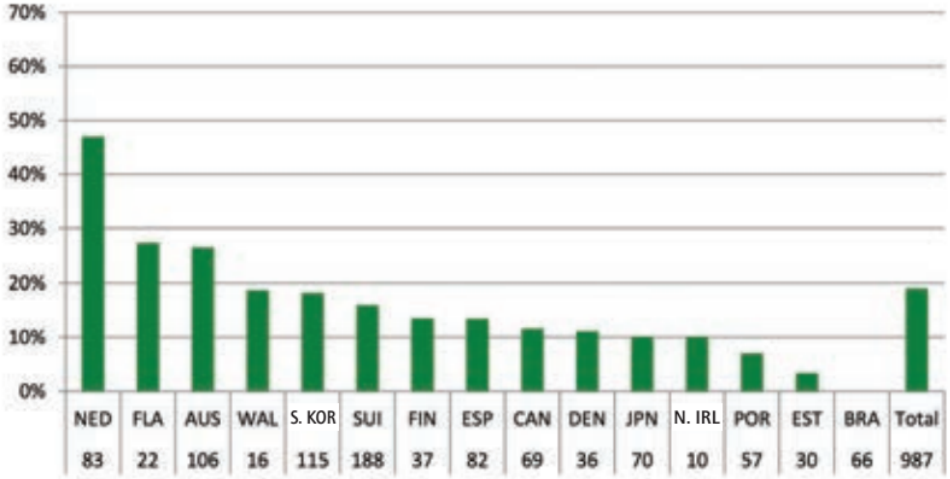
Após apresentação dos modelos e programas, constatamos que alguns deles têm sido avaliados por meio de processos de pesquisa científica e geraram resultados que podem subsidiar a construção de conhecimento da realidade e a aplicação prática.

Assim, após avaliação estabelecida por meio do modelo *SPLISS* (DE BOSSCHER *et al*., 2008; 2015) os programas de países como Espanha, Suíça, Canadá e Austrália foram apontados por De Bosscher *et al*. (2015) como nações mais desenvolvidas quanto à existência de suporte pós-carreira atlética enquanto Brasil, Portugal, Coréia do Sul e Dinamarca foram classificados com piores escores, pois os países mais bem avaliados incluem programas educacionais específicos neste tipo de suporte.

Na Austrália, por exemplo, são oferecidos planejamento e aconselhamento de carreira, cursos e treinamento para desenvolvimento pessoal, orientação educacional, preparação para o emprego, redes de referência de carreira, suporte à transição, serviços online, referências para outros serviços (psicólogos, consultores financeiros, aconselhamento assistencial etc.) e gestão do estilo de vida. Na Suíça, a atenção é voltada para o treinamento de habilidades de vida por meio de cursos sobre busca de patrocínio, desenvolvimento de habilidades de mídia e força mental, marketing pessoal e gerenciamento de tempo (DE BOSSCHER *et al*., 2015).

Já no Brasil, é possível observar que os serviços de suporte à transição para o pós-carreira atlética não são bem desenvolvidos, de acordo com a opinião dos atletas que figuravam entre os 16 melhores do mundo entre 2011 e 2012 (Figura 5).

Figura 5 - Opinião dos atletas top 16 sobre o suporte pós-carreira atlética ser bem desenvolvido em seu país.



Fonte: De Bosscher *et al*. (2015, p. 250).

Considerando que o modelo *SPLISS* foi investigado em 15 países (DE BOSSCHER *et al*., 2015), dentre eles o Brasil, foi identificado que as transições de carreira atlética para pós-carreira atlética ocorrem de modo informal além de ausência de política que envolva ex-atletas de alto rendimento para atuar em federações, mas observou-se também que em média dois a quatro ex-atletas possuem cargos de gestor/executivo ou técnico/treinador na mesma entidade de administração esportiva (LABORATÓRIO DE TREINAMENTO E ESPORTE PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES, 2020). Diante disso, verifica-se que o próprio atleta assume o protagonismo nesta comunicação reforçando a ausência de ações de entidades de prática esportiva ou de administração do esporte em âmbito estadual e nacional com exceção do programa PCA realizado pelo COB sob orientações do COI. Este cenário leva a crer que não são considerados aspectos culturais relevantes para o país ou para modalidades específicas.

A transição da carreira atlética para uma carreira profissional alternativa também foi investigada por Pallarés *et al*. (2011) por meio de uma análise qualitativa (análise de conteúdo) que, com base no planejamento de carreira, compatibilização dos domínios psicossocial, atlético e acadêmico-profissional e tomada de decisão sobre a aposentadoria, identificou os três modelos teóricos de carreira diferentes entre atletas de polo aquático, ou seja, linear, convergente e paralelo. Assim, esses modelos envolvem diferenças relacionadas à autonomia quanto a decisão da aposentadoria, nível de planejamento da carreira, tipo de identidade atlética e disponibilidade percebida de recursos para lidar com o momento da transição para uma ocupação profissional alternativa.

A transição pós-carreira na natação foi investigada por López-Subijana e Vaquero (2018) e os achados indicaram que: a) nadadores com trajetória convergente (aqueles que

priorizaram o esporte em relação à segunda atividade) apresentaram maiores dificuldades durante a transição quando comparados com aqueles de trajetória paralela; b) a maior dificuldade surgiu no nível emocional; c) combinar esporte e educação, ao mesmo tempo que se torna mais difícil, os atletas atingem níveis mais elevados de escolaridade; d) o apoio incondicional da família foi visto como facilitador; e e) os *stakeholders* do esporte foram percebidos como barreiras para o desenvolvimento da dupla carreira. Assim, o estudo concluiu que desenvolver uma segunda atividade parece fundamental para servir de inspiração para a segunda carreira do atleta.

Com relação às pesquisas desenvolvidas no Brasil, Brandão *et al*. (2000), em um artigo de revisão sobre a transição pós-carreira atlética, identificaram que o atleta passa por diferentes transições que exigem ajustamento e possuem características próprias em todas as esferas de sua vida ocupacional, financeira, psicológica e social. Como conclusão, foram sugeridas estratégias de intervenção para minimizar os efeitos negativos da transição como o estabelecimento de programas de assistência para esta transição por meio de programa que ofereça aconselhamento psicológico educacional e preventivo, além de assistência pós-carreira e, principalmente, pré-carreira.

Existem alguns estudos que abordaram a carreira atlética sob o ponto de vista do atleta em modalidades específicas quanto à gestão e a transição em diversos momentos:

a) Futebol ANGELO (2014) – buscou identificar e analisar como acontece o processo de gestão da carreira atlética de 12 atletas olímpicos de futebol, acima de 33 anos sendo apenas 2 deles ainda em atividade, a respeito do seu desenvolvimento, finalização e construção de uma nova carreira sob a perspectiva da transformação da identidade nos diferentes ciclos da carreira. Como resultado, 33% da amostra (quatro ex-atletas) relataram boa relação na transição de carreira, sendo três deles ainda em carreira esportiva por se manterem no contexto esportivo. Os outros seis atletas fora de atividade vivenciaram a transição de carreira de forma intensa e involuntária e os dois atletas em atividade não planejaram o encerramento de suas carreiras destacando a necessidade de formação acadêmica para nova atuação profissional. Desta forma, Angelo (2014) concluiu que a gestão da carreira atlética possibilita transitar por diferentes papéis sociais por meio de ajustes às novas interações e da construção de projeto de carreira como projeto de vida;

b) Voleibol (JUSTINO, 2014) – teve como objetivo investigar e compreender as variáveis que interferem na transição de carreira de 16 jogadores de voleibol de 17 e 18 anos da categoria infanto-juvenil para juvenil. Como resultados destacam-se o apoio da família e centro esportivo aos estudos; a influência dos pais, técnicos e professores nas decisões ao longo

da trajetória atlética; o alto nível de escolaridade e a pretensão em ter outra profissão no futuro. Assim, Justino (2014) acredita que esses resultados podem auxiliar a equipe técnica no planejamento da carreira orientando os atletas nas escolhas profissionais e oferecer suporte neste momento de transição;

c) Modalidades individuais (NAKATA, 2014) – analisou os fatores que influenciam o processo de transição pós-carreira de 13 atletas de alto rendimento em modalidades individuais sendo 10 olímpicos (6 deles foram medalhistas) que fizeram a transição pós-carreira nos últimos dez anos anteriores ao término do referido estudo. Os principais achados indicam transições bem realizadas independente de continuar no contexto esportivo ou não; renda financeira e satisfação maior do que quando atleta e manutenção de forte rede de desenvolvimento que inicia durante a carreira atlética;

d) Futebol (ROGÉRIO, 2014) – verificou questões relacionadas ao fenômeno social da transição para o pós-carreira como a existência de uma rede de assistência a quatro ex-jogadores de futebol no estado do Ceará. Os resultados apontam para formas diferentes de lidar neste momento, bem como as incertezas do futuro e dificuldades no ajuste da nova rotina que pode estar relacionada a uma condição de liminaridade, ou seja, de mudanças durante a carreira do jogador;

e) Basquetebol (FERREIRA JR, 2014) – trazer elementos para refletir e compreender o fenômeno transição de carreira de 10 atletas bicampeões mundiais do basquete. Como principais apontamentos foram sugeridos a saída do papel de atleta, o apoio financeiro escasso da época enquanto atletas amadores que contribuiu para formação acadêmica e emprego remunerado. Consequentemente, a transição de carreira ocorreu sem grandes dificuldades embora a conciliação das demandas esportivas com estudos e/ou emprego sejam complexas.

f) Modalidades diversas (SILVA, 2019) – analisar, na percepção de seis ex-atletas (futebol, judô, basquete, handebol, vôlei de quadra e de praia) a influência da carreira atlética na transição para a função gerencial. Foi identificado que apenas um adotou a carreira linear e não se preparou para a transição pós-carreira, três seguiram a trajetória convergente e dois a trajetória paralela; os motivos envolveram igualmente transições involuntária (baixa resposta ao treinamento) e voluntária (escolha própria). Embora poucos atletas sejam preparados para lidar com a transição, Silva (2019) concluiu que na percepção dos atletas a influência esportiva auxiliou na transição para o desempenho como gestores esportivos.

A experiência, por meio da influência da carreira esportiva, foi considerada, na percepção dos entrevistados, um diferencial na atuação direta ou indireta enquanto gestores nesta área.

Contudo, foi possível observar que tanto em relação ao encerramento quanto ao pós-carreira os estudos têm se fundamentado em áreas como a Psicologia, a Administração e a Sociologia do Esporte, mas não foram identificados estudos que abordam essa temática sob a ótica da Gestão do Esporte.

2.4 Considerações gerais sobre a fundamentação teórica

A busca pela excelência esportiva exige, na maioria das vezes, dedicação exclusiva e rotina exaustiva, que acaba por limitar o tempo disponível do atleta de alto rendimento para os estudos ou, ainda, para que organize seu tempo, além de nem sempre ser possível contar com o apoio de um sistema educacional que compreenda a agenda de compromissos com tantas competições e ausências. Aliado a isso, muitos atletas acreditam que após a tão sonhada medalha olímpica ou de campeão mundial, sua vida, a partir deste feito, estará com o futuro garantido, mas não é essa a realidade encontrada. O *status* de atleta e o reconhecimento pelas suas grandes conquistas passam quase que num "piscar de olhos" e ele se depara com uma situação de recomeço, sem apoio e sem preparo para adequar-se a uma nova profissão.

Para que o atleta se prepare de maneira adequada à transição da carreira atlética para uma nova profissão, existem diferentes abordagens, modelos teóricos, programas estruturados de alguns países, programas disponibilizados por entidades internacionais, pelo Comitê Olímpico Internacional, pelo Comitê Olímpico do Brasil e Confederação Brasileira de Voleibol (CBV). No entanto, por meio da pesquisa bibliográfica, verificou-se que os programas e ações para esta finalidade no Brasil são insuficientes.

No Brasil são poucos os atletas que podem se beneficiar do programa do COB e apenas os da modalidade voleibol por meio da CBV. Assim, os programas de suporte à transição da carreira atlética para o pós-carreira ofertados parecem não ser adequados por serem pouco desenvolvidos, além de inexistentes em entidades de prática esportiva e restritos a atletas das categorias principais e/ou apenas uma modalidade como no caso do voleibol. Embora a maratona aquática seja uma modalidade recente em Jogos Olímpicos, o Brasil possui excelentes resultados como uma medalha de bronze na segunda edição realizada no Rio de Janeiro em 2016 com Poliana Okimoto e uma medalha de ouro em Tóquio 2020 com Ana Marcela Cunha.

Visando um melhor desenvolvimento da carreira do atleta de maratona aquática, torna-se relevante investigar como essa transição ocorre e quais programas e/ou serviços foram oferecidos aos atletas de elite. Para tanto, optou-se por levantar elementos que possam oferecer

subsídios para que as entidades de administração e prática do esporte possam elaborar seus próprios programas de acordo com a especificidade de cada modalidade.

3 ETAPA I – ANÁLISE COMPARATIVA DOS MODELOS TEÓRICOS E PROGRAMAS

Na ETAPA I, a partir do levantamento de programas desenvolvidos por países ou entidades desses países e da literatura, foi realizada comparação no sentido de identificar aspectos convergentes e complementares entre eles, com vistas a elaborar uma síntese de pontos norteadores para a construção de um modelo teórico.

3.1 Procedimentos metodológicos

Segundo GIL (2002), parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas dada a necessidade de analisar documentos cuja natureza seja oriunda de outras fontes de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico. Nesta ETAPA I a pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza exploratória adotou como delineamento o método de revisão bibliográfica.

De acordo com Lima e Mioto (2007), na pesquisa bibliográfica a leitura é apresentada como a principal técnica. Sendo assim, para a seleção e análise do material utilizado para a amostra, foram adotadas as cinco etapas conforme descritas por Salvador (1986):

a) Leitura de reconhecimento do material – para localizar e selecionar o material por meio de leitura rápida;

b) Leitura exploratória – por meio de leitura rápida dos sumários, para verificar se as informações correspondem aos objetivos do estudo;

c) Leitura seletiva – para determinar o material pertinente e relevante que será utilizado;

d) Leitura reflexiva ou crítica – para ordenar as informações buscando responder aos objetivos do estudo; e

e) Leitura interpretativa – que é a parte mais complexa, pois busca relacionar as informações dos materiais com o problema do estudo.

Sendo assim, a estratégia de busca inicialmente incluiu o uso dos bancos de dados eletrônicos: *Scopus, Google Scholar* e Banco de Teses da Universidade de São Paulo. Em seguida, foram coletados estudos adicionais através da leitura das listas de referência dos artigos obtidos. Posteriormente, foram examinados documentos disponíveis nos sites eletrônicos do Comitê Olímpico Internacional, Comitê Olímpico do Brasil e Confederações esportivas brasileiras. A estratégia de palavras-chave utilizadas incluiu: *post-athletic career*, *retirement of*

sports, *sports career transition programs*, transição de carreira de atletas, aposentadoria de atletas, término da carreira esportiva.

Os critérios de inclusão foi considerar estudos e programas relacionados à transição pós-carreira atlética nos idiomas inglês, espanhol e português disponíveis no formato de artigo de periódicos, anais de conferência, dissertações de mestrado, teses de doutorado, capítulos de livros e informações disponíveis em sites de instituições e/ou organizações esportivas internacionais e nacionais. Como critérios de exclusão, foram considerados materiais com conteúdo fora do escopo desta pesquisa, estudos e demais documentos que não abordavam a transição pós-carreira atlética, ainda que fizessem referência às transições anteriores.

Finalizada a leitura interpretativa, Lima e Mioto (2007) indicam que deve ser realizada uma análise explicativa das soluções a partir dos dados obtidos pelos materiais selecionados e apresentados em categorias conceituais quem agrupem temas e/ou conceitos semelhantes e pertinentes. Assim, na presente pesquisa, foram definidas as categorias *a priori* tanto para os modelos teóricos quanto para os programas de países e de entidades de administração esportiva internacionais e nacionais e, conforme sugerido por Lima e Mioto (2007), sintetizadas em quadros resumo com a finalidade de identificar o nome do programa, local que é realizado, modelo de transição de carreira adotado e ações realizadas e/ou serviços disponíveis aos atletas.

3.2 Modelos teóricos

Os estudos sobre o fim da carreira esportiva envolveram modelos teóricos que buscavam melhor compreender este evento que foi inicialmente tratado como singular e posteriormente como um processo de transição. Os primeiros modelos utilizados não haviam sido desenvolvidos para atletas, mas foi importante para o desenvolvimento dos estudos seguintes conforme é possível observar no Quadro 3, que sintetiza os modelos teóricos destacando os seus elementos norteadores.

Quadro 3 – Resumo dos Modelos Teóricos.

MODELO	AUTORES	FUNDAMENTOS CARACTERÍSTICOS	ELEMENTOS NORTADORES
Modelos tanatológicos	KALISH (1966) KÜBLER-ROSS (1997)	- Conceitos de morte social, morte psicológica e imortalidade social - Cinco estágios enfrentados por pacientes terminais	MODELOS NÃO ATLÉTICOS - Morte social - Estágios da morte
Modelos da gerontologia social	ROSE (1962)	- Subcultura do envelhecimento	MODELOS NÃO ATLÉTICOS - Desengajamento involuntário

	ATCHLEY (1989)	- Teoria da continuidade	- Envelhecimento natural
Modelo analítico	STAMBULOVA (1994)	- Analisa a carreira atlética dividida em estágios previsíveis de desenvolvimento como: o comprimento da carreira em tempo, a generalização e especialização, o nível de realização e o custo enquanto gasto energético dos atletas a seguir: 1) início da especialização esportiva; 2) transição para o treinamento intensivo especial; 3) transição do esporte da base para o alto rendimento; 4) transição do esporte juvenil para o adulto; 5) transição do esporte amador para o profissional; 6) transição do ponto culminante para o final da carreira atlética e; 7) fim da carreira atlética.	MODELOS DE DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA ATLÉTICA - Estágios de desenvolvimento da carreira atlética
Modelos de Adaptação humana à transição	SCHLOSSBERG (1981) TAYLOR E OGILVIE (1994)	- Três conjuntos de fatores parecem influenciar as adaptações à transição: 1) as características da própria transição (mudança de papel por meio de ganho ou perda, afeto positivo ou negativo, fonte interna ou externa, timing pontual ou tempo livre, duração permanente, temporária ou incerta e grau de estresse); 2) as características dos suportes pré e pós-transição e o ambiente físico; e 3) as características do indivíduo (competência psicossocial, sexo, idade e estágio da vida, estado de saúde, raça/etnia, status socioeconômico, orientação de valor e experiência de natureza semelhante). - A aposentadoria atlética deve considerar eventos prévios dentro e fora do domínio esportivo e divididos em cinco etapas como: 1) fatores casuais que iniciam o processo de aposentadoria; 2) fatores relacionados à adaptação à aposentadoria; 3) recursos disponíveis que afetarão a resposta à aposentadoria; 4) qualidade da adaptação à aposentadoria e;	MODELOS DE TRANSIÇÃO DA CARREIRA - Recursos disponíveis para a transição de carreira MODELOS DE TRANSIÇÃO DA CARREIRA ATLÉTICA - Recursos disponíveis para a transição da carreira atlética

		5) questões de tratamento para reações angustiantes à aposentadoria.	
Modelo Holístico	WYLLEMAN (2019)	- Nível esportivo - Nível psicológico - Nível psicossocial - Nível acadêmico e vocacional - Nível financeiro - Nível legal	MODELO DE DESENVOLVIMENTO HOLÍSTICO DA CARREIRA ATLÉTICA - Estágios de desenvolvimento holístico da carreira atlética
SPLISS – modelo de avaliação e análise das políticas nacionais para esporte de alto rendimento	DE BOSSCHER *et al*. (2008, 2015)	Pilar 5 - A existência de um programa de suporte coordenado para atletas de alto rendimento - Os atletas recebem suporte pós-carreira e são preparados adequadamente para a vida após a carreira atlética	MODELO DE DESENVOLVIMENTO DURANTE E PÓS-CARREIRA ATLÉTICA - Recursos disponíveis para a carreira e pós-carreira atlética
Modelo de Carreira Dupla	PALLARÉS *et al.* (2011)	- Linear, no qual os esportes recebem dedicação exclusiva, - Convergentes, nos quais os esportes são priorizados, mas compatíveis com uma educação alternativa - Paralelo, no qual o esporte e o ensino superior são igualmente priorizados	MODELO DE DUPLA CARREIRA - Recursos disponíveis para a carreira atlética (dupla carreira como alternativa)

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com a literatura, o tema apresenta diferentes abordagens que iniciam baseados em modelos não atléticos envolvendo o processo de envelhecimento e desengajamento (ROSE, 1962; ATCHLEY, 1989) e estágios da morte (KALISH, 1966; KÜBLER-ROSS, 1997). Em um segundo momento, as pesquisas buscaram explicar a transição de carreira atlética (TAYLOR; OGILVIE, 1994) a partir dos recursos disponíveis para a adaptação humana à transição de carreira não específica ao esporte (SCHLLOSBERG, 1981).

Diante da limitação os modelos teóricos passaram a considerar os estágios de desenvolvimento da carreira atlética tanto do ponto de vista esportivo (STAMBULOVA, 1994) quanto holístico (WYLLEMAN, 2019), assim como recursos necessários para o planejamento para a transição para o pós-carreira atlética (DE BOSSCHER *et al*. 2008; 2015) destacando o modelo de dupla carreira (PALLARÉS *et al*., 2011).

Conforme é possível observar no Quadro 3:

a) os modelos não atléticos envolvem o desengajamento involuntário e o envelhecimento natural baseado nos modelos de gerontologia social; e a morte social e

os estágios da morte como parte desse processo de envelhecimento até o luto apresentado pelos modelos tanatológicos.

b) os modelos de transição de carreira atlética, desenvolveram-se a partir dos modelos de adaptação humana à transição pautados nos fatores que parecem influenciar a própria transição como os recursos disponíveis fora ou dentro do ambiente esportivo; e

c) os modelos de desenvolvimento de carreira atlética e transição pós-carreira foram construídos a partir dos estágios de desenvolvimento da carreira atlética com o modelo analítico que, ao ampliar a abordagem, adotou uma visão holística do desenvolvimento da carreira atlética por meio do modelo holístico, o qual se assemelha quanto aos elementos apontados pelo Pilar 5 do SPLISS e destaca a Dupla Carreira como um importante recurso não só para o desenvolvimento da carreira atlética quanto para a preparação para a transição pós-carreira.

Após análise dos modelos teóricos, o modelo SPLISS, através dos fatores críticos de sucesso (FCS) 5.4 a 5.10 do Pilar 5 – Suporte durante e pós carreira atlética, mostra-se como mais adequado para o objetivo desta tese, de levantar elementos norteadores para construção de programa de transição pós-carreira atlética (Quadro 4).

Quadro 4 - Pilar 5: suporte para atletas e pós-carreira esportiva – Fatores Críticos de Sucesso (FCS).

FCS – Fatores Críticos de Sucesso	
FCS 5.4	O esporte de alto rendimento é a atividade primária integral para atletas de alto rendimento.
FCS 5.5	Os atletas podem receber suporte financeiro que permitam a eles dedicar-se suficientemente a seus esportes e sustentar-se enquanto se preparam para competir e quando competem no esporte de alto rendimento.
FCS 5.6	Há um programa de suporte coordenado para atletas de alto rendimento (além de suporte financeiro) incluindo treinamento da carreira, assessoria jurídica, treinamento de mídia, apoio técnico (técnicos especializados), apoio ao treinamento e à competição (instalações de treinamento, campos de treinamento), apoio da Ciência do Esporte (Força e Condicionamento, Nutrição, Treinamento Mental), apoio da Medicina Esportiva (médicos especialistas, fisioterapeutas etc.).
FCS 5.7	Profissionais específicos são indicados para orientar e ajudar os atletas durante suas carreiras.
FCS 5.8	Existe um programa de suporte coordenado para apoiar a transição do atleta do nível juvenil para o adulto.
FCS 5.9	O governo ou os órgãos esportivos nacionais oferecem um programa de suporte pós-carreira para preparar e auxiliar os atletas para a vida após o esporte, que inclui: suporte financeiro (em estágios iniciais) após suas carreiras esportivas, suporte para os estudos (para atletas que querem iniciar ou finalizar seus estudos), ofertas de emprego, assistência e consultoria pessoal (em estágios iniciais) para procurar um trabalho adequado para o pós-carreira, suporte para qualidade de vida, preparação para candidatura a empregos e suporte psicológico.
FCS 5.10	A agência esportiva nacional firmou parcerias específicas (agência de recrutamento, agência de empregos, etc.) para guiar e ajudar atletas durante e após as suas carreiras.

Fonte: Adaptado de Böhme; Bastos (2016).

Ao observar o quadro acima, é possível relacionar o FCS 5.4 com o estudo de Pallarés *et al*. (2011) que destaca a Dupla Carreira como uma oportunidade para o planejamento para o desenvolvimento e transição pós-carreira ou identificar as diferentes trajetórias de carreira como linear, convergente e paralela. Os FCS 5.5, 5.6 e 5.7 apontam o suporte financeiro e outros suportes assim como os diferentes níveis de desenvolvimento da carreira do modelo holístico. Enquanto o FCS 5.8 apresenta a necessidade de um programa de suporte para a transição do nível juvenil para o adulto, o modelo analítico de STAMBULOVA (1994) apenas cita a transição do juvenil para o adulto e a transição do amador para o profissional por meio dos estágios 4 e 5, respectivamente. Embora apenas o SPLISS utilize o termo pós-carreira, observa-se que parte dos serviços de suporte relacionados no FCS 5.9 são abordados pelo modelo holístico quanto ao suporte financeiro e aos estudos. No entanto, no que diz respeito a outra parte do FCS 5.9 e o FCS 5.10 em sua totalidade, que envolve desde a assistência, consultoria e preparação para encontrar emprego até parcerias e ofertas de emprego, não é pontuada em nenhum outro modelo teórico.

Desta forma, quando analisados os modelos teóricos, o Pilar 5 do SPLISS, por meio dos FCS 5.4 ao 5.10 mostraram-se como mais abrangentes no que tange tanto ao momento quanto à preparação para a transição de carreira pós-atlética.

3.3 Programas de diferentes países

Alguns países possuem programas de suporte à carreira atlética que foram desenvolvidos por entidades específicas. O quadro abaixo sintetiza estes programas e apresenta seus fundamentos e elementos norteadores para análise comparativa.

Quadro 5 – Resumo dos Programas de Países.

PAÍS	ENTIDADE	PROGRAMA	FUNDAMENTOS CARACTERÍSTICOS	ELEMENTOS NORTADORES
ESPANHA	Centro de Alto Desempenho de Sant Cugat	Serviço de Atendimento ao Atleta (SAE)	Atenção individual às transições que os atletas podem esperar no decorrer de suas vidas, principalmente no final do ensino médio, no final do ensino universitário e após a aposentadoria do esporte.	SERVIÇOS DE APOIO À DUPLA CARREIRA - Apoio individualizado
ESPANHA	Grupo de Estudo em Psicologia do Esporte (GEPE)	Programa de Assistência a Dupla Carreira (PADC)	Apresentou a implementação de um PADC em um clube privado multiesportivo especializado em modalidades aquáticas com	SERVIÇOS DE APOIO À DUPLA CARREIRA - Apoio para implementação de programa (PADC)

			base no Modelo GEPE composto por cinco fases que estrutura um plano de ação frente às demandas de diferentes organizações esportivas.	
SUÉCIA	Malmö Sport Academy – Universidade de Malmö		Apoia atletas nacionais de elite durante o primeiro ano de ensino universitário, facilitando assim a transição dentro do sistema educacional e a transição atlética de juniores para seniores. Um conjunto de serviços de apoio à dupla carreira, incluindo assistência médica, fisiológica, nutricional, psicológica e de carreira (por exemplo, aconselhamento e planejamento de carreira) está disponível para estudantes-atletas.	SERVIÇOS DE APOIO À DUPLA CARREIRA - Apoio individualizado
ALEMANHA	Sports Aid Foundation		Um conjunto nacional de empresas oferece estágios e empregos compatíveis com o esporte competitivo em período integral e a Sports Aid Foundation fornece uma compensação financeira pela perda de ganhos para empresas que empregam atletas.	SUPORTE PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO - Apoio para inserção no trabalho
IRLANDA	Gaelic Athletic Association e a Gaelic Players Association	Programa de bem-estar dos jogadores	Permite que jogadores e jogadores de futebol acessem um programa de desenvolvimento de carreira que inclui um "Pacote de Iniciação de Carreira", um "Pacote de Desenvolvimento de Carreira", "Business Mentoring", "Business Start-up & Development" e "Up Skilling ".	DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA ATLÉTICA - Apoio jogadores de futebol desenvolvimento da carreira atlética
DINAMARCA			Oferece aos atletas de classe mundial empregos flexíveis.	SUPORTE PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO - Apoio para inserção no mercado de trabalho
FINLÂNDIA	"Sports Academy Network"		Informa os atletas sobre os serviços disponíveis, incluindo conselhos adicionais sobre serviços de colocação de emprego.	SUPORTE PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO - Apoio para inserção no mercado de trabalho

ERASMUS + **WYLLEMAN, DE BRANDT E DEFRUYT (2017)**	União Europeia	GEES	Programa de suporte à dupla carreira esportiva	SERVIÇOS DE APOIO À DUPLA CARREIRA - Serviços de apoio à dupla carreira
ERASMUS +	União Europeia	B-WISER (2017-2018)	Oferece suporte para o emprego de atletas e pós-atletas	SUPORTE PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO - Apoio para inserção no mercado de trabalho
ERASMUS +	União Europeia	ECO-DC (2018-2019)	Desenvolvimento de talentos por meio da abordagem holística com o objetivo de compreender os ambientes de desenvolvimento de dupla carreira e fornecer diretrizes para o desenvolvimento e otimização desses ambientes apoiando atletas talentosos e de elite em sua busca pela excelência esportiva e acadêmica.	SERVIÇOS DE APOIO À DUPLA CARREIRA - Serviços de apoio à dupla carreira

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme síntese apresentada no quadro acima, é possível observar que dos 10 programas desenvolvidos por diferentes países, 6 (60%) deles focam na abordagem da dupla carreira, 4 (40%), na inserção no mercado de trabalho e 1 (10%) no desenvolvimento da carreira atlética de jogadores de futebol.

Detalhando especificamente os dois maiores focos apontados, os programas que oferecem serviços de apoio à dupla carreira estão presentes na União Europeia por meio do Programa ERASMUS+ com o GEES e o ECO-DC, de maneira individualizada; na Suécia e Espanha sendo apenas neste último caso citado o apoio após a aposentadoria do esporte por meio do Serviço de Atendimento ao Atleta (SAE) realizado pelo Centro de Alto Desempenho de Sant Cugat na Espanha, e na Espanha por meio de apoio para implementação de programa em um clube multiesportivo especializado em modalidades aquáticas. Programas voltados para inserção no mercado de trabalho oferecendo apoio para esta finalidade por meio de empregos compatíveis com o esporte e flexíveis são desenvolvidos na Alemanha, Dinamarca, Finlândia e pelo Programa ERASMUS+ B-WISER, sendo este último programa o único de suporte para a inserção no mercado de trabalho direcionado também a pós-atletas.

Considerando o objetivo da presente tese, de levantar elementos convergentes para a construção de um programa para a transição pós-carreira de maratonistas aquáticos, e as duas maiores abordagens observadas no quadro síntese, considera-se que os elementos convergentes

são os relativos a que a maioria dos programas tem foco na abordagem da dupla carreira e na preparação para a inserção no mercado de trabalho, este último contido nos fatores críticos do SPLISS.

3.4 Programas de entidades de administração esportiva internacionais e nacionais

Finalizando a análise dos modelos, o Quadro 6 sintetiza os programas de entidades de administração esportiva internacionais e nacionais.

Quadro 6 – Resumo Programas de Entidades de administração esportiva internacionais e nacionais.

ENTIDADES	PAÍS	PROGRAMA	AÇÕES	CATEGORIAS
Comitê Olímpico Internacional (COI)	Internacional	*Athlete365 Career+* (antigo Athlete Career Programme – ACP)	Oferece suporte ao atleta de elite durante a sua carreira como meio de prepará-lo para a transição de carreira através de desenvolvimento profissional e apoio na busca por emprego.	SUPORTE PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO - Apoio para inserção no mercado de trabalho
Comitê Olímpico do Brasil (COB)	Brasil	Programa de Carreira do Atleta (PCA)	Oferece suporte e planejamento à formação dos atletas de modo a prepará-los da forma mais adequada para o período em que não atuarem mais como atletas e iniciarem em uma nova atividade profissional.	SUPORTE PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO - Apoio para inserção no mercado de trabalho
Federação das Associações de Atletas Profissionais (FAAP)	Brasil		Oferece suporte social e educacional a ex-atletas, atletas profissionais e em formação na modalidade futebol.	SERVIÇOS DE APOIO À DUPLA CARREIRA - Suporte para atletas e ex-atletas do futebol.
CBV	Brasil	Jornada das Estrelas	Oferece aos atletas a oportunidade de planejamento e desenvolvimento de outras aptidões para o futuro por meio da elaboração de um plano de carreira e bolsa de estudos integral	SERVIÇOS DE APOIO À DUPLA CARREIRA - Suporte para atletas e ex-atletas do voleibol.
Australian Sport Commission	Austrália	Olympic Job Opportunity Program (OJOP)	Treinamento vocacional aos atletas, ligações com organizações e empresas, busca pela garantia de emprego permanente para os atletas (CHAMBERS et al., 2013 apud TORREGROSSA, REGÜELA E MATEOS (2020)	SUPORTE PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO - Apoio para inserção no mercado de trabalho

Comitê Olímpico dos Estados Unidos (USOC)	Estados Unidos da América	Track & Field	Programa semelhante ao OJOP (TORREGROSSA; REGÜELA; MATEOS, 2020)	SUPORTE PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO - Apoio para inserção no mercado de trabalho
Comitê Olímpico Japonês (JOC)	Japão	Second Career Project (SCP)	Oferece seminários para treinar atletas de elite e ex-atletas de elite. (TORREGROSSA; REGÜELA; MATEOS, 2020)	SUPORTE PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO - Apoio para inserção no mercado de trabalho

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto aos programas das entidades de administração, dois aspectos são destacados: foco na preparação para inserção no mercado de trabalho (71,4%) e serviços de apoio à dupla carreira (28,6%).

O suporte para a inserção no mercado de trabalho por meio de serviços de apoio é realizado pela Comissão de Esporte Australiana, pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) e demais Comitês Olímpicos, como o dos Estados Unidos, do Japão e do Brasil, que seguem as diretrizes do COI. Já os serviços de apoio à dupla carreira são oferecidos apenas por entidades brasileiras em modalidades coletivas específicas como o futebol, através da FAAP, e o voleibol pela CBV.

Desta forma, observa-se que estes programas na prática seguem o que é preconizado pelos modelos teóricos e programas existentes e desenvolvidos por diferentes países.

3.5 Síntese dos modelos e programas

Após a síntese dos modelos teóricos, programas de diferentes países e programas de entidades e administração do esporte internacionais e nacionais, observa-se que, embora o programa de desenvolvimento da carreira atlética tenha sido citado como o programa de bem-estar dos jogadores da Irlanda, desenvolvido pelo Gaelic Athletic Association e a Gaelic Players Association, os dois pontos focais estão voltados para o suporte à dupla carreira (DC) e à inserção no mercado de trabalho, que se alternam. Os programas com foco na DC são mais enfatizados pelos programas desenvolvidos pelos países e o suporte à inserção ao mercado de trabalho, nos programas desenvolvidos pelas entidades de administração internacionais.

É possível observar que o Brasil segue, em modalidades específicas como o futebol e o voleibol, a tendência dos programas de outros países voltados para o suporte à DC. No entanto,

cabe destacar que os programas voltados para a transição de carreira atlética enfatizam serviços de apoio para a inserção no mercado de trabalho como na União Europeia o programa ERASMUS+ B WISER e o Serviço de Atendimento ao Atleta (SAE) do Centro de Alto Desempenho de Sant Cugat na Espanha, além dos existentes nos Comitês Olímpicos Nacionais que seguem as diretrizes do programa desenvolvido pelo COI, baseado no programa da Austrália.

Embora os elementos convergentes voltados para a transição da carreira pós-atlética estejam direcionados para a preparação para a inserção no mercado de trabalho, pesquisas recentes voltadas para o suporte à DC (DEFRUYT; WYLLEMAN; STAMBULOVA; CECIC ERPIC; GRACZYK; DE BRANDT, 2019; DEFRUYT; WYLLEMAN; TORREGROSSA; SCHIPPER-VAN VELDHOVEN; DEBOIS; CECIC ERPIC; DE BRANDT, 2019; WYLLEMAN; DE BRANDT; DEFRUYT, 2017) destacam este fator como importante para que o atleta tenha a oportunidade de se preparar para a transição pós-carreira atlética ainda durante a carreira atlética, como forma de reduzir os efeitos negativos desta transição (JORDANA *et al*., 2017; TORREGROSA; RAMIS; PALLARÉS, AZÓCAR; SELVA, 2015) mostrando que essa preparação é um fator positivo para o desempenho atlético.

Considerando os modelo teóricos e as sínteses realizadas, o modelo SPLISS parece abordar de maneira mais abrangente ambos os pontos destacados (suporte à DC e para inserção no mercado de trabalho), além de verificar a possibilidade a trajetória de carreira adotada pelo atleta e demais serviços de apoio oferecidos aos atletas, sejam eles financeiros ou além do financeiro, como a disponibilidade de profissionais em áreas específicas para o desenvolvimento da carreira, aspecto que também é abordado no modelo holístico.

Portanto, reafirma-se que os FCS 5.4 a 5.10 do Pilar 5 do modelo SPLISS apresentam-se como elementos relevantes para a definição das categorias *a priori*, as quais serão analisadas na pesquisa de campo na ETAPA II.

4 ETAPA II – PESQUISA DE CAMPO

A fim de identificar as estratégias adotadas pelos atletas da maratona aquática sobre o processo de preparação para a transição pós-carreira atlética, foi realizada uma pesquisa de campo com base nos principais métodos de pesquisa identificados por meio da revisão sistemática de Park, Lavalle e Tod (2013) e nos elementos identificados e analisados na ETAPA I.

4.1 Procedimentos metodológicos

Para atingir os objetivos desta ETAPA II, análise do processo de investigar o processo de transição pós-carreira atlética do maratonista aquático brasileiro, foi realizada uma pesquisa exploratória, de campo e de caráter qualitativo junto a ex-atletas da maratona aquática.

4.1.1 População, amostra e sujeitos

A amostra foi composta por ex-atletas de maratona aquática que encerraram a carreira como atletas ativos no cenário competitivo nos últimos três ciclos olímpicos (2012/2016/2020). Considerou-se atleta aquele que tenha alcançado resultado segundo os critérios apresentados pelo Modelo *SPLISS* (DE BOSSCHER *et al*., 2015):

- Nível internacional I – entre os 3 melhores do mundo (Campeonato mundial, Jogos Olímpicos, Grand Slams, ranking mundial);
- Nível internacional II – entre os 8 melhores do mundo (Campeonato mundial, Jogos Olímpicos, Grand Slams, ranking mundial);
- Nível internacional III – entre os 16 melhores do mundo (Campeonato mundial, Jogos Olímpicos, Grand Slams, ranking mundial);
- Nível internacional IV – entre os 8 melhores das Américas (Jogos Pan-Americanos, ou evento comparável);
- Nível nacional – ter representado o país a nível internacional na categoria principal.

Por se tratar de uma modalidade que estreou nos Jogos Pan-Americanos de 2007 e nos Jogos Olímpicos de 2008 e possui apenas a prova de 10km em disputa, o número de atletas possíveis de serem convocados é reduzido. Para identificar os resultados e convocações para integrar a seleção brasileira em eventos internacionais, foram consultados os sites do Comitê

Olímpico Internacional, Federação Internacional de Natação, Comitê Olímpico do Brasil e Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos.

Após este levantamento, observou-se quais atletas que, atendendo aos critérios de inclusão, não apareciam nos resultados dos últimos anos para inserir na amostra e confirmar quais deles encerraram sua carreira atlética para então fazer o convite de participação na pesquisa. Com base nesses critérios, o Quadro 7 apresenta o nível, a população e a amostra que aceitou participar da pesquisa:

Quadro 7 – Nível do atleta, população e amostra da pesquisa.

NÍVEL DO ATLETA	POPULAÇÃO	AMOSTRA
Nível internacional I	1	1
Nível internacional II	0	0
Nível internacional III	0	0
Nível internacional IV	1	1
Nível nacional	32	12

4.1.2 Instrumento (Roteiro de entrevista)

O roteiro de entrevista semiestruturada utilizado foi o instrumento desenvolvido por López-Subijana e Vaquero (2018), desenvolvido para estudar a aposentadoria de atletas de natação na Espanha (ANEXO A). Tendo em vista que o instrumento foi desenvolvido e validado na língua espanhola, foi necessário realizar a adaptação transcultural para o português, para validar o instrumento para a modalidade estudada nessa Tese e para a realidade brasileira.

Para o processo de adaptação, inicialmente foi realizado contato via *e-mail* com a pesquisadora responsável pelo estudo no qual foi utilizado o roteiro de entrevista semiestruturada a fim de obter acesso na íntegra e autorização para utilizá-lo nesta pesquisa. Após a autorização concedida, foi conduzida a adaptação transcultural do questionário utilizado por López-Subijana e Vaquero (2018), composta por cinco estágios: 1) tradução, 2) síntese, 3) retrotradução, 4) revisão por comitê de *experts* e 5) pré-teste (BEATON et al., 2000).

Na Etapa 1 (tradução) foi realizada a tradução do espanhol para o português por meio de duas versões, sendo uma tradução juramentada e uma tradução feita por pesquisadora brasileira com fluência na língua espanhola. A escolha das tradutoras para as duas versões deu-se com o objetivo de obter uma versão final unificada que englobasse uma tradução qualificada profissional com conhecimento linguístico e outra por meio de uma profissional que, além do

conhecimento linguístico, compreendesse a terminologia e o cenário do qual se trata o roteiro de entrevista semiestrutrada conforme é recomendado por Weeks, Swerissen e Belfrage (2007).

A Etapa 2 (síntese) foi realizada por uma terceira pessoa independente das traduções a fim de comparar as duas versões da tradução, analisá-las e produzir uma única versão que melhor atendesse o objetivo proposto pela presente pesquisa. A terceira etapa (retrotradução) foi realizada por um terceiro tradutor independente que traduzir a versão síntese do português para o espanhol.

Tendo em vista a extensão das questões contidas no instrumento, foram elaboradas questões que sintetizavam os temas abordados para compor o roteiro em cada um dos temas principais. Na quarta etapa foi realizada uma revisão dessas questões por um comitê de *experts* visando garantir a equivalência cultural do roteiro de entrevista semiestruturada. Para isso, três *experts* e doutores da área de gestão esportiva e carreira foram convidados por meio de carta convite enviada por e-mail para contribuir com a análise do roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE A). Após o aceite deste comitê, o e-mail foi respondido com a versão original do instrumento em espanhol, o artigo cujo instrumento foi sugerido, a versão de tradução em português (APÊNDICE C), e as questões sintetizadas (APÊNDICE D) e um documento com os critérios a serem considerados na avaliação dos itens conforme sugerido por Beaton et al. (2000) e uma ficha de avaliação de cada item do roteiro de entrevista (APÊNDICE B). Os critérios que foram considerados na avaliação foram equivalência semântica, equivalência idiomática, equivalência cultural e equivalência conceitual.

Os *experts* tiveram 10 dias para retornar a análise solicitada que, com base nos critérios acima mencionados, avaliaram a equivalência ou não de cada item do roteiro de entrevista semiestruturada como (S) sim atende, (AP) atende parcialmente ou (N) não atende, além de espaço ao final de cada parte para comentários, sugestões e considerações destinados aos itens indicados como AP ou N. Após observar a avaliação e considerações dos *experts*, foram solicitados ajustes nos itens indicados como AP, pois os demais foram indicados como S e nenhum como N. Feitas as devidas correções, foi elaborada a versão pré-teste (quinta etapa).

Um pré-teste foi realizado com uma atleta de maratona aquática que representou o Brasil em eventos internacionais e que havia realizado a transição pós-carreira atlética há mais de três ciclos olímpicos. Portanto, foi enviado um *e-mail* com uma carta de apresentação do projeto, sendo assegurada a confidencialidade das respostas e, posteriormente, agendada a entrevista pelo aplicativo *Zoom*, por meio do qual tanto a imagem quanto o áudio foram gravados para serem transcritos. O objetivo desta etapa foi verificar se o roteiro de entrevista semiestruturada estava claro e coerente para o entrevistado, bem como considerações sobre a necessidade de

ajustes para a melhoria do mesmo. A respondente não apontou qualquer dificuldade de compreensão, dessa forma, foi definido o instrumento final.

O instrumento final (roteiro de entrevista com questões sintetizadas) foi utilizado para a coleta de dados com a pesquisadora tendo como suporte o instrumento na versão de tradução em português, considerado um instrumento de apoio (APÊNDICE C).

4.1.3 Procedimentos de coleta de dados

Todos os participantes da pesquisa de campo na Etapa II foram contatados de forma virtual para o agendamento das entrevistas. Para participar, todos aceitaram os termos da realização da pesquisa na qual foi assegurado seu anonimato. Após o aceite, a entrevista foi agendada e todas foram realizadas no período entre 04 e 22 de julho de 2022. A duração média das entrevistas foi de 52 minutos e 34 segundos sendo a menor realizada em 25 minutos e 36 segundos e a maior em 1 hora, 22 minutos e 36 segundos.

Para otimizar o tempo e evitar custos com o deslocamento, foi utilizado o recurso tecnológico do *Zoom*, um serviço de reunião virtual, por meio do qual é possível gravar vídeo e áudio. Ambas as formas de gravação foram autorizadas por todos os participantes. Das 14 entrevistas realizadas, duas delas foram desconsideradas, uma pelo respondente não se considerar como ex-atleta e uma tendo em vista problemas técnicos que impediram o entendimento do conteúdo da entrevista e consequentemente a adequada transcrição da mesma.

Na sequência, as entrevistas foram transcritas com o auxílio de um serviço virtual pago de transcrição denominado *Transkiptor*. Todas as 12 transcrições foram transferidas para um documento no *Word* individual para cada participante, que foram nomeados de E1 a E12 que teve em média 15,9 páginas sendo a menor entrevista com 11 e a maior com 22 páginas.

4.1.4 Análise dos dados

A análise dos dados obtidos por meio das entrevistas foi realizada por meio de análise de conteúdo, que pode ser de abordagem dedutiva ou de abordagem indutiva. A indutiva é indicada a estudos exploratórios, nos quais se parte do específico para o geral, com a categorização sendo feita *a posteriori,* podendo emergir ao longo do estudo. Como nessa tese temos elementos extraídos da Etapa I, que revelou que os indicadores 5.4 a 5.10 do modelo SPLISS refletem as abordagens teóricas e os demais modelos identificados na literatura, optou-se por realizar a análise de conteúdo de abordagem dedutiva, que tem como base conhecimento prévio, com um modelo teórico preestabelecido (BARDIN, 2011; QUEIROZ; GRAÇA, 2013). Diante desse quadro, a opção se enquadra ainda no que os autores indicam para sua aplicação,

ou seja, quando se quer experienciar hipóteses e teorias, utiliza-se uma matriz de categorias, mais ou menos estruturada, definidas *a priori*.

Os autores destacam ainda que quando se utiliza uma matriz estruturada (*a priori*) também há a possibilidade de considerar aspectos que emergem do material, mas que não são passíveis de considerá-los nas categorias definidas, configurando-se então um sistema misto (com base na abordagem indutiva) (BARDIN, 2011; QUEIROZ; GRAÇA, 2013).

a) Organização e preparação dos dados

Para a organização do material e processo de análise foi utilizada a planilha de Excel do pacote Office. Os entrevistados foram identificados pela letra "E" seguido do número de 1 a 12 (E1, E2, E3... E12).

As categorias, ou seja, grupos compostos por unidades de registro ou códigos comuns, foram definidos *a priori* com base na análise da etapa I que definiu os FCS 5.4 a 5.10 do Pilar 5 do SPLISS (DE BOSSCHER *et al*., 2008; 2015). E as subcategorias, foram definidas a partir da análise das entrevistas conforme Quadro 8.

b) Processo de codificação e categorização

Com o auxílio da planilha do Excel, foi realizada uma leitura detalhada do material para posterior identificação e separação das categorias por meio das unidades de registro temáticas, assim como a indicação de subcategoria, quando necessário.

c) Avaliação

A releitura do material foi realizada para a análise das categorias e subcategorias para verificar se poderiam ser unificadas ou desmembradas (EDWARDS; SKINNER, 2009; MORAES, 1999; SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). Esta fase foi feita pela própria pesquisadora e por uma professora doutora na área com experiência na análise adotada, o que resultou em ajustes quanto ao desmembramento em algumas subcategorias.

Quadro 8 – Pilar 5: Elementos apresentados pelo modelo SPLISS (Pilar 5 – FCS 5.4 a 5.10) e categorias de análise.

FCS	ELEMENTOS	CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS
5.4	O esporte de alto rendimento é a atividade primária integral para atletas de alto rendimento.	Trajetória de carreira	- linear - paralela - convergente
5.5	Os atletas podem receber suporte financeiro que permitam a eles dedicar-se suficientemente a seus esportes e sustentar-se enquanto se	Suporte financeiro	- idade - clube - confederação

	preparam para competir e quando competem no esporte de alto rendimento.		- bolsa - patrocínio - nacional - estadual - municipal - militar - COB - reembolso
5.6	Há um programa de suporte coordenado para atletas de alto rendimento (além de suporte financeiro) incluindo treinamento da carreira, assessoria jurídica, treinamento de mídia, apoio técnico (técnicos especializados), apoio ao treinamento e à competição (instalações de treinamento, campos de treinamento), apoio da Ciência do Esporte (Força e Condicionamento, Nutrição, Treinamento Mental), apoio da Medicina Esportiva (médicos especialistas, fisioterapeutas etc.).	Programa de suporte	- COB
5.7	Profissionais específicos são indicados para orientar e ajudar os atletas durante suas carreiras.	Suporte de especialistas	- clube
5.8	Existe um programa de suporte coordenado para apoiar a transição do atleta do nível juvenil para o adulto.	Programa de transição	
5.9	O governo ou os órgãos esportivos nacionais oferecem um programa de suporte pós-carreira para preparar e auxiliar os atletas para a vida após o esporte, que inclui: suporte financeiro (em estágios iniciais) após suas carreiras esportivas, suporte para os estudos (para atletas que querem iniciar ou finalizar seus estudos), ofertas de emprego, assistência e consultoria pessoal (em estágios iniciais) para procurar um trabalho adequado para o pós-carreira, suporte para qualidade de vida, preparação para candidatura a empregos e suporte psicológico.	Programa pós-carreira	- trabalho - familiar - cônjuge - psicológico - educacional - pares - financeiro - ausência - planejamento
5.10	A agência esportiva nacional firmou parcerias específicas (agência de recrutamento, agência de empregos, etc.) para guiar e ajudar atletas durante e após as suas carreiras.	Parcerias de emprego	- iniciativa própria - familiar - ausência de suporte

Fonte: Adaptado de Böhme; Bastos (2016).

4.2 Resultados da pesquisa de campo

Foram realizadas 14 entrevistas, no entanto, a 13ª e a 14ª foram descartadas, respectivamente, pelo fato de um respondente não ter passado pelo processo de transição pós-carreira e, por este motivo, não se considerar ex-atleta e outro por inviabilidade do entendimento do áudio no momento da transcrição da entrevista, inviabilizando sua transcrição.

A partir das categorias e subcategorias apresentadas, os resultados obtidos por meio das entrevistas seguem a caracterização dos respondentes seguida pelos FCS 5.4 a 5.10 do SPLISS (DE BOSSCHER *et al*., 2008; 2015).

4.2.1 Caracterização dos respondentes

Considerando os 12 entrevistados, nomeados de E1 a E12, como caracterizados na amostra ex-atletas, obtivemos que um era representante do nível internacional I (8,3%), um, do internacional IV (8,3%) e dez do nacional (83,3%), sendo 8 mulheres (66,6%) e 4 homens (33,3%).

Os respondentes foram questionados quanto ao seu início na maratona aquática. A partir das respostas, foi verificado que todos são oriundos da natação e apenas uma atleta (8,3%) se dedicou exclusivamente à maratona aquática, enquanto os demais (91,6%) combinavam simultaneamente os treinos para ambas as modalidades maratona aquática e natação.

Quando questionada a idade observou-se que, em média, mulheres e homens iniciaram em idade semelhante (13,8 anos e 13,3 anos respectivamente), mulheres atingiram o alto rendimento mais jovens que os homens (16,8 anos e 18,0 anos respectivamente) e tiveram uma carreira mais longa (25,2 anos para mulheres e 26,3 anos para os homens).

Quanto à origem, 5 eram do Estado de São Paulo (41,6%), 4 da Bahia (33,3%), 2 do Espírito Santo (16,6%) e 1 do Rio Grande do Sul (8,3%).

Quadro 9 – Perfil dos participantes.

Entrevistado	Sexo	Nível	Modalidade (NAT / MA)	Idade de início, alto rendimento e transição	UF
E1	Feminino	Internacional I	MA	22 / 22 / 34	SP
E2	Masculino	Internacional IV	NAT / MA	10 / 16 / 30	BA
E3	Feminino	Nacional	NAT / MA	-- / 15 / 21	ES
E4	Feminino	Nacional	NAT / MA	14 / 18 / 22	SP
E5	Feminino	Nacional	NAT / MA	12 / 17 / --	ES
E6	Feminino	Nacional	NAT / MA	-- / 14 / 25	SP
E7	Feminino	Nacional	NAT / MA	12 / 16 / 28	SP
E8	Feminino	Nacional	NAT / MA	08 / 15 / --	BA
E9	Masculino	Nacional	NAT / MA	13 / 18 / 23	SP
E10	Masculino	Nacional	NAT / MA	17 / 20 / 26	RS
E11	Masculino	Nacional	NAT / MA	-- / -- / --	BA
E12	Feminino	Nacional	NAT / MA	15 / 17 / 21	BA

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

De acordo com as características apresentadas pelos participantes da pesquisa, justifica-se os melhores resultados internacionais das mulheres brasileiras, já que representam dois terços

dos ex-atletas investigados. Todos iniciaram na natação e mantiveram o treinamento e competição em ambas as modalidades, com exceção de E1. Por último, ainda que a maior parte deles seja oriunda do Estado de São Paulo, cidades litorâneas parecem influenciar o início maratona aquática, além de forte influência do local com eventos esportivos tradicionais na região.

4.2.2 Trajetórias de carreira

A categoria "trajetória" na carreira foi definida com base no FCS 5.4 do SPLISS no qual é avaliado se o esporte de alto rendimento é a atividade primária integral para atletas de alto rendimento, em combinação à seguinte questão do instrumento de apoio "Você recebeu algum tipo de apoio de programas de formação por parte da Federação, da Universidade etc.? Como foram esses apoios?

De acordo com o estudo de Pallarés *et al*. (2011), no qual foram definidas as trajetórias de carreira como dupla carreira (convergente ou paralela) e linear, é possível considerar o FCS 5.4 como trajetória linear ou convergente, nas quais há dedicação exclusiva ao esporte ou o mesmo é priorizado, quando combinado com estudos ou trabalho respectivamente. Cabe lembrar que a trajetória de carreira paralela que combina esporte e estudos ou trabalho e a trajetória convergente são definidas como dupla carreira (DC) por Pallarés *et al*. (2011).

Com base no exposto acima, a análise foi realizada segundo as subcategorias que identificam a trajetória de carreira dos ex-atletas de maratona aquática.

4.2.2.1 Trajetória linear

Dois ex-atletas (16%) de maratona aquática (E1 e E2) desenvolveram uma trajetória de carreira linear. Embora E1 tenha afirmado que os estudos sempre foram incentivados pela sua mãe e que seu ingresso na maratona aquática ocorreu aos 22 anos. Acredita-se que o ensino superior tenha sido finalizado e, por este motivo, houve a possibilidade de, a partir de então, dedicar-se integralmente ao treinamento da modalidade também devido à dificuldade em conciliar as demandas esportivas com as acadêmicas. Já o E2, relatou que, embora tenha tentado conciliar a formação acadêmica com o treinamento, houve a necessidade de interromper os estudos devido ao grande desgaste físico e gestão de tempo com toda mobilidade envolvida.

> É, eu me senti até um pouco diferente, né, dos outros e me sentia um pouco sobrecarregada em questão de tempo. Não é porque eu pensava, poxa vida, se eu tivesse mais tempo para estudar eu ia conseguir ter notas melhores. Eu ia

> ser a melhor aluna da sala, porque eu sempre tive muito isso, sabe? De querer ser boa nas coisas que eu que eu estava fazendo, e a natação sempre veio em primeiro lugar para mim E a minha comparação com os meus, minhas outras amigas de escola, era muito nesse sentido, porque 4 horas da manhã eu estava acordada, treinando enquanto elas estavam dormindo e tinha o dia todo para estudar e eu não. Eu tinha algumas horas e olhe lá, não é? Então é, eu me senti um pouco sobre a carregada assim. (E1)
>
> Eu sempre estudava no colégio, né? E, sempre tive bolsa em alguns colégios, desconto. A gente sempre optava ir para esses colégios que ficassem perto do clube, que continuasse dando desconto bolsa para poder estar ajudando no ensino e dentro de casa, né? [...] ainda em 2006, eu entrei na universidade com bolsa. A universidade daqui, ela tinha um projeto de atletas universitários e ela dava a bolsa para os atletas que fossem para os JUBs e nadar. Então eu estudei durante uns 5 semestres mais ou menos é com bolsa. Só que o problema é que a universidade era muito longe da minha casa, do treinamento. Eu perdia às vezes com o trânsito em 1 hora e 20, 1 hora e meia para ir, e aí na volta eu demorava menos, uns 45 mais ou menos. Então começou a ficar muito desgastante. (E2)

Cabe destacar que ambos apresentaram os melhores desempenhos ao serem classificados como nível Internacional I e Internacional IV que significa ter obtido resultados entre os 3 melhores do mundo (Campeonato mundial, Jogos Olímpicos, Grand Slams, ranking mundial) e entre os 16 melhores do mundo (Campeonato mundial, Jogos Olímpicos, Grand Slams, ranking mundial), respectivamente.

4.2.2.2 Trajetória paralela

A maior parte dos atletas do nível Nacional (E3, E4, E5, E7, E10, E11 e E12), o que representa 58,3% dos participantes, desenvolveram sua carreira pela trajetória paralela, o que corrobora com os estudos recentes desenvolvidos na Europa pelo Programa ERASMUS+ (WYLLEMAN; DE BRANDT, DEFRUYT, 2017; TORREGROSSA; REGÜELA; MATEOS, 2020; SPORT SPYCHOLOGY & MENTAL SUPPORT RESEARCH GROUP, 2022; ECOLOGY OF DUAL CAREERS, 2022a; ECOLOGY OF DUAL CAREERS, 2022b), na qual os esforços são voltados para a elaboração e implementação de projetos e programas que estimulam a DC na trajetória do atleta visando diminuição dos efeitos negativos da transição

pós-carreira atlética ainda durante a carreira atlética, ou seja, ainda com o atleta competindo de maneira ativa.

> Eu sempre estudei. (E3)
> Sempre tive apoio dos professores [...] porque é muito difícil conciliar treino com vida acadêmica. É praticamente quase impossível se não tiver ajuda de professor. (E4)
> Eu nadava o dia inteiro, estudava. (E5)
> Eu sempre fui bastante cobrada [...] pelos meus pais [...] Você nada, mas você tem que estudar. Amanhã você tem que ser alguém. (E7)
> Eu tinha bolsa na faculdade, não por causa da natação, por ter ido muito bem no vestibular, ter sido o terceiro no vestibular e tinha 50% de bolsa. Então eu não podia rodar. Mas ao mesmo tempo eu não rodava por falta, porque eles sabiam que eu passava até a parte do tempo viajando, tá? Às vezes eu chegava da China, 2 dias depois eu tinha que fazer 2, 3 provas, né? [...] Nesse quesito, tem entender que eu era atleta porque não tem lei nenhuma hoje que abarque isso não é? É, do atleta está competindo e poder perder uma prova de poder fazer. Não existe lei, né? Tanto estadual agora não sei se tem lei federal, mas estadual não tem, né? A gente estava discutindo isso. Porque eu nunca deixei de estudar. Eu estudava. Então, para mim não era um problema, estudar nunca foi um problema, mas acho que até foi bom porque era uma distração. Era um momento de distração, mas eu perdia hora de sono, de treino, de cansaço, né? Então, dificilmente eu fiquei até o final da aula, mas assim eu nunca fui um mau aluno ali. Tem que ter uma prova, então tá, então vamos concentrar e fazer a prova. (E10)
> Não adianta a gente só treinar. A gente tem que ter um estudo. Então a gente tinha os horários de treino e o horário da faculdade. Eu acho que todo o esporte tem que ter isso tanto a parte do treinamento com uma parte do estudo tem que estar integrada, porque o futuro lá na frente pega. Se você não tiver uma base ali de estudo, também não adianta. Você só, vim no alto rendimento e treinar, a gente sabe que às vezes o esporte de quem não é profissional a gente não, não vai te levar um a um patamar que você acha que vai. Tá bem, é bem financeiramente, mas o estudo pode te levar aonde você quiser. (E11)
> Você tem que ir nadar. Você tem que malhar. Você tem que estudar. Tem que fazer tudo ao mesmo tempo, né? (E12)

O incentivo à manutenção dos estudos era estimulado pela família e este comportamento é corroborado por Vilanova e Puig (2013, 2016) e denominado como estrategistas aqueles atletas conscientes do seu futuro devido a influência da sua família. Este conceito foi criado pelas pesquisadoras a partir do modelo holístico de transições de Wylleman e Lavalle (2004) e incorporação do conceito de estratégia de Mintzberg, Quinn e Voyer (1997) por estar atento ao tempo quanto à sua capacidade de previsão, gestão do tempo e visão de longo prazo, por exemplo.

4.2.2.3 Trajetória convergente

Um quarto dos ex-atletas apresentaram trajetória de carreira convergente, na qual o estudo é combinado com o esporte e por este motivo é denominado dupla carreira, no entanto, a maior importância é destinada ao treinamento (PALLARÉS *et al*., 2011).

> Então eu terminei a escola cedo, eu tinha acabado de fazer 17 anos, tipo, acabado assim, nasci no final do ano, então acabei cedo. E aí a primeira faculdade que eu entrei foi bem na minha melhor fase, tipo quando eu comecei a despontar, que foi para esse mundial Júnior de 2012, do Canadá, foi um primeiro semestre que eu mais faltava do que ia, porque era treinamento, altitude. Daí fica não sei quanto tempo fora, daí tem um tipo, 3 etapas de Copa do Mundo, aí tem treinamento de, sei lá, tipo, juntamos a galera, vamos fazer um final de semana de treinamento, tipo no interior. Então assim, eu não ia para a faculdade. Tipo assim, eu peguei DP praticamente de todas as matérias. Eu lembro que nessa fase, que eu entrei na faculdade, eu cheguei a receber propostas, tipo para ir nadar fora. É, em universidades, mas meu, eu, não era o que eu queria, sabe? Tipo, eu queria estar aqui treinando com ele que já tinha sido eleito o melhor treinador de maratona aquática do mundo. Eu falo, cara, se eu tenho o melhor do mundo aqui, eu posso treinar com ele. Não vejo por que eu ir para fora, tipo para estudar, sabe? E acabei optando por ficar aqui. Fiz isso, enfim, fazendo faculdade. Comecei a fazer faculdade, fiz 6 meses, tranquei, parei. Fiquei um ano sem estudar. (E6)
>
> Até terminar a faculdade, natação sempre foi o primeiro plano para mim, né? (E8)
>
> Um pouquinho antes do terceiro ano de ensino médio [...] eu já eu já percebia que era a importância, né de eu estar focando e muito na área do esporte, ter minha vida como atleta [...] e eu colocava isso como principal objetivo da minha, sabe? (E9)

Desta forma é possível observar que enquanto o E6 interrompeu os estudos por um ano, os demais (E8 e E9) priorizavam o esporte. Resultados semelhantes também foram observados durante a trajetória de carreira de atletas que passaram a atuar como gestores esportivos (SILVA, 2019).

Ainda que a E1 tenha adotado a trajetória de carreira linear em parte da sua carreira atlética, pode-se afirmar que todos os ex-atletas da maratona aquática investigados neste estudo ingressaram no ensino superior. Resultados semelhantes foram encontrados por Miranda (2019) que identificou que a maioria das ex-atletas do Distrito Federal priorizaram os estudos enquanto atletas e quase todas elas ingressaram no ensino superior.

4.2.3 Suporte financeiro

O FCS 5.5 analisa se os atletas podem receber suporte financeiro que permitam a eles dedicar-se suficientemente a seus esportes e sustentar-se enquanto se preparam para competir e quando competem no esporte de alto rendimento, pois a permanência do atleta no esporte está atrelada ao suporte financeiro (DE BOSSCHER *et al*., 2009). Assim, este suporte é fundamental para a construção da carreira esportiva (DE BOSSCHER *et al*., 2015).

Dentro da categoria suporte financeiro, foram definidas as seguintes subcategorias: idade, clube, confederação, bolsa, patrocínio, nacional, estadual, municipal, militar, COB e reembolso.

4.2.3.1 Idade

No início da carreira atlética, as entrevistadas E1, E4 e E7 (25,0%) mencionaram a idade que começaram a receber algum benefício financeiro em termos de valores pagos diretamente ao atleta e não apenas benefícios oferecidos por meio de serviços ou bolsas como pode ser observado ao longo das entrevistas.

> Com 13 anos, eu comecei a receber [...] mas eram assim, sempre salários pequenos [...] acho que uns 20 anos que eu comecei a receber melhor. (E1)
> Desde os 15 anos que eu recebia. (E4)
> Tive desde os 14. (E7)

Desta forma, acredita-se que, provavelmente, o desenvolvimento da carreira atlética da maioria dos ex-atletas (75,0%) no nível financeiro foi viabilizado pela família seguindo o modelo holístico proposto por Wylleman (2019) e de acordo com Côté (1999), ao afirmar que

o suporte financeiro durante a iniciação esportiva é proveniente fundamentalmente dos pais, que arcam com os recursos básicos para o desenvolvimento da criança na modalidade, como materiais, transporte e alimentação.

Esses achados corroboram ainda com os resultados de Ferreira e Moraes (2012), quanto ao suporte financeiro oriundo dos familiares, principalmente na primeira fase de desenvolvimento dos atletas que é essencial para o sucesso esportivo.

4.2.3.2 Clube

Quanto ao suporte financeiro oriundo de clubes, metade dos atletas (E1, E3, E4, E7, E10 e E12) relataram essa fonte como suporte para a manutenção e evolução na modalidade.

> No início, foi clube. (E1)
> Quando eu fui para o clube, foi quando eu comecei a receber uma remuneração por nadar. (E3)
> Tive do clube o financeiro, ajudou muito, né? Recebi do meu clube. (E4)
> Tive suporte financeiro dos clubes que eu participava. (E7)
> Comecei a receber para isso, né? Clube. (E10)
> A ajuda de custo que o clube dava. (E12)

Considerando que o judô no Brasil também é desenvolvido a partir de clubes esportivos e alguns projetos socioesportivos (QUEIROZ; HIRAMA; JOAQUIM; MONTAGNER, 2020). Reis e Capraro (2021) identificaram que nesta modalidade os clubes também oferecem suporte financeiro aos judocas além de viagens para as competições nacionais através do pagamento de passagem, hospedagem e alimentação aos atletas.

4.2.3.3 Confederação

Apenas a E1 relatou a Confederação como fonte de recursos financeiros recebidos durante a carreira atlética. Cabe destacar que se trata da ex-atleta de maior nível esportivo dentre a população e participantes desta pesquisa.

> E depois com resultados internacionais, a Confederação, por meio do patrocinador, né? (E1)

De acordo com o modelo holístico (WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMAN, 2019), a Confederação é apontada como uma das fontes de recursos financeiros ao longo da carreira atlética com estimativa de idade entre 15 e 30 anos. E em estudo realizado com ginastas integrantes da seleção brasileira, a Confederação Brasileira de Ginástica também oferece salário aos atletas por meio do patrocinador (VARGAS; CAPRARO, 2020).

4.2.3.4 Bolsa

A bolsa de estudos é uma forma de manter os atletas na modalidade já que os familiares incentivam os estudos e os clubes oferecem como parte dos benefícios em função do desempenho esportivo do atleta. Desta forma, 75% dos ex-atletas de maratona aquática (E1, E4, E5, E6, E7, E9, E10, E11, E12) relataram que receberam este benefício durante a carreira atlética.

> Na época que eu era de escola [...] a gente não ganhava dinheiro, o que eu conseguia era uma bolsa de estudos e olhe lá. (E1)
> Tudo por conta do esporte desde pequenininha, desde a oitava série era uma outra escola que eu participava e eles me deram bolsa por causa do estudantil. (E4)
> A gente acaba não gastando nada, não pagando nada. As faculdades, todas que eu fiz, eu fui bolsista. Eu acho que isso também me deixou mais tempo na natação, porque se eu não tivesse nenhum apoio, eu, eu talvez tivesse saído antes da natação. (E5)
> A gente ganha estudo. Eu estudei desde o colégio, desde o curso técnico até o colegial eu ganhei bolsa. Então aproveita o que você tem, o que o esporte está te trazendo para o futuro. Então eu tive bolsa de curso técnico. Eu tive bolsa de 2 faculdades. É, eu tive bolsa de pós. Então eu aproveitei o máximo que eu podia do esporte, que o meu esporte me proporcionou para estar estudando. (E7)
> A faculdade da cidade me ajudava. (E9)
> Eu tinha bolsa na faculdade, não por causa da natação, por ter ido muito bem no vestibular [...] ter sido o terceiro no vestibular e tinha 50% de bolsa. (E10)
> Eu tive a bolsa ... para estudar, então é essencial. (E11)
> Eu comecei a treinar e a me destacar e estudar com bolsa de estudo em colégios particulares. O clube me deu, me deu isso, não é? E consegui fazer o

> ensino fundamental, o ensino médio. Estudei em boas escolas. E gratuito. (E12)

Ainda que a subcategoria bolsa não tenha sido dividida nos diferentes níveis acadêmicos, foi possível observar suporte em todos eles. Cabe ressaltar que a realidade da maioria dos jogadores de basquetebol de base de Minas Gerais, por exemplo, é de não receber bolsa de estudos (REIS, MORAES, FERREIRA, NOCE, COSTA, 2014). Esses achados são reforçados no futebol feminino, pois no ensino fundamental e médio 10% das atletas de elite da modalidade receberam bolsa de estudo por conta do esporte enquanto 90% delas receberam este suporte durante o ensino superior (MAQUIAVELI, COELHO, VICENTINI, OLIVEIRA, RICCI, MARQUES, 2021).

4.2.3.5 Patrocínio

O suporte financeiro via patrocínio foi mencionado por metade dos ex-atletas de maratona aquática (E2, E5, E7, E10, E11 e E12). Esse apoio por meio de empresas de diferentes portes, através de material esportivo e pela iniciativa do próprio atleta.

> Quando era mais novo, eu eu tinha apoio de empresas, né? (E2)
> Eu consegui um Patrocínio grande aqui, de uma empresa grande. (E5)
> Desde o infantil [...] eu já era patrocinada. (E7)
> Comecei a receber para isso, né? [...] Patrocínio. (E10)
> Consegui Patrocínio da Diana. Na época, a marca de roupa que fornecia também, então conseguia Bermuda, conseguia macacão pra nadar. (E11)
> E patrocínios quando a gente conseguia, né, pedindo um, por exemplo, a roupa "*fast*", mas dinheiro, dinheiro era bem difícil de conseguir. (E12)

Resultados semelhantes foram verificados em ginásticas, no entanto, parte deles destacam que este o suporte financeiro de empresas privadas é recebido no período pré-olímpico enquanto outra parte afirma que após a medalha o reconhecimento se tornou maior, consequentemente o patrocínio também (VARGAS; CAPRARO, 2020). Já no judô, apenas 17,6% afirmaram ter recebido algum patrocínio financeiro (REIS e CAPRARO, 2021).

4.2.3.6 Nacional

Dentro da realidade brasileira, existem leis nacionais, estaduais e municipais que oferecem aos atletas incentivos financeiros por meio de programas de bolsa destinado ao pagamento de valores específicos aos atletas de acordo com seu nível e desempenho esportivo.

No nível nacional, 25% dos ex-atletas de maratona aquática (E3, E4, E9 e E12) afirmaram que foram contemplados com suporte financeiro através do Bolsa Atleta do Governo Federal.

> Bolsa atleta eu recebi. Assim, eu não vou saber dizer desde quando tá? Mas assim, há muito tempo recebi. Muitos anos. É, graças a ele eu continuei nadando, com certeza. É como eu disse, aqui a gente pagava muitas das coisas que a gente fazia, né? Então, praticamente tudo a gente tinha que pagar para poder ter acesso. E aí o bolsa atleta sempre foi o meu único recurso até eu entrar no clube. (E3)
> Recebi [...] do bolsa atleta. (E4)
> Eu tive o bolsa atleta. (E9)
> Já consegui [...] a bolsa atleta, né? (E12)

O Bolsa-Atleta, por exemplo, programa do Governo Federal, é considerado o maior Programa de incentivo à atletas do Brasil (BRASIL, 2022; MEZZADRI; MORAES E SILVA; FIGUEIRÔA; STAREPRAVO, 2015). Ele tem por objetivo financiar diretamente atletas nacionais de diferentes níveis. Criado em 2004 e, através do Ministério da Cidadania, investe cerca de R$ 125 milhões por ano. A eficiência deste programa foi mencionada pelos judocas (REIS; CAPRARO, 2021).

Partindo do pressuposto de que o suporte financeiro estatal está diretamente relacionado ao sucesso de um atleta (DE BOSSCHER *et al*., 2009), é apresentado na sequência resultados referentes às bolsas nos níveis estadual e municipal, respectivamente.

4.2.3.7 Estadual

Quatro ex-atletas de maratona aquática (E2, E3, E5 e E8) receberam suporte financeiro por meio de bolsas oferecidas por programas do Governo Estadual sendo um deles (E3) acumulando o benefício com a bolsa do Governo Federal.

> Que é que tem um programa, estadual e ajudava bastante. (E2)
> Tinha também um incentivo [...] do governo estadual. (E3)

> Tinha muitas leis estaduais [...] eu tinha várias bolsas pequenas. (E5)
> Eu tive bolsa estadual durante alguns anos da minha vida, né? (E8)

4.2.3.8 Municipal

Quanto às bolsas oferecidas pelo Município, observou-se que quase todos (E3, E5 e E9) já haviam sido beneficiados por programas semelhantes em outros níveis, com exceção do E7 que não foi contemplado com nenhuma das bolsas oferecidas pelo Governo Federal ou Estadual.

> Tinha também um incentivo da prefeitura. (E3)
> Tinha muitas leis municipais e [...] eu tinha várias bolsas pequenas. (E5)
> Eu tive prefeitura auxiliando também. (E7)
> Eu tinha um valor que eu recebia da cidade. (E9)

De todos os ex-atletas de maratona aquática, apenas 25% deles (E1, E6, E10 e E11) parece não ter sido contemplado por este benefício independente do nível da bolsa quanto ao desempenho esportivo e quanto à origem seja a bolsa do Governo Federal, Governo Estadual ou Município.

Segundo Reis e Capraro (2021), geralmente, os atletas são beneficiados por quatro diferentes fontes de recursos financeiros — clube, patrocínios individuais, Programa Bolsa Atleta e Programa de Atletas do Alto Rendimento (PAAR) conforme poderá ser verificado na subcategoria a seguir.

4.2.3.9 Militar

Apenas dois ex-atletas de maratona aquática afirmaram terem recebido suporte financeiro por meio das Forças Armadas (E2 e E4).

> Depois veio o exército. (E2)
> Recebi [...] da marinha. (E4)

O Programa de Atletas de Alto Rendimento (PAAR) foi criado em 2008, e viabilizou a contratação de atletas civis de alto nível pelas Forças Armadas nacionais (VARGAS; CAPRARO, 2020) para “representar o Exército Brasileiro em competições nacionais e internacionais, motivar e transferir conhecimento, reforçar a imagem da Força no país e no

exterior, e contribuir para o desenvolvimento do esporte nacional" (COMISSÃO DE DESPORTO DO EXÉRCITO, 2017). O PAAR foi citado por todos os ginastas participantes da pesquisa como um dos principais incentivos financeiros para a manutenção no esporte de alto nível, assim como o Bolsa Atleta do Governo Federal (VARGAS; CAPRARO, 2020). Os benefícios são os mesmos que um militar de carreira recebe como: 13° salário, férias, plano de saúde e uso das instalações esportivas militares (SOUZA, 2017).

4.2.3.10 COB

Na presente pesquisa, apenas um dos participantes (E10) relatou ter recebido recurso financeiro através do Plano Brasil Medalhas.

> Entramos num programa do COB de alto nível, né? Então aí eu realmente eu vi que as coisas mudaram. Entrei no projeto medalha do COB. Então aquilo ali, realmente, foi uma mudança de vida, não é? (E10)

O Plano Brasil Medalhas foi um investimento público feito pelo Governo Federal, por meio da secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento, na época vinculado ao ministério do Esporte, para atingir a meta de figurar entre os dez primeiros países no quadro geral de medalhas (SECRETARIA ESPECIAL DO ESPORTE, 2022). Dentre as modalidades escolhidas, a maratona aquática constava nesta relação.

4.2.3.11 Reembolso

Um dos ex-atletas (E11) mencionou o reembolso como um recurso utilizado para auxiliar no suporte financeiro.

> Eu tinha um que bancava pelo menos minhas passagens. Então é um amigo meu. Ele é empresário e bancava toda a minha passagem. Então isso aí já aliviava bastante [...] e o resto eu me virava. Então assim, você não tem um suporte bastante atrás, é complicado, né? (E11)

Em pesquisa com atletas de alto rendimento de diversas modalidades no Brasil, 69,5% dos atletas afirmaram que não receberam reembolso das despesas esportivas (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2012) confirmando que esta não é uma condição presente para a maioria dos atletas brasileiros.

Considerando as subcategorias relacionadas ao suporte financeiro conforme sugerido pelo Pilar 5 do SPLISS no FCS 5.5, a bolsa de estudos (75%) foi o benefício oferecido com maior frequência aos ex-atletas de maratona aquática durante sua carreira atlética, seguido de clube (50%) e patrocínio (50%). Bolsa oferecidas pelo Governo Federal (33,3%), Estadual (33,3%) e Municipal também foram citadas, sendo em menor oferta os benefícios oriundos do programa militar (16,6%), Confederação (8,3%) e COB (8,3%) além da possibilidade de reembolso (8,3%).

Quadro 10 – Subcategorias criadas a partir da categoria suporte financeiro.

SUBCATEGORIA	ENTREVISTADO(S)	FREQUÊNCIA RELATIVA
Bolsa	E1, E4, E5, E6, E7, E9, E10, E11, E12	75,0%
Clube	E1, E3, E4, E7, E10 e E12	50,0%
Patrocínio	E2, E5, E7, E10, E11 e E12	50,0%
Nacional	E3, E4, E9 e E12	33,3%
Estadual	E2, E3, E5 e E8	33,3%
Municipal	E3, E5 e E9	25,0%
Militar	E2 e E4	16,6%
Confederação	E1	8,3%
COB	E10	8,3%
Reembolso	E11	8,3%

Fonte: elaborado pela autora.

4.2.4 Programa de suporte

O FCS 5.6 busca identificar se há um programa de suporte coordenado para atletas de alto rendimento (além de suporte financeiro) incluindo treinamento da carreira, assessoria jurídica, treinamento de mídia, apoio técnico (Técnicos especializados), apoio ao treinamento e à competição (instalações de treinamento, campos de treinamento), apoio da Ciência do Esporte (Força e Condicionamento, Nutrição, Treinamento Mental), apoio da medicina Esportiva (médicos especialistas, fisioterapeutas etc.)

De acordo com as entrevistas realizadas, apenas a subcategoria COB foi identificada conforme item a seguir.

4.2.4.1 COB

Apenas um ex-atleta (E10) relatou ter recebido este suporte. Acredita-se que o mesmo tenha recebido por meio do Plano Brasil Medalhas já que, nos clubes, esses profissionais são contratados, ou seja, o atleta não poderia escolher.

> Teve psicólogo, nutricionista [...] eu podia [...] escolher a melhor pessoa do fisio. Claro que eu teria escolhido melhor hoje ou teria ido para São Paulo, ou ter tentado trazer mais coisas, mas na época, dentro do que a gente tinha de escolher as melhores pessoas que eu conhecia, né, para poder trabalhar comigo e isso me ajudou bastante. (E10)

O Plano Brasil Medalhas teve como objetivo financiar o esporte de alto rendimento em modalidades olímpicas e paralímpicas como preparação para os Jogos olímpicos do Rio de Janeiro em 2016 por meio de apoio além do financeiro como a contratação de técnicos e equipes multidisciplinares, aquisição de equipamentos e materiais, viagens para treinamento e competições, construção, reforma e equipamento de centros de treinamento (SECRETARIA ESPECIAL DO ESPORTE, 2022).

4.2.5 Suporte de especialistas

O FCS 5.7 busca identificar se profissionais específicos são indicados para orientar e ajudar os atletas durante suas carreiras. No entanto, foi definida apenas uma subcategoria para esta categoria, na qual o clube foi identificado como meio para este apoio.

4.2.5.1 Clube

Um dos ex-atleta (E3) de maratona aquática que participou da pesquisa sinalizou a existência este suporte por meio do clube o qual representou em um determinado período de sua carreira atlética.

> A gente não tinha apoio de fisioterapeuta, nutricionista, né? Eu tinha, mas a gente pagava [...] É, preparador físico pagava [...] Aí quando eu fui pro clube eu encontrei isso lá. Médico do esporte, a gente tinha lá também, então a gente estava, ela estava sempre amparando a gente de alguma forma. (E3)

Segundo Reis e Capraro (2021), os clubes oferecem serviços de profissionais específicos conforme preconizado pelo FCS 5.7 como: médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, estrutura de treinamento físico até plano de saúde.

Complementando os serviços importantes para o suporte ao desenvolvimento da carreira atlética, Alexandrino e Nogueira (2017) identificaram que dentre os serviços de Ciências do Esporte, a preparação física (76%) e a nutrição (58%) foram os mais ofertados, seguidos dos

serviços de Medicina Esportiva, nos quais 63% dos atletas contaram com suporte fisioterápico, 50% massagem e 42% de médico do esporte. Em contrapartida, a maioria não recebeu suporte psicológico (57%), fisiológico (68%) e biomecânico (66%), assim como os serviços de assessoria de carreira (79%), jurídica (83%) e treinamento de mídia (75%)

Assim, os resultados da presente pesquisa corroboram com a literatura ao confirmar que pouco suporte é oferecido aos atletas durante a carreira atlética.

4.2.6 Programa de transição

O FCS 5.8 tem por objetivo verificar a existência de um programa de suporte coordenado para apoiar a transição do atleta do nível juvenil para o adulto. No entanto, nenhum atleta menciona a participação, envolvimento ou conhecimento a cerca de um programa para esta finalidade.

Embora no cenário brasileiro atual o COB tenha anunciado o programa Conexão Santiago em 2022 para esta finalidade por meio de suporte de equipe multidisciplinar, treinamento e competições no exterior (COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, 2022b), entende-se que, na época em que os atletas entrevistados passaram por esta transição do nível juvenil para o adulto, não existia qualquer outra iniciativa.

4.2.7 Programa pós-carreira

O FCS 5.9 do SPLISS busca verificar se o governo ou os órgãos esportivos nacionais oferecem um programa de suporte pós-carreira para preparar e auxiliar os atletas para a vida após o esporte, que inclui: suporte financeiro (em estágios iniciais) após suas carreiras esportivas, suporte para os estudos (para atletas que querem iniciar ou finalizar seus estudos), ofertas de emprego, assistência e consultoria pessoal (em estágios iniciais) para procurar um trabalho adequado para o pós-carreira, suporte para qualidade de vida, preparação para candidatura a empregos e suporte psicológico.

Embora nenhum ex-atleta tenha mencionado qualquer programa que tenha sido desenvolvida neste sentido, durante a fundamentação teórica foi observado que um dos entrevistados participou da sexta turma do Programa de Carreiras do Atleta (PCA) oferecido pelo IOB (GLOBO ESPORTE, 2018). Ainda que não tenha sido citado pelo referido atleta, constata-se que o programa é restrito, o que inviabiliza o envolvimento de mais atletas em transição ou ex-atletas na preparação adequada para o pós-carreira atlética. Além disso, 64,8% dos atletas de alto rendimento no Brasil relataram não haver apoio para o pós-carreira (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2012).

No sentido de buscar identificar quais os tipos de suporte os ex-atletas de maratona aquática puderam contar neste momento de transição, utilizou-se a questão "Durante a sua carreira, você se preparou para esse momento de algum jeito? Pensava ou refletia como seria a sua vida depois de se aposentar do esporte? A partir das respostas, foram definidas as subcategorias: trabalho, familiar, cônjuge, psicológico, educacional, pares, financeiro, ausência de assistência e planejamento.

4.2.7.1 Trabalho

Durante a carreira atlética, a rotina dos treinamentos, por muitas vezes inviabiliza a continuidade dos estudos, seja pelo pouco tempo disponível, ou pelo desgaste físico. Consequentemente, a preparação para o mercado de trabalho, que é adiada ou não planejada por meio dos estudos, é prejudicada.

> Eu me preparei talvez muito mais é psicologicamente com projetos engavetados, porque durante a carreira não dá tempo e não dá pra tirar o foco. (E1)
> Não me preparei para o mercado de trabalho. (E12)

Embora dois ex-atletas (E1 e E12) tenham se referido ao trabalho, ambos afirmam que não houve preparo para o mercado de trabalho. Embora o nível de desempenho esportivo alcançado ao longo da carreira das entrevistadas acima seja oposto (E1 entre as 3 melhores do mundo e E12 representou o Brasil em evento internacional), esses resultados são semelhantes aos achados de López-Subijana, Barriopedro e Conde (2015) no que diz respeito ao desgaste físico e mental diante da dificuldade em conciliar as formações esportivas e acadêmicas.

4.2.7.2 Familiar

Neste período de transição pós-carreira atlética, a família foi apontada por metade dos ex-atletas (E1, E2, E3, E10, E11 e E12) como apoio presente.

> Eu conversava com [...] os meus pais. (E1)
> Sempre com a família. (E2)
> Os meus pais, na verdade, assim, quando a gente conversou, é, a gente não falava ainda de fato em aposentadoria, né? A gente falava em, ah fica aqui, vai treinando e tal, quando tudo melhorar você volta. Enfim, e aí quando eu

> fui comer minha mãe pela minha mãe, até hoje eu tô nadando aí em qualquer lugar, né? Mas assim, eu sempre tive uma conversa muito aberta aos meus pais. Eles sempre me deram muita segurança para [...] tomar minhas decisões. Então a minha preocupação, além de tudo, era não vou ter mais meu dinheiro. Tipo assim, pô, quando eu nadava, eu tinha meu dinheiro. Eu tinha meu salário, sabe? Eu fazer o que eu amava. E agora, sabe? Então assim, você fica perdida e aí eu sempre consegui conversar com os meus pais sobre isso. Eles sempre me deram muito apoio, muito apoio. (E3)
> Eu acho que eu só pude conversar com meus pais. Assim, eu só tive o apoio deles, mesmo assim não existe uma estrutura. (E10)
> Falava com minha mãe um pouco. (E11)
> Eu conversei bastante com meus pais, porque eles perguntavam, só dependia de mim na verdade, né? Se eu ia aguentar, porque eu estava aqui sozinha, né? É aí ele falou, filha, é, você já aguentou até muito. Pode voltar para casa, a gente vai te apoiar. (E12)

Esses achados corroboram com os resultados de López-Subijana e Vaquero (2018) que identificaram o apoio incondicional da família como facilitador neste momento de transição, de Costa et al.(2010), no qual 56% dos ex-atletas do futebol brasileiro contaram com o apoio da família, e junto a atletas de futsal, que também recorreram aos membros da família e aos amigos para ajudar a lidar com os desafios da carreira atlética, destacando a importância dos familiares como o principal apoio de suas vidas quando comparado aos amigos (VISSOCI; FIORDELIZE; OLIVEIRA; NASCIMENTO JR, 2013).

4.2.7.3 Cônjuge

Além da família, um quarto dos ex-atletas (E1, E11 e E12) informaram que puderam contar com o apoio do cônjuge.

> Eu conversava com o meu marido, né? (E1)
> Conversava com minha namorada, que estava comigo na época. Aí eu falava com ela bastante [...] via que eu não estava feliz é me apoiou bastante nessa transição. (E11)
> Conversava bastante com o meu namorado também, né? (E12)

Ainda que fosse possível englobar as subcategorias familiar com cônjuge, julgou-se importante essa diferenciação considerando o modelo holístico no nível psicossocial (WYLLEMAN; ALFERMAN; LAVALLE, 2004; WYLLEMAN, 2019). Desta forma, é possível reforçar os atores que compõem a rede de apoio dos atletas que não receberam o suporte de programa específico para esse momento de transição.

4.2.7.4 Psicológico

Além do suporte familiar e do cônjuge, foi destacada a importância de orientação de profissional especialista para o momento da transição pós-carreira conforme apontado pelo SPLISS.

Nesta subcategoria, dois dos entrevistados (E1 e E7) buscaram suporte psicológico por meio de profissional especialista para realizar a transição pós-carreira atlética, enquanto um (E3) destacou a ausência deste preparo que leva a entender que a ausência deste suporte foi percebida como necessária.

> Eu conversava com [...] minha psicóloga também. (E1)
> Mas assim, psicologicamente, zero, psicologicamente, zero. (E3)
> Eu tive que fazer terapia, mas de verdade, assim foi até uma terapia para aceitar que isso foi uma coisa boa. (E7)

O apoio psicológico, assim como de outros profissionais é discutido por diversos pesquisadores (STAMBULOVA; 1994, AGRESTA; BRANDÃO; NETO, 2008; WYLLEMAN; ALFERMAN; LAVALLE, 2004; WYLLEMAN, 2019) no sentido de haver ajustes para as demandas pós-carreira atlética envolvendo nova rotina e objetivos. Mas a maioria parece não ter procurado por esse suporte assim como relatado no estudo de Selingardi (2013).

4.2.7.5 Educacional

Os ex-atletas de maratona aquática que não conseguiram concluir os estudos durante a carreira atlética, o fizeram ao final da própria carreira atlética (E2, E3 e E6) como forma de se preparar profissionalmente atuando em nova área no futuro.

> No finalzinho, quando eu já estava para me aposentar na natação, eu decidi voltar a estudar [...] Aí eu fiz o meu último semestre nadando. Já dentro da

> universidade, ela dava um apoio básico. É de desconto na faculdade. E aí depois eu fui, é, fiquei só estudando mesmo depois que eu parei de nadar. (E2)
> Eu me preparei estudando [...] e voltei a estudar [...] Voltei para a vida acadêmica. (E3)
> Falei, preciso fazer alguma coisa, porque se eu parar de nadar é preciso ter feito alguma coisa [...] o gestor do meu ex-clube conseguiu uma bolsa para mim, mas sem ser pelo esporte. Tipo, conseguiu uma bolsa porque ele conhecia uma galera. (E6)

Esses achados são semelhantes aos encontrados por Nakata (2014), nos quais a maioria dos atletas retomaram os estudos com o encerramento da carreira atlética para preencher a vida, concluir os estudos e até fazer um segundo curso de nível superior.

4.2.7.6 Pares

Ainda que apenas um dos entrevistados (E2) tenha apontado para o suporte de pares, optou-se por manter esta subcategoria devido a presença no modelo holístico (WYLLEMAN; ALFERMAN; LAVALLE, 2004; WYLLEMAN, 2019)

> Muito com os meus amigos, meus colegas de treino na época. Não é que treinavam comigo, é alguns mais velhos que já tinham é, nadavam mais por hobby. (E2)

Dentre os recursos utilizados pelos atletas, Fernández e Moreno (2012) corroboram com os encontrados na presente pesquisa ao identificar a presença de irmãos, amigos e companheiros de equipe seguindo esta ordem de importância, assim como no estudo de Costa et al. (2010) no qual 32% dos ex-atletas de futebol brasileiro afirmam que contaram com o apoio de amigos.

Esta indicação de suporte reforça a importância da rede de apoio que o atleta em transição para o pós-carreira atlética costuma fazer também no cenário brasileiro mesmo não estando inserido ou podendo fazer uso do programa oferecido pelo COB, por exemplo.

4.2.7.7 Financeiro

Um dos entrevistados (E3 e E12) relataram que não se prepararam adequadamente do ponto de vista financeiro, enquanto o outro mencionou que não se preparou para a transição pós-carreira atlética neste quesito. No entanto, este é um dos aspectos preconizados pelo

SPLISS e Modelo Holístico para o desenvolvimento da carreira do atleta e transição pós-carreira.

> Financeiramente, assim, muito pouco, assim, não é nada muito significativo. (E3)
> Num me preparei financeiramente. Não me preparei para lá, não é? E eu tive que recorrer aos meus pais, não é? Tive que voltar para casa. (E12)

Este cenário também pode ser observado em estudo sobre atletas de futebol, no qual foi registrado que 42% dos jogadores precisaram de auxílio de familiares, 28,1% puderam contar com o suporte dos amigos, 33,3% não puderam contar com o auxílio financeiro de ninguém, 7% foram ajudados pelo clube e ninguém recebeu suporte do treinador neste sentido (AGRESTA; BRANDÃO; NETO, 2008).

Assim como a necessidade de preparo psicológico ainda durante a carreira atlética, é considerado que o mesmo seja feito na questão financeira. Porém, diante dos resultados, os atletas parecem identificar essa necessidade apenas no momento em que os desafios aparecem. Contudo, e baseado dos estudos apresentados, a importância de planejamento de ser apresentada aos atletas por meio de programas para que eles tomem consciência dos ajustes necessários que devem ser adotados previamente como um processo e não um evento.

4.2.7.8 Ausência de assistência

A ausência de assistência seja na oferta de estágios ou no preparo para o ingresso no mercado de trabalho é observado por meio do relato de um dos ex-atletas de maratona aquática (E6) ao atuar no comércio dos pais até que novas oportunidades surgissem.

> Nesse meio de caminho, comecei a trabalhar com os meus pais que têm comércio. Então assim, sempre foi a escola dos meus irmãos, tipo, vocês vão trabalhar na loja com a gente? E aí, vocês vão ver o que vocês querem fazer. Então tipo assim, enquanto eu não conseguia um estágio, eu trabalhava com os meus pais e fazia faculdade. (E6)

Embora exista um programa coordenado pelo COB, o mesmo apresenta processo seletivo para o ingresso por meio de critério já que não é possível atender a demanda existente de atletas em transição de carreira.

Considerando que a oportunidade não só de conclusão dos estudos como também de preparo e parcerias para o primeiro emprego não são fornecidos por meio de programa, essa iniciativa passa a ser do atleta em uma idade mais avançada que seus pares gerando insegurança devido uma possível desvantagem observada por algumas empresas ao entrevistar atletas que não tiveram experiência no mercado de trabalho por estarem dedicados parcialmente ou totalmente ao esporte por um período da vida em idade acadêmica.

4.2.7.9 Planejamento

Quanto ao planejamento para a transição pós-carreira atlética, os ex-atletas mencionaram que não houve planejamento, exceto o preparo por meio dos estudos que foi mantido, ainda que interrompido por algum período, mas que parece não ser identificado por eles como uma forma de planejamento.

> Então eu acho que isso sempre minha mãe me falou, não adianta ser só nadar. Você tem que ter seu estudo ali para conseguir o que você quer. [...] Não teve planejamento, não houve, não houve planejamento nenhum. Parou, e você tem que se virar para ver se vai fazer agora. (E11)
> Eu não tinha planejado. Num sabia um tipo, eu não sabia o que fazer. Tipo eu volto para casa, eu não volto para casa, o que que eu? Não tinha, literalmente, eu não tinha planos, a só aconteceu. (E12)

Em estudo realizado com jogadores de futebol, 52% afirmaram que planejaram enquanto 48% não planejaram (COSTA; FERREIRA; PENNA; COSTA; SAMULSKI, 2010). Ainda no futebol, Guimarães (2017) identificou que na maioria das vezes essa transição não está associada a algum tipo de planejamento que envolva metas e objetivos.

4.2.8 Parcerias de emprego

O FCS 5.10 busca identificar se a agência esportiva nacional firmou parcerias específicas para orientar e auxiliar os atletas durante e após a carreira atlética. Dentre essas parcerias este FCS aponta para agência de recrutamento e agência de empregos, por exemplo.

De acordo com as entrevistas dos ex-atletas de maratona aquática, a ausência de ações neste sentido confirma o cenário apresentado na fundamentação teórica. No entanto, optou-se por manter a investigação deste FCS, pois no caso de atletas de alto rendimento, há a necessidade de serviços de suporte customizados (PARK et al., 2021; PETITPAS;

CHAMPAGNE, 2000) e assim, é possível identificar quais recursos os ex-atletas de maratona aquática adotaram. Para isso foram definidas três subcategorias: iniciativa própria, familiar e ausência de suporte.

4.2.8.1 Iniciativa própria

Durante as entrevistas uma das ex-atletas (E1) de maratona aquática relatou que após a transição da carreira atlética ela deu início a projetos que foram idealizados ainda durante a carreira atlética. Esse comportamento reforça a necessidade de planejar o pós-carreira ainda durante a carreira de atleta. No caso dela, especificamente, foi criada uma assessoria, iniciando o pós-carreira atlética por iniciativa própria. Embora a segunda ex-atleta (E12) não tenha construído o próprio negócio, a iniciativa também foi individual para que pudesse obter recursos financeiro, ou seja, conquistar um emprego independente da sua formação que era de bióloga e iniciou como vendedora em uma loja.

> Então eu tinha os projetos, mas sem ser concretizados. E aí quando eu parei de nadar, aí sim eu tive mais tempo e tirei a travessia do papel aqui. Montei a minha assessoria. E o instituto saindo agora também. (E1)
> E essa transição foi complicada porque eu não ganhava dinheiro. Num tinha nada [...] super dependência dos pais até começar a trabalhar como vendedora de loja e tal. Até conseguir me formar e conseguir emprego na área. (E12)

Pallarés *et al*. (2011) identificaram que jogadores de pólo aquático que combinaram a carreira de atleta com os estudos encontraram emprego com mais facilidade. Com base neste estudo, ainda que no momento de transição as ex-atletas não tenham recebido suporte de agências de recrutamento ou agência de emprego, acredita-se que, pelo fato de terem combinado a carreira atlética com os estudos, tenham desenvolvido recursos para dar sequência à uma nova profissão.

4.2.8.2 Familiar

A família apresentou-se, para outro ex-atleta de maratona aquática (E2), como uma alternativa de estágio já que o ingresso no mercado de trabalho e a preparação para este momento não é orientado por meio de programas, ações e parcerias que permitam uma melhor qualidade na transição pós-carreira atlética.

> Depois, quando encerrei a carreira, eu comecei a estagiar já diretamente com meu pai. Eu já estava na faculdade, aí comecei a estagiar com ele e foi o meu ganha pão. (E2)

O suporte familiar é observado em diversos momentos como o início na carreira atlética (CÔTÉ, 1999), o suporte financeiro nos anos iniciais e finais e durante a transição (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004; WYLLEMAN, 2019; VISSOCI *et al*., 2013).

4.2.8.3 Ausência de suporte

Um dos ex-atletas (E3) relatou a sua percepção no momento de transição, no qual são necessários ajustes em diversas áreas da vida as quais necessitam ser desenvolvidas e planejadas ainda durante a carreira atlética

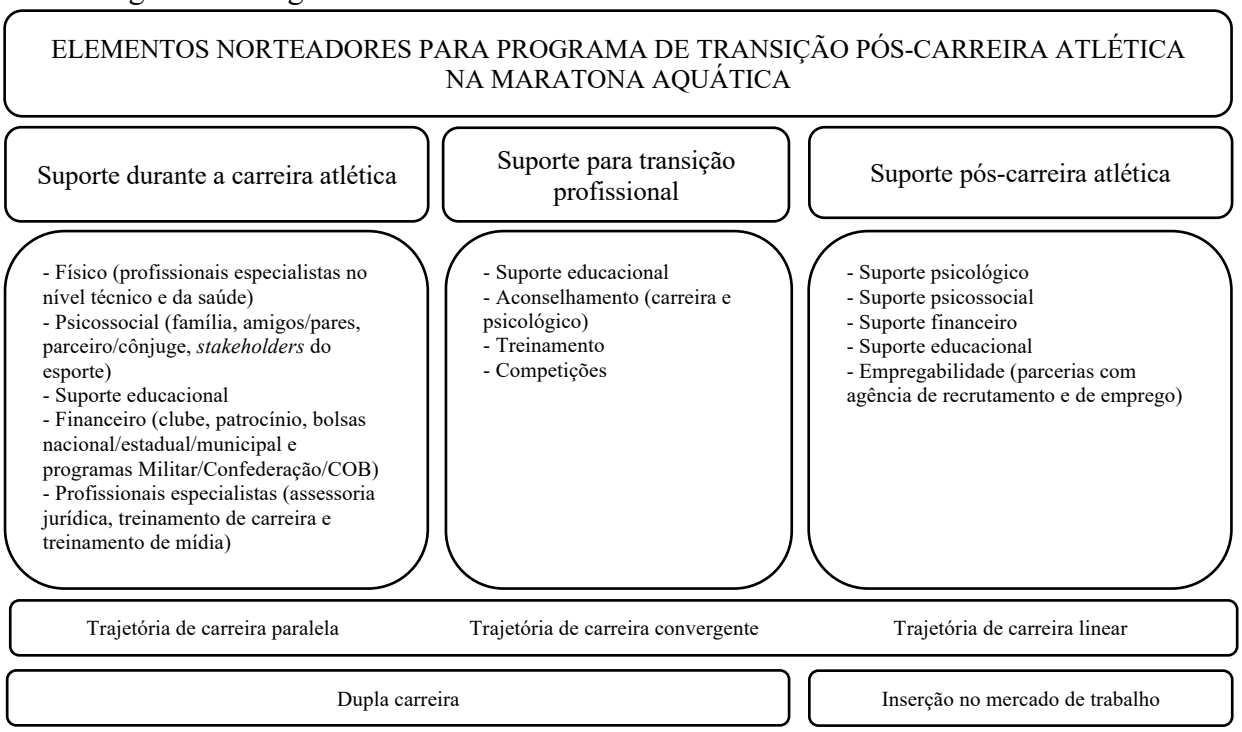
> Eu não tinha noção do que que eu ia fazer, do que, se eu ia parar, se eu não ia. Eu estava muito confusa. (E3)

De acordo com Hong e Coffee (2018) a maioria dos programas de transição de carreira esportiva aplicados por organizações esportivas oferece aconselhamento de carreira na forma de apoio psicológico, planejamento de carreira, conselhos acadêmicos e preparação para o trabalho. Portanto, faz-se necessário estimular o desenvolvimento de programas de suporte que orientem os atletas e os ajudem a planejar sua carreira pós-atlética por meio da participação da família e organização e conscientização dos gestores esportivos.

5 ETAPA III – ELEMENTOS NORTEADORES PARA A ELABORAÇÃO DE PROGRAMA PARA TRANSIÇÃO PÓS-CARREIRA ATLÉTICA

A partir da fundamentação teórica e dos resultados obtidos nas Etapas I e II, é apresentado um diagrama com os elementos norteadores (Figura 6), baseados tanto na teoria existente quanto nos programas praticados por diferentes países e na realidade dos recursos adotados e desenvolvidos pelos próprios ex-atletas de maratona aquática. Dessa forma, esses achados podem contribuir para que não só a transição pós-carreira atlética dos futuros atletas desta modalidade sejam aperfeiçoada, como também de outras modalidades que possam vir a se aprofundar nesta temática e adaptar visando a elaboração de programas de suporte próprios.

Figura 6 – Diagrama de elementos norteadores.



Fonte: Elaborado pela autora.

Suporte durante a carreira atlética

O suporte durante a carreira atlética envolve serviços de suporte oferecidos para o desenvolvimento da carreira atlética e planejamento do pós-carreira atlética sob aspectos financeiros e além do financeiro.

O serviço de suporte físico (profissionais especialistas no nível técnico e da saúde) trata de apoio técnico especializado, apoio ao treinamento e competições por meio de instalações de treinamento e centros de treinamento. Apoio de profissionais envolvidos na Ciência do Esporte (fisiologistas, biomecânicos) para o desenvolvimento de força, condicionamento físico,

nutrição e treinamento mental (aconselhamento psicológico preventivo) e profissionais da saúde como médicos especialistas, fisioterapeutas, etc.

Já o psicossocial (família, amigos/pares, parceiro/cônjuge, *stakeholders* do esporte) visa oferecer orientação a familiares, amigos e companheiros de equipe, parceiros/cônjuges e demais *stakeholders* do esporte sobre a importância de suporte em todas as etapas da carreira atlética, principalmente no início e transição para o pós-carreira, de modo que seja construída uma rede de apoio que o atleta possa contar dentro e fora do ambiente esportivo nos diversos momentos de ajuste ao longo da trajetória de carreira.

O serviço de suporte educacional oferece suporte educacional por meio de bolsas de estudo estabelecidas por meio de parcerias entre a entidade de prática esportiva e a instituição de ensino, nos níveis fundamental, médio e superior, de modo a compatibilizar a rotina de treinamento, competições e eventuais ausências, permitindo ajustes durante os processos de ensino e de avaliações. Além de elaborar diretrizes para o crescimento e otimização de ambientes que possibilitem o desenvolvimento de talentos e de elite em busca da excelência esportiva e acadêmica.

Para o serviço de suporte financeiro (clube, patrocínio, bolsas nacional/estadual/municipal e programas Militar/Confederação/COB) a meta é oferecer orientação ao atleta e familiares quanto a possibilidade de receber suporte financeiro por meio de ajuda de custo ou salário pago pelo clube, e/ou de patrocínios individuais, dependendo do nível do atleta; bolsas oriundas de leis de âmbito nacional, como as do programa Bolsa Atleta ou similares nos âmbitos estadual e municipal, além de programas desenvolvidos pelas Forças Armadas (militar), Confederação e COB.

O último suporte apontado durante a carreira atlética envolve os serviços de suporte de profissionais especialistas para assessoria jurídica abaixo e acima dos 18 anos, treinamento de carreira e treinamento de mídia.

Suporte na transição para o alto rendimento

Para que o atleta atinja o alto rendimento, são necessário serviços de suporte que auxiliem na transição do atleta jovem para o adulto, ou ainda da categoria juvenil para a adulta considerando, principalmente, os ajustes necessários em função da transição do atleta em desenvolvimento para o alto rendimento como:

a) Suporte educacional – estímulo da dupla carreira por meio da coordenação da rotina educacional dos atletas visando alinhamento entre instituição de ensino e clube no sentido de compreender a agenda de compromissos com treinamentos, competições e ausências;

b) Aconselhamento – Aconselhamento e planejamento de carreira realizado por profissionais especializados que podem ser realizados por material educativo, palestras, *workshops*, seminários e atendimento individualizado além de aconselhamento psicológico;

c) Treinamento – Acesso a centros de treinamento nacionais e internacionais com instalações adequadas, além da disponibilidade de laboratórios para avaliações e monitoramento das variáveis de desempenho dos atletas; e

d) Competições – Viabilidade logística de participação em competições nacionais e internacionais.

Suporte pós-carreira atlética

Para a transição da carreira atlética para o pós-carreira atlética, os serviços de suporte são oferecidos por meio de assistência, consultoria e preparação para encontrar emprego, parcerias e ofertas de emprego que sejam compatíveis com o esporte e apresentem flexibilidade desde o estágio. Diante dos ajustes necessários neste processo, foram identificados e apontados os objetivos de cada um deles.

O suporte psicológico visa disponibilizar profissionais para oferecer apoio e orientação diante dos ajustes necessários para atender as demandas do pós-carreira atlética como nova rotina, objetivos, qualidade de vida e bem-estar. Já o suporte psicossocial oferece orientação a familiares, amigos e companheiros de equipe, parceiros/cônjuges e demais *stakeholders* do esporte sobre a importância de suporte em todas as etapas da carreira atlética desde o início até a transição para o pós-carreira de modo que seja construída uma rede de apoio que o atleta possa contar dentro e fora do ambiente esportivo nos diversos momentos de ajuste ao longo da trajetória de carreira.

O suporte financeiro está voltado para os estágios iniciais da pós-carreira atlética, assim como o suporte educacional para que os atletas iniciem ou finalizem seus estudos e, a empregabilidade (parcerias com agência de recrutamento e de emprego) para a oferta de emprego flexível e compatível com o esporte competitivo, assistência e consultoria pessoal para procurar trabalho adequado ao pós-carreira atlética, preparação para a candidatura a empregos, e parcerias com agências de recrutamento e de emprego para orientar e auxiliar os atletas durante e pós-carreira atlética.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo levantar elementos norteadores para a construção de programa de transição de carreira para o pós-carreira de atletas de maratona aquática na realidade brasileira por meio de dois objetivos específicos: a) identificar e comparar os elementos que constituem os modelos teóricos e programas de transição pós-carreira atlética no contexto internacional e nacional e, b) levantar a percepção sobre o processo de transição para o pós-carreira de maratonistas aquáticos brasileiros (pré, durante e pós transição pós-carreira).

Foram realizadas duas etapas sendo uma para cada objetivo específico conforme mencionado anteriormente, com a construção da Etapa III, na qual foram apresentados elementos norteadores para a transição pós-carreira atlética de maratonistas aquáticos brasileiros. Esses elementos foram baseados na síntese da fundamentação teórica realizada na Etapa I e na pesquisa de campo desenvolvida na Etapa II, com a participação de ex-atletas de maratona aquática que passaram pela transição pós-carreira atlética.

Como resultado, foi observado que o foco dos programas desenvolvidos pelos países está voltado para a dupla careira e os programas desenvolvidos pelas entidades de administração internacionais para o suporte à inserção no mercado de trabalho. Contudo, na realidade brasileira, foi confirmada a escassez de programas para esse momento de transição, evidenciada no conteúdo das entrevistas com os participantes. Destaca-se que o programa existente no país, oferecido pelo COB, não foi mencionado pela única participante que recebeu esse tipo de suporte e os demais atletas relataram ausência de preparo para a transição.

A contribuição teórica dessa pesquisa centra-se nos resultados das análises dos conceitos, modelos e programas nacionais e internacionais, fornecendo subsídios para a discussão de bases que envolvem o estudo do tema como o suporte financeiro e acadêmico por meio de bolsas, que oferecem valores de forma direta ao atleta, oriundas de programas do governo federal, estadual e/ou municipal, além de parcerias entre as entidades de prática esportiva (clubes, associações, etc) e instituições educacionais que possibilitaram aos atletas maior tempo de permanência no esporte.

Diante dos elementos levantados, foi proposto um escopo de programa constituído por três eixos: o primeiro voltado para os serviços de suporte durante a carreira atlética, o segundo para a transição do atleta para a carreira atlética profissional no esporte, ou seja, da categoria juvenil para a categoria adulta, e o terceiro eixo, para os serviços de suporte à transição pós-carreira atlética. Cabe destacar que, ainda que o atleta provavelmente adote no início da sua

trajetória de carreira a paralela, passando pela convergente e finalize com a linear, o suporte educacional é uma constante nos três eixos, sendo nos dois primeiros estimulado a dupla carreira (trajetória paralela e convergente).

Como implicações práticas é indicado:

a) A apresentação dos conceitos, modelos e programas possibilitam que pesquisadores, profissionais do âmbito esportivo da prática esportiva (clubes, associações, etc.) e de administração esportiva (federações e confederações) e demais gestores do esporte tenham acesso à fundamentação teórica de maneira sintetizada, aproximando a teoria da prática, permitindo a investigação de novos cenários;

b) Os elementos propostos para um programa podem ser utilizados como diretriz pelas entidades de prática e de administração do esporte nos diferentes níveis (nacional, estadual, municipal e local), possibilitando que outras modalidades individuais ou coletivas implementem em suas unidades, adaptem para a sua realidade gerando e compartilhando seus principais achados;

c) Diferentemente dos modelos apresentados pela literatura, os elementos de um programa propostos como resultado desta pesquisa foram elaborados considerando a realidade brasileira para a modalidade maratona aquática, podendo ser aplicado pelas entidades esportivas que atuam nesta modalidade, adaptar para outras modalidades individuais ou ainda a outros países na maratona aquática.

É importante, também, considerar as limitações desta pesquisa ao adotar um instrumento que pode não ter contemplado com exatidão os FCS apontados pelo Pilar 5 do SPLISS. No entanto, ao analisar o questionário do SPLISS, o mesmo mostrou-se insuficiente por ser composto por questões fechadas e o uso da entrevista semiestruturada permitiu explorar o fenômeno a ponto de identificar quais recursos os atletas utilizaram ao longo de suas carreiras até a transição pós-carreira diante da ausência de serviços de suporte que eles puderem utilizar ou, até mesmo, eram inexistentes.

Outro fator limitante foi o número restrito de atletas que tivessem realizado a transição para o pós-carreira, a diversidade de nível de desempenho dos atletas estudados, determinada em função do baixo número de participantes, pois apenas dois a três atletas tanto do feminino quanto do masculino foram selecionados para representar o Brasil em eventos internacionais na única prova da maratona aquática (prova de 10 km), tendo em vista que a Maratona aquática ainda é considerada uma modalidade recente em Jogos Olímpicos.

Como sugestão, é indicado que essa temática seja investigada em outras modalidades individuais e coletivas, com a participação de atletas com nível de desempenho mais homogêneo, assim como seja adotada, acompanhada e analisada a implementação de ações com base na proposição desta pesquisa, visando aperfeiçoamento e melhorias neste processo para os atletas em transição de carreira.

Contudo, acredita-se que este estudo cumpriu seus objetivos e apresenta potencial para ser utilizado por aqueles que atuam junto a atletas na prática da gestão do esporte, pelo fácil acesso aos conceitos e implementação em entidades de prática e/ou administração do esporte, assim como se tornar referência para o uso de acadêmicos em pesquisas posteriores, visando a possível complementação dos elementos norteadores para melhor transição pós-carreira atlética.

REFERÊNCIAS

AGRESTA, M. C.; BRANDÃO, M. R. F.; NETO T. L. B. Causas e consequências físicas e emocionais do término de carreira esportiva. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte.** v.14, n.6., p.504-508, nov/dez, (2008). Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbme/a/PWWpQD4ftS7D7FVLkxSQNDt/?lang=pt. Acesso em 23 out. 2022.

ALEXANDRINO, R. R.; NOGUEIRA, M. D. G. R. N. Serviços de suporte durante a carreira esportiva na visão dos atletas. **Rev. Intercon. Gest. Desport.** v.7, n.2, p.156-171, mai/ago, 2017.

ANGELO, L. F. **Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol.** 2014. 147f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ATCHLEY, R. C. A Continuity Theory of Normal Aging. **The Gerontologist.** v.29, n. 2, p-183–190, 1989. Disponível em: https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/29/2/183/581908. Acesso em: 26 abr. 2020.

B-WISER. **B-Wiser project factsheet.** 2022a. Disponível em: https://prezi.com/view/VqG57o2nZRECxHA2MYuh/. Acesso em: 18 out. 2022.

B-WISER. **Be a winner in elite sport and employment before and after athletic retirement.** 2018. Disponível em: https://erasmus-plus.ec.europa.eu/projects/eplus-project-details#project/579782-EPP-1-2016-2-BE-SPO-SCP. Acesso em: 02 out. 2022.

B-WISER. **General outline.** 2022b. Disponível em: http://www.bwiser.eu/wp-content/uploads/2017/04/BWISER-SUMMARY-.pdf. Acesso em 18 out. 2022.

B-WISER. **Optimizing active and former elite athletes' employability and employment.** 2022c. Disponível em: https://www.bwiser.eu/the-project/. Acesso em: 18 out. 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011.

BARUCH, Y. **Managing careers: theory and practice.** Harlow: Pearson, 2004.

BASTOS, E. S. E. M. **A importância da gestão de carreiras em atletas de alto rendimento: estudo exploratório.** 2009. 58f. Mestrado integrado em Psicologia (Seção de Psicologia dos Recursos Humanos, do Trabalho e das Organizações), 2009.

BEATON DE; BOMBARDIER, C.; GUILLEMIN, F.; FERRAZ, M. B. Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. **Spine.** v.25, n.24, p.3186-91, dec, 2000.

BERNHOEFT, R. **Origens e perspectivas do "pós-carreira" no Brasil**, 2009. Disponível em: http://www.partes.com.br. Acesso em: 28 abr. 2020.

BÖHME, M. T. S.; BASTOS, F. C. **Esporte de alto rendimento – fatores críticos de sucesso – gestão – identificação de talentos.** São Paulo: Phorte Editora, 2016.

BRANDÃO, M. R. F., AKEL, M. C., ANDRADE, S. A., GUISELINI, M. A. N., MARTINI, L. A., NASTAS, M. A. Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira Ciência e Movimento.** v.8, n.1, p. 49-58, jan. 2000.

BRASIL **Lei nº 8.672, de 06 de julho de 1993.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8672.htm. Acesso em: 06 abr. 2020b.

_____. **Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.891.htm. Acesso em: 23 out. 2022.

_____. **Lei nº 12.395, de 16 de março de 2011.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12395.htm. Acesso em: 18 abr. 2020d.

_____. **Lei nº 6.269, de 24 de novembro de 1975.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6269.htm?TSPD_101_R0=a7d2356581e9aee1575360ab75f0e2ddcpt00000000000000 0036336b8fffff0000000000000000000000000005ad784cd006e39aa18. Acesso em: 18 abr. 2020a.

_____. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9615consol.htm. Acesso em: 18 abr. 2020c.

BÖHME, M. T. S.; BASTOS, F. C. **Esporte de alto rendimento – fatores críticos de cucesso – gestão – identificação de talentos.** São Paulo: Phorte editora, 2016

COMISSÃO DE DESPORTO DO EXÉRCITO. **Histórico do programa atleta de alto rendimento.** 2017. Disponível em: http://www.cde.eb.mil.br/hist-paar. Acesso em: 06 ago. 2020

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **Cursos do IOB.** 2022a. Disponível em: https://www.cob.org.br/pt/cob/home/instituto-olimpico-brasileiro/cursos-do-iob. Acesso em: 01 out. 2022.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **COB anuncia programa Conexão Santiago.** Disponível em: https://www.cob.org.br/pt/galerias/noticias/cob-anuncia-programa-conexao-santiago-/. Acesso em: 20 out. 2022b.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **COB capacita atletas para a transição de carreira**, 2019a. Disponível em: https://www.cob.org.br/pt/galerias/noticias/cob-capacita-atletas-para-a-transicao-de-carreira/. Acesso em: 25 abr. 2020a.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. **COB encerra capacitação de mais treze atletas para a transição de carreira e o mercado de trabalho**, 2019b. Disponível em: https://www.cob.org.br/pt/galerias/noticias/cob-encerra-capacitacao-de-mais-treze-atletas-para-a-transicao-de-carreira-e-o-mercado-de-trabalho/. Acesso em: 25 abr. 2022.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Athlete 365 Career+: An Introduction for National Olympic Committees & International Federations.** Disponível em: https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/IOC/What-We-Do/Protecting-Clean-Athletes/Athletes-Space/Career-

plus/Career_plus_Intro_for_NOCs_IFs.pdf#_ga=2.81076498.422231914.1586097191-1574992584.1585592885. Acesso em: 25 abr. 2020a.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Athlete 365 Career+.** Disponível em: https://www.olympic.org/athlete365career. Acesso em: 25 abr. 2020b.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **COB lança Programa de Apoio ao Atleta através do Instituto Olímpico Brasileiro**, 2011. Disponível em: http://www.cbj.com.br/noticias/2220/cob-lanca-programa-de-apoio-ao-atleta-atraves-do-instituto-olimpico-brasileiro.html. Acesso em: 05 abr. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **Programa de desenvolvimento esportivo das equipes de transição da CBJ.** 2021.Disponível em: https://cbj.com.br/painel/arquivos/biblioteca/arquivo_cbj_084610201221.pdf. Acesso em: 02 out. 2022.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VÔLEI. **Jornada das estrelas: Programa de transição de carreira.** Disponível em: https://jornadadasestrelas.cbv.com.br/programa-de-transicao-de-carreira. Acesso em: 27 set. 2022.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VÔLEI. **CBV e Unicesumar fecham parceria para ampliar a educação na modalidade.** 2021a. Disponível em: https://cbv.com.br/noticia/28385/cbv-e-unicesumar-fecham-parceria-para-ampliar--a-educacao-na-modalidade. Acesso em: 01 out. 2022.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VÔLEI. **CBV lança edital do Programa de Apoio ao Atleta 'Jornada das Estrelas.** 2021b. Disponível em: https://cbv.com.br/noticia/28422/cbv-lanca-o-edital-do-programa-de-apoio-ao-atleta-'jornada-das-estrelas'. Acesso em: 01 out. 2022.

COSTA, V. T.; FERREIRA, R. M.; PENNA, E. M.; COSTA, I. T.; SAMULSKI, D. M. Fases de transição da carreira esportiva: perspectivas de ex-atletas profissionais do futebol brasileiro. **Conexões.** v.8, n.3, p.84-103, set./dez. 2010.

COTE, J.; HAY, J. **Family influences on youth sport participation and performances.** Psychological Foundations of Sport. Boston, MA: Allyn and Bacon, 2002.

DE BOSSCHER, V.; BINGHAM, J.; SHIBLI, S.; VAN BOTTENBURG, M.; DE KNOP, P. **The global sporting arms race an international comparative study on sports policy factors leading to international sporting success.** Oxford: Meyer & Meyer Sport, 2008.

DE BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBURG, M.; SHIBLI, S. A Conceptual Framework for Analyzing Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success. **European Sport Management Quarterly.** v.6, n.2, p.185-215, 2006.

DE BOSSCHER, V.; DE KNOP, P.; VAN BOTTENBURG, M.; SHIBLI, S.; BINGHAM, J. Explaining international sporting success: an international comparison of elite sport systems and policies in six countries. **Sport Management Review.** v.12, n.3, p.113– 136, 2009.

DE BOSSCHER, V.; SHIBLI, S.; VAN BOTTENBURG, M.; DE KNOP, P.; TRUYENS, J. Developing a method for comparing the elite sport systems and policies of nations: a mixed research methods approach. **Journal of Sport Management.** v.24, p.567-600, 2010.

DE BOSSCHER, V.; SHIBLI, S.; WESTERBEEK, H.; VAN BOTTENBURG, M. **Successful elite sport policies: an international comparison of the sports policy factors leading to international sporting success (*SPLISS* 2.0) in 15 nations.** Aachen: Meyer & Meyer Verlag, 2015.

DEFRUYT, S.; WYLLEMAN, P.; STAMBULOVA, N.; CECIC ERPIC, S.; GRACZYK, M.; DE BRANDT, K. Competencies of dual career support providers (DCSPs): A scenario-specific perspective. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**. v.19, n.1, p.43-60, 2019. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1612197X.2019.1655773. Acesso em: 25 abr. 2020.

DEFRUYT, S.; WYLLEMAN, P.; TORREGROSSA, M.; SCHIPPER-VAN VELDHOVEN, N.; DEBOIS, N.; CECIC ERPIC, S.; DE BRANDT, K. The development and initial validation of the dual career competency questionnaire for support providers (DCCQ-SP). **International Journal of Sport and Exercise Psychology**. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1080/1612197X.2019.1581827. Acesso em: 25 abr. 2020.

ECOLOGY OF DUAL CAREERS. **Work package 1 report.** 2022a. Disponível em: https://www.ljmu.ac.uk/-/media/ljmu/projects/dualcareers/files/wp1-report.pdf. Acesso em: 18 out. 2022.

ECOLOGY OF DUAL CAREERS. **Work package 2 report** 2022b. Disponível em: https://www.ljmu.ac.uk/-/media/ljmu/projects/dualcareers/files/wp2-report.pdf. Acesso em: 18 out. 2022.

EDWARDS, A.; SKINNER, J. **Qualitative research in Sport Management.** Oxon: Butterworth-Heinemann, 2009.

ERICSSON, K.A.; KRAMPE, R, T.; TESCH-ROMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**. v.100, n.3, p.363-406, 1993.

EU GUIDELINES ON DUAL CAREERS OF ATHLETES. **Recommended Policy Actions in Support of Dual Career in High-Performance Sport**, 2012 Disponível em: https://ec.europa.eu/assets/eac/sport/library/documents/dual-career-guidelines-final_en.pdf. Acesso em: 25 abr. 2020.

FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE ATLETAS PROFISSIONAIS. **Histórico da entidade.** Disponível em: http://www.faapatletas.com.br/index.php/institucional/historico-da-entidade. Acesso em: 06 abr. 2020.

FERNÁNDEZ, L. M.; MORENO, B. M. R. Recursos disponibles para la inserción sociolaboral tras la retirada deportiva de futbolistas. **Revista de Psicologia del Deporte.** v.21, n.1, p.189-194, 2012.

FERREIRA JR, N. S. **A transição de carreira dos bicampeões mundiais de basquetebol: uma análise com base em narrativas biográficas.** 2014. 124f. Dissertação (Mestrado em

Educação Física e Esporte) Escola de Educação Física e Esporte – Universidade de São Paulo, 2014.

FERREIRA, R. M.; MORAES, L. C. D. Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros. **Motricidade.** v.8, n.2, p.42-51, 2012.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

GAYA, A. **Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa.** Porto Alegre:Artmed, 2008

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLOBO ESPORTE. **Programa de Apoio ao Atleta beneficia Pedro Cunha, Fabíola Molina e outros**, 2013. Disponível em: http://globoesporte.globo.com/outros-esportes/noticia/2013/05/programa-de-apoio-ao-atleta-beneficia-pedro-cunha-fabiola-molina-e-outros.html. Acesso em: 05 abr. 2020.

GLOBO ESPORTE. **COB realiza curso de capacitação a atletas para transição de carreira.** 2018. Disponível em: https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/cob-realiza-curso-de-capacitacao-a-atletas-para-transicao-de-carreira.ghtml. Acesso em: 20 out. 2022.

GREEN, M.; HOULIHAN, B. **Elite Sport Development: Policy Learning and Political Priorities.** London: Routledge, 2005.

GREEN, M.; OAKLEY, B. Elite Sport development systems and playing to win: uniformity and diversity in international approaches. **Leisure Studies.** v.20, p.247–267, 2001.

GUIMARÃES, A. S. **O jogo acabou: Um estudo socioantropológico sobre o fim da trajetória profissional de atletas do futebol.** 2017. 147f. Tese (Doutorado em Sociologia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

HALLMANN, K.; BREUER, C.; ILLGNER, M. ROSSI, L. Preparing athletes for the career after the career: the functions of mentoring programmes. **Sport in Society**. v.23, n.7, p.1217-1234, 2019. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17430437.2019.1613375. Acesso em: 25 abr. 2020.

HANSEN, A.; PERRY, J.; ROSS, M.; MONTGOMERY, T. Facilitating a successful transition out of sport: Introduction of a collegiate student-athlete workshop. **Journal of Sport Psychology in Action.** v.10, n.1, p.01-09, 2019.

HONG, H. J.; COFFEE, P. A psycho-educational curriculum for sport career transition practioners: development and evaluation. **European Sport Management Quarterly.** v.18, n.3, p.287-306, 2018.

HOULIHAN, B.; GREEN, M. **Comparative Elite Sport Development: systems, structures and public policy.** London: Elsevier, 2008

JORDANA, A.; PONS, J.; BORRUECO, M.; PALLARÉS, S.; TORREGROSSA, M. Implementación de um Programa de Asistencia de Carrera Dual em um Club multideportivo privado. **Revista de Psicología Aplicada al Deporte y al Ejercicio Físico.** v.4, n.9, p.01-07, 2019.

JORDANA, A.; TORREGROSSA, M.; RAMIS, Y.; LATINJAK, A. Retirada del deporte de élite: Una revisión sistemática de estudios cualitativos. [Retirement from elite sport: a systematic review of qualitative studies]. **Revista de Psicología del Deporte.** v.26, n.4, p.68-74, 2017.

JUSTINO, A. **Transição de carreira esportiva de atletas de voleibol masculino infanto-juvenil.** 2014. 92f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2014.

KALISH, R. A. A Continuum of Subjectively Perceived Death. **The Gerontologist.** v.6, n.2, p.73–76, 1966. Disponível em: https://psycnet.apa.org/record/1966-11042-001. Acesso em: 26 abr. 2020.

KILIMNIK, A. M.; RODRIGUES, S. B. Trajetórias, transições e âncoras de carreias: um estudo comparativo e de recursos humanos. **Organizações e Sociedade.** v.7, n.17, jan/abr, 2000.

KÜBLER-ROSS, E. **On death and dying.** Scribner Bool Company; Edição Classic, 1997.

LABORATÓRIO DE TREINAMENTO E ESPORTE PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES (LATECA-EEFEUSP). **Clima/ambiente para o esporte de alto rendimento nos diferentes níveis de organização governamental: análise descritiva de resultados.** Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B-13fOC4MllgR2FfQU5Tb2ZPeDQ/view. Acesso em: 28 abr. 2020.

LAVALLE, D. Engagement in Sport Career Transition Planning Enhances Performance. **Journal of Loss and Trauma.** v.24, n.1, p.01-08, 2019.

LAVALLEE, D. Theoretical perspectives on career transitions in sport. *In*: LAVALLEE, D.; WYLLEMAN, P. (Eds.). **Career transitions in sport: International perspectives.** Morgan-town, WV: Fitness International Technology, 2000.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis.** v.10, n.esp., p.37-45, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 01 out. 2022.

LOPES, A. C. B. Breves considerações sobre a profissionalização precoce no âmbito esportivo. XXVII Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. **Asociación Latinoamericana de Sociología**, Buenos Aires, 2009. Disponível em: https://cdsa.aacademica.org/000-062/1892.pdf. Acesso em: 19 out. 2021.

LÓPEZ-SUBIJANA, C.; BARRIOPEDRO, M.; CONDE, E. Supporting dual career in Spain: Elite athletes' barriers to study. **Psychology of Sport and Exercise,** [s. l.], v.21, p.57–64, 2015.

LÓPEZ-SUBIJANA, C.; VAQUERO, X. E. (2018). La retirada en natación: La vida fuera del agua. **Revista Española de Educación Física y Deportes.** v.421, p.101-121, 2018.

MAQUIAVELI, G.; COELHO, G. F.; VICENTINI, L.; OLIVEIRA, F. V. C.; RIXXI, C. S.; MARQUES, R. F. R. O desafio da dupla carreira: análise sobre os graus acadêmicos de atletas de elite do futsal feminino brasileiro. **Revista de Asociación Latino-americana de Estudios Socioculturales del Deporte.** v.13, n.1, p.54-80, maio, 2021.

MEZZADRI, F. M.; MORAES E SILVA, M.; FIGUÊROA, K. M.; STAREPRAVO, F. A. Sport policies in Brazil. **International Journal of Sport policy and politics.** v.7, n.4, p.655-666, 2015.

MINTZBERG, H.; QUINN, J. B. Y.; VOYER, J. **El Proceso Estratégico. Conceptos, Contextos y Casos**. México, DF: Edición Breve Prentice Hall Hispanoamericana, 1997.

MIRANDA, I. S. **Transição para fora do esporte: a dupla carreira de ex-atletas beneficiadas pelo programa Bolsa Atleta do Distrito Federal.** 2019. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação.** v.22, n.37, p.7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 21 out. 2022.

NAKATA, L. E. **A transição de carreira do ex-atleta de alto rendimento.** 2014. 227f. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NATIONAL COLLEGIATE ATHLETIC ASSOCIATION. **NCAA A Student-athlete's Guide: competing to get a job**. Disponível em: http://www.ncaa.org/static/champion/get-a-job/#sthash.3t7bBEVy.y9wbG5Qs.dpbs. Acesso em: 05 abr. 2020a.

NATIONAL COLLEGIATE ATHLETIC ASSOCIATION. **NCAA After the Game Career Center**. Disponível em: http://www.ncaa.org/student-athletes/former-student-athlete/careers. Acesso em: 05 abr. 2020b.

NATIONAL COLLEGIATE ATHLETIC ASSOCIATION. **NCAA After the Game**. Disponível em: http://www.ncaa.org/student-athletes/former-student-athlete. Acesso em: 05 abr. 2020c.

NATIONAL COLLEGIATE ATHLETIC ASSOCIATION. **NCAA Community**. Disponível em: http://www.ncaa.org/themes-topics/ncaa-community. Acesso em: 05 abr. 2020d.

NATIONAL COLLEGIATE ATHLETIC ASSOCIATION. **NCAA From College to Career**. Disponível em: http://www.ncaa.org/themes-topics/college-career. Acesso em: 05 abr. 2020e.

NATIONAL COLLEGIATE ATHLETIC ASSOCIATION. **NCAA Life After the Game**. Disponível em: http://www.ncaa.org/themes-topics/life-after-game. Acesso em: 05 abr. 2020f.

NOGUEIRA, M. D. G. R. **Organização e qualidade de programas para o desenvolvimento da maratona aquática de alto rendimento no Brasil.** 2014. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Escola de Educação Física e Esporte – Universidade de São Paulo, 2014.

PALLARÉS, S.; AZÓCAR, F.; TORREGROSSA, M.; SELVA, C.; RAMIS, Y. Modelos de trayectoria deportiva em waterpolo y su implicación em la transición hacia uma carrera professional alternativa. **Cultura.** v.7, n.6, p.93-103, 2011.

PARK, S.; LAVALLEE, D.; TOD, D. Athletes' career transition out of sport: a systematic review. **International Review of Sport and Exercise Psychology.** v.6, n.1, p.22-53, 2013.

PETITPAS, A. J.; CHAMPAGNE, D. E. Sport and social competence. *In*: DANISH, S. J.; GULLOTTA, T. P. (Eds.),**Developing competent youth and strong communities through after-school programming.** Child Welfare League of America, 2000.

PETITPAS, A. L.; DANISH, S.; MCKELVAIN, R.; MURPHY, S. A career assistance program for elite athletes. **Journal of counseling and development.** v.10, p383-386, jan/fev, 1992.

PITTS, B. G.; LI, M.; KIM, A. **Research methods in sport management.** Fitness information Technology, Inc. U.S. 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.

QUEIRÓZ, P.; GRAÇA, A. A análise de conteúdo (enquanto técnica de tratamento da informação) no âmbito da investigação qualitativa. **Investigação Qualitativa em Desporto.** v.2, p.113-149, 2013.

QUEIROZ, D; HIRAMA, L. K. JOAQUIM, C. S.; MONTAGNER, P. C. Produção científica sobre o judô: análise dos artigos, dissertações e teses produzidas no Brasil. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde.** v.18, p.1–12, 2020.

RAMIS, Y.; TORREGROSSA, M.; PALLARÉS, S.; VILADRICH, C.; CRUZ, J. El modelo GEPE de prática basada em la evidencia: integrando la evidencia científica el na prática aplicada. **Revista de Psicología Aplicada al Deporte y al Ejercicio Físico.** v.4, n.13, p.01-06, 2019.

REIS, C. P.; MORAES, L. C. C. A.; FERREIRA, M. C. C.; NOCE, F.; COSTA, V. T. Recursos humanos, financeiros e materiais de atletas de basquetebol nas categorias de base e a percepção dos treinadores sobre a formação dos atletas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** v.28, n.3, p.491-503, jul-set, 2014.

REIS, F. D. G.; CAPRARO, A. M. "A gente tem que somar": fonte de captação financeira de atletas da seleção brasileira de judô. **Movimento.** v.27, p.1-18, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/mov/a/LnJjzbPFJshmJb5HH3VJLcz/abstract/?lang=pt. Acesso em: 18 out. 2022.

ROGÉRIO, R. M. **No "segundo tempo da vida": o jogador de futebol e a passagem para o pós-carreira.** 2016. 273f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

ROSE, A. M. The Subculture of the Aging: A Topic for Sociological Research. **The Gerontologist.** v.2, n.3, p.123–127, 1962. Disponível em: https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/2/3/123/673225?redirectedFrom=fulltext. Acesso em: 26 abr. 2020.

RUBIO, K. (org.). **Destreinamento e transição de carreira no esporte.** (org.) RUBIO, K. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

RUBIO, K. Trânsito entre carreiras: a necessidade de novas identidades. Olimpianos – **Journal of Olympic Studies.** v.5, p.152-166, 2021.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de História & Ciências Sociais.** v.1, n.1, p.1-15, 2009. Disponível em: https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351/pdf. Acesso em: 21 out. 2022.

SALVADOR, A. D. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica.** Porto Alegre: Sulina, 1986.

SCHEIN, E. H. **Career dynamics: matching individual and organizational needs.** Reading: Addison-Wesley, 1978.

SCHLOSSBERG, N. K. A Model for Analyzing Human Adaptation to Transition. **The Counseling Psychologist.** v.9, n.2, p.2–18, 1981. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/001100008100900202. Acesso em: 26 abr. 2020.

SECRETARIA ESPECIAL DO ESPORTE. **Plano Brasil Medalhas.** Disponível em: http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/institucional/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/128-ministerio-do-esporte/institucional/alto-rendimento/plano-brasil-medalhas/29-plano-brasil-medalhas. Acesso em: 20 out. 2022.

SELINGARDI, D. C. **Término e recomeço: da carreira atlética à aposentadoria.** 2013. 169 f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e o Desenvolvimento) - Instituto de Psicologia da universidade de São Paulo.

SENGE, P.; KLEINER, A.; ROSS, R.; ROBERTS, C.; ROTH, G.; SMITH, B. **A dança das mudanças: os desafios de manter o crescimento e o sucesso em organizações que aprendem.** Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SILVA, A. F. **Fim de jogo? A transição de carreira de ex-atletas e o exercício da função gerencial.** 2019. 99f. Dissertação (Mestrado em Administração). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - Programa de Pós-Graduação em Administração, Belo Horizonte 2019.

SOTIRIADOU, K.; SHILBURY, D.; AND QUICK, S. The attraction, retention/transition and nurturing process of sport development: Some Australian evidence. **Journal of Sport Management.** v.22, p.242-272, 2008.

SOUZA, G. M. **Atleta Profissional Militar: análise em face da legislação brasileira.** 2017. 64 f. Dissertação (Mestrado em Direito Desportivo) - Escola de Direito, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - (PUC-SP), São Paulo, 2017.

SPORT PSYCHOLOGY AND MENTAL SUPPORT RESEARCH GROUP. **The ECO-DC Project.** 2022. Disponível em: https://spmb.research.vub.be/en/eco-dc. Acesso em: 09 out. 2022.

STAMBULOVA, N. B. Developmental Sports Career Investigations in Russia: A Post-Perestroika Analysis. **The Sport Psychologist.** v.8, n.3, p.221–237, 1994. Disponível em: https://journals.humankinetics.com/view/journals/tsp/8/3/article-p221.xml. Acesso em: 26 abr. 2020.

STAMBULOVA, N. B.; RYBA, T. V.; HENRIKSEN, K. Career development and transitions of athletes: the International Society of Sport Psychology Position Stand Revised. **International Journal of Sport and Exercise Psychology.** v.19, n.4, p.524-550, 2020. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1612197X.2020.1737836. Acesso em: 26 abr. 2020.

STAMBULOVA, N. B.; WYLLEMAN, P. Dual career development and transitions. **Psychology of Sport and Exercise.** v.21, p.1-3, 2015.

STAMBULOVA, N.; ALFERMANN, D.; STATLER, T.; CÔTÉ, J. ISSP position stand: career development and transitions of athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology.** v.7, n.4, p.395-412, 2009.

STAMBULOVA, N.; RYBA, T. V. A critical review of career research and assistance through the cultural lens: towards cultural praxis of athletes'careers. **International Review of Sport and Exercise Psychology.** v.7, n.1, p.1-17, 2014.

STAMBULOVA, N.; RYBA, T. V. **Athletes' careers across cultures.** International perspectives on key issues in sport and exercise psychology. Routledge, 2013.

SURTO OLÍMPICO. **COB forma terceira turma do Programa de Apoio ao Atleta**, 2015. Disponível em: http://www.surtoolimpico.com.br/2015/05/cob-forma-terceira-turma-do-programa-de.html. Acesso em: 05 abr. 2020.

TAYLOR, J.; OGILVIE, B. C. A conceptual model of adaptation to retirement among athletes. **Journal of Applied Sport Psychology.** v.6, n.1, p.1–20, 1994. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10413209408406462. Acesso em: 26 abr. 2020.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. **Research methods in physical activity.** 6. ed. Champaign: Human Kinetics Publischers, 2011.

TORREGROSSA, M.; RAMIS, Y.; PALLARÉS, S.; AZÓCAR, F.; SELVA, C. Olympic athletes back to retirement: A qualitative longitudinal study. **Psychology of Sport and Exercise.** v.21, p.50-56, 2015.

TORREGROSSA, M.; REGÜELA, S.; MATEOS, M. Career assistance programmes. *In*: HACKFORT, D.; SCHINKE, R. J. (Eds.) **The Routledge International Encyclopedia of Sport and Exercise Psychology.** 1. Ed. London: Routledge, 2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Pesquisa da EEFE revela que atletas de alto rendimento recebem pouca assistência.** 2012. Disponível em: https://www5.usp.br/noticias/esportes-e-atividades-fisicas-usp-cursos-e-atividades-de-ensino-usp/pesquisa-da-efee-revela-que-atletas-de-alto-rendimento-recebem-pouca-assistencia/. Acesso em: 20 out. 2022.

VARGAS, P. I; CAPRARO, A. M. O suporte financeiro na trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de ginástica artística. **Research, Society and Development.** v.9, n.10, 2020.

VEAL, A. J.; DARCY, S. **Research methods in sport studies and sport management: a practical guide**. Oxon: Routledge, 2014.

VILANOVA, A.; PUIG, N. Compaginar la carrera deportiva com la carrera académica para la futura inserción laboral: Uma cuetión de estratégia? **Revista de psicologia del deporte.** v.22, n.1, p.61-68, 2013.

VILANOVA, A.; PUIG, N. Personal strategies for managing a second career: The experiences of Spanish Olympians. **International revier for the sociology of sport.** v.51, n.5, p.529-546, 2016.

VISSOCI, J. R. N.; FIORDELIZE, S. S.; OLIVEIRA, L. P.; NASCIMENTO JR, J. R. A. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. **Revista Psicologia: Teoria e Prática.** v.15, n.1, p.145-156, jan/abr, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000100012. Acesso em: 18 out. 2022.

WEEKS A, SWERISSEN H, BELFRAGE J. Issues, challenges, and solutions in translating study instruments. **Eval Rev.** v.31, n.2. p.153-65, 2007.

WYLLEMAN, P. An organizational perspective on applied sport psychology in elite sport. **Psychology of Sport and Exercise.** v.42, p.89-99, 2019.

WYLLEMAN, P.; ALFERMANN, D.; LAVALLEE, D. Career transitions in sport: European perspectives. **Psychology of Sport and Exercise.** v.5, n.1, p.7-20, jan. 2004.

WYLLEMAN, P.; DE BRANDT, K.; DEFRUYT, S. **Gold in Education and Elite Sport (GEES) Handbook for Dual Career Support Providers (DCSPs)**, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340789896_Gold_in_Education_and_Elite_Sport_GEES_Handbook_for_Dual_Career_Support_Providers. Acesso em: 25 abr. 2020.

WYLLEMAN, P.; LAVALLEE, D. A developmental perspective on transitions faced by athletes. *In*: WEISS, A. M. (Ed.), **Developmental sport psychology.** Morgantown, WV: Fitness Information Technology, 2004.

WYLLEMAN, P.; LAVALLEE, D.; ALFERMAN, D. **Career transitions in competitive sports.** FEPSAC Monograph Series. 1999.

WYLLEMAN, P.; REINTS, A.; DE KNOP, P. A developmental and holistic perspective on athletic career development. *In*: Sotiaradou, P.; De Bosscher, V. (eds) **Managing High Performance Sport** (pp. 159–182), New York, Ny: Routledge, 2013.

WYLLEMAN, P.; ROSIER, N. Chapter 13 – Holistic Perspective on the Development of Elite Athletes. *In*: RAAB, M.; WYLLEMAN, P.; SEILER, R.; ELBE, A.-M.; HATZIGEORGIADIS, A. **Sport and exercise psychology research: from theory to practice.** 1. ed. Academic Press**,** 2016.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. **Orientações para aposentadoria nas organizações de trabalho: construção de projetos para o pós-carreira.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta convite aos *experts* para análise do instrumento

São Paulo, 30 de maio de 2022.

Prezado(a) pesquisador(a),

Como orientadora da estudante Maressa D'Paula Gonçalves Rosa Nogueira, aluna de Doutorado do Curso de Pós-Graduação em Educação Física e Esporte na área de Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte venho, por meio desta solicitar a sua colaboração para a apreciação e o julgamento do instrumento a ser utilizado no projeto de pesquisa de intitulado: Transição pós-carreira atlética de maratonistas aquáticos brasileiros.
Esta pesquisa tem como objetivo compreender como se dá o processo de transição de carreira pós-atlética de maratonistas aquáticos brasileiros, por meio do um levantamento, identificação e análise dos processos e serviços de suporte disponíveis a estes atletas. O Projeto foi aprovado no Exame de Qualificação.
O roteiro de entrevista semiestruturada a ser aplicado aos ex-atletas brasileiros de maratona aquática é composto por quatro seções: História de vida esportiva (família, carreira esportiva, treinadores, formação acadêmica e trabalho); Transição pós-carreira atlética; Processo de adaptação à nova vida; e Avaliação da experiência esportiva.
O Instrumento foi construído com base no Roteiro de entrevista semiestruturada desenvolvido e validado por Hernández e Vaquero (2018) para nadadores espanhóis e passou por processo de adaptação transcultural seguindo o protocolo de Beaton et al., (2000) e gerada uma versão síntese, esclarecendo que a versão completa em português estará de posse da pesquisadora quando da realização das entrevistas.
Contamos com a sua colaboração, no sentido de analisar o Roteiro, e emitir seu parecer quanto à pertinência e clareza das questões propostas no instrumento.
Caso concorde em emitir o seu parecer, solicitamos que responda afirmativamente a este e-mail até o dia 3 de junho de 2022. Uma vez aceito, enviaremos o Instrumento original, Roteiro da entrevista proposto (com as questões sintetizadas) e o Formulário de avaliação.
Agradecemos antecipadamente a sua colaboração, na certeza de que os conhecimentos resultantes desta pesquisa irão contribuir para o desenvolvimento científico do Esporte e da Educação Física na realidade brasileira. Qualquer dúvida, por favor, entrar em contato comigo ou com a estudante através dos e-mails: flaviacb@usp.br e maressanogueira@usp.br.

Atenciosamente,

Profa Dra Flávia da Cunha Bastos
http://lattes.cnpq.br/4818247631174215

APÊNDICE B – Formulário de avaliação

Avaliação dos *experts*

Os critérios a serem avaliados no presente instrumento são equivalência semântica, equivalência idiomática, equivalência cultural e equivalência conceitual conforme quadro abaixo:

Critérios para a avaliação dos itens	
Equivalência Semântica	O item deve apresentar equivalência no significado das palavras, e sua escrita não pode apresentar problemas com vocabulário e gramática.
Equivalência Idiomática	O item está formulado de uma forma equivalente ao idioma proposto, sem possuir coloquialismos e expressões idiomáticas.
Equivalência Cultural	As situações evocadas ou representadas na versão de original devem se encaixar no contexto cultural alvo, ou seja, o item deve representar o que é de fato experimentado na cultura alvo.
Equivalência Conceitual	Refere-se a validade do conceito explorado e os eventos experimentados pelas pessoas na cultura alvo, uma vez que o item pode ser equivalente no significado semântico, mas não conceitualmente equivalente.

Adaptado: Beaton et al., 2000.

Com base nos critérios acima, por favor, avalie a equivalência ou não de cada item do instrumento abaixo como (S) sim atende, (AP) atende parcialmente ou (N) não atende. Ao final de cada parte do questionário podem ser feitos comentários e sugestões acerca dos itens indicados como AP ou N para os quatro critérios de equivalência.

Caso tenha algum comentário/sugestão a acrescentar, por gentileza, insira após o preenchimento do quadro.

Tema	Questão	ESE	EID	ECU	ECO
A. História de vida esportiva	Me conte como foi seu início na maratona aquática até o alto rendimento quanto a idade, pessoas importantes e se você sonhava com isso.				
Família	Qual foi o papel e influência da sua família na sua carreira esportiva? Me conte sobre as suas responsabilidades em função do esporte em comparação com colegas não esportistas de sua idade.				
Carreira esportiva	Fale sobre sua carreira esportiva (trajetória e transições, local/equipe, relacionamento, dificuldades física/psicológica, competições/conquistas, lesões, melhores e piores momentos).				

Treinadores	Qual foi o papel dos seus treinadores e a relação/comunicação que teve com eles?				
Formação acadêmica	Fale sobre a rotina e apoio recebido quanto aos seus estudos e formação acadêmica				
Trabalho	Me conte se teve suporte financeiro: aspectos facilitadores e dificuldades.				
B. Transição pós-carreira atlética	Como e por quais motivos ocorreu o processo de transição para fora do esporte? (idade, planejamento, pessoas que pode contar, impacto nas outras pessoas, sentimento, colegas no mesmo estágio).				
C. Processo de adaptação à nova vida	Fale sobre o processo de adaptação à vida pós atleta (se mantém ativo fisicamente? dificuldades, programa de apoio, estudos/trabalho, habilidades desenvolvidas durante a carreira, sentimento, formou família? conciliação/equilíbrio, novos objetivos e o que mais admira ou acha importante no esporte?				
D. Avaliação da experiência esportiva	Como você avalia sua experiência esportiva e de vida? O que você mudaria e aconselharia a outros atletas quanto ao processo de transição/aposentadoria?				

ESE = Equivalência Semântica
EID = Equivalência Idiomática
ECU = Equivalência Cultural
ECO = Equivalência Conceitual

Deseja acrescentar algum item ou tema que não tenha sido abordado na entrevista?

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista traduzida em português

7.1 – Roteiro da Entrevista:

A. Histórico da vida esportiva:
Nome completo. Onde você nasceu?
Com que idade começou a nadar? Como (teus pais te matricularam) e onde?
Como foi seu início na natação?
Existiu alguma figura relevante/determinante nesses primeiros anos (treinador, irmão, amigo etc.)?
Quando você percebeu que estava começando uma carreira esportiva de alto nível (de elite)?
Qual foi o ponto de inflexão?
Você acreditava que poderia chegar a ser um esportista de alto nível? Foi algo que almejou?
Você sonhava com isso?

Família:
A família desempenhou um papel importante na sua carreira esportiva? Por quê?
Você se sentiu apoiado pela sua família e pelos seus amigos?
Alguma pessoa da sua família foi esportista profissional?
Você acha que desde pequeno começou a assumir responsabilidades pouco comuns (tempo sozinho, concentração, independência etc.)?
Imagino que, pela dedicação ao esporte, a sua vida era diferente da do resto das crianças/adolescentes da sua idade. De que modo isso te afetava?

Carreira esportiva:
Como foi a sua carreira esportiva? Você poderia me contar como ela se organizou cronologicamente (início, seleção nacional, saída da seleção nacional, parar de treinar. Preparação para as Olimpíadas, campeonatos nacionais-internacionais, descansos, férias)?
Você competia em quais provas?
Em que clubes você esteve? Em qual deles teve a sua melhor experiência?
Como foram as suas equipes de treinamento? E a sua relação com os outros atletas? Como são as relações neste contexto (competitividade, companheirismo etc.)?
São muitas horas de treinamento. Você se acostuma ou aparecem dificuldades? Quais são as principais dificuldades?
Qual é a parte mais difícil do treinamento (fator físico e psicológico)?
Imagino que você tenha tido um período (ou períodos) de estagnação no rendimento (não melhorava os tempos). Como você viveu esses momentos? O que você pensou? O que te ajudou? O treinador te orientava?
Competição. Você gostava de competir? Como vivia a competição? O que significava para você o tempo que antecedia a prova?
Conquistas, medalhas. O que você sentia? Como você administrava quando não conseguia manter as vitórias?
Você teve lesões graves? Como elas te afetaram? Como você as superou?
Qual(Quais) seria(m) o(s) melhor(es) momentos da tua carreira? Por quê?
Qual(Quais) seria(m) o(s) pior(es) momentos da tua carreira? Por quê?

Treinadores:

Como foram seus treinadores? O que eles te proporcionaram? Que relação/comunicação você teve com eles?

Formação acadêmica:
Você teve dificuldades para concluir o Ensino Médio?
Você fez algum curso técnico ou universitário durante a sua carreira esportiva?
Além da falta de tempo, que outras dificuldades você encontrou para conciliar os estudos com os treinamentos e competições?
Você recebeu algum tipo de apoio de programas de formação por parte da Federação, da Universidade etc.? Como foram esses apoios?

Trabalho:
Você teve alguma dificuldade econômica?
De que modo você obtinha recursos financeiros no alto nível (bolsas de estudo, Associações de Esportes Olímpicos, resultados)?

B. Aposentadoria esportiva:
Em que ano você se aposentou do esporte? Que idade você tinha?
Por que você se aposentou? Quais os motivos? Qual foi o motivo de maior peso, aquele que fez você decidir?
Em que momento você tomou a decisão de se aposentar? Foi planejado?
Como foi esse momento? Quais foram as mudanças na sua vida pessoal? Como você vê a sua vida?
Com quem conversava ou podia falar sobre a aposentadoria? Que apoio você tinha naquela época (familiares, amigos, companheira, clube, Federação)?
A sua decisão afetou o seu entorno? Como você reagiu a isso?
Durante a sua carreira, você se preparou para esse momento de algum jeito? Pensava ou refletia como seria a sua vida depois de se aposentar do esporte?
O que sentiu assim que você se aposentou e nos meses seguintes?
E os seus colegas? Como enfrentaram o processo de aposentadoria? Você pode falar de algum caso que conheça?

C. Processo de adaptação à "nova" vida
Você pratica atividades físicas com regularidade?
Continua nadando? Você quer continuar vinculado ao mundo do esporte e da natação?
Após a aposentadoria, quais foram as dificuldades e necessidades que você teve que enfrentar (pessoais, motivacionais, profissionais, econômicas etc.)? Como você as encarou?
A imagem que você tem de você mesmo mudou depois que se aposentou da natação?
Você se sentiu apoiado depois da sua aposentadoria? Por quem?
Existe algum programa ou algum tipo de acompanhamento para ajudar ou acompanhar o esportista na sua mudança de vida?
Depois da sua carreira, o que você fez (se formou, procurou trabalho)?
Que dificuldades você encontrou profissionalmente?
Você está trabalhando atualmente?
Que qualidade ou habilidade desenvolvida em sua carreira esportiva você acha que foi útil para sua vida pessoal? E para a sua vida profissional?

Depois do sucesso, das viagens, da competição durante toda a sua carreira esportiva, em algum momento você sente um vazio ou falta de emoção/intensidade? O que faz com esse sentimento? Você sente falta de competir, da sua vida como esportista?
Você formou uma família? Como você conciliava ou concilia?
Seus interesses, estilo de vida ou escala de valores mudaram depois que você se aposentou?
O que você mais aprecia ou acha mais importante no esporte?

D. Avaliação a partir da sua experiência esportiva:
Depois de toda a sua experiência esportiva e de vida, como você a avalia? Como você vê a sua vida agora?
Você mudaria alguma coisa do que viveu?
Escolheria a natação de novo?
O que você diria aos nadadores ou outros esportistas que estão vivendo o processo de aposentadoria?
O que poderia ser mudado para melhorar a natação de alto nível na Espanha? O que não está sendo bem feito na natação hoje em dia?

Alguma ideia que queira adicionar ou tema que não tenha sido abordado na entrevista.

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista (com as questões sintetizadas)

A. História de vida esportiva

Me conte como foi seu início na maratona aquática até o alto rendimento quanto a idade, pessoas importantes e se você sonhava com isso.

Família

Qual foi o papel e influência da sua família na sua carreira esportiva?

Me conte sobre as suas responsabilidades em função do esporte em comparação com colegas não esportistas de sua idade.

Carreira esportiva

Fale sobre sua carreira esportiva (trajetória e transições, local/equipe, relacionamento, dificuldades física/psicológica, competições/conquistas, lesões, melhores e piores momentos).

Treinadores

Qual foi o papel dos seus treinadores e a relação/comunicação que teve com eles?

Formação acadêmica

Fale sobre a rotina e apoio recebido quanto aos seus estudos e formação acadêmica

Trabalho

Me conte se teve suporte financeiro: aspectos facilitadores e dificuldades.

B. Transição pós-carreira atlética

Como e por quais motivos ocorreu o processo de transição para fora do esporte? (idade, planejamento, pessoas que pode contar, impacto nas outras pessoas, sentimento, colegas no mesmo estágio).

C. Processo de adaptação à nova vida

Fale sobre o processo de adaptação à vida pós atleta (se mantém ativo fisicamente? dificuldades, programa de apoio, estudos/trabalho, habilidades desenvolvidas durante a carreira, sentimento, formou família? conciliação/equilíbrio, novos objetivos e o que mais admira ou acha importante no esporte?

D. Avaliação da experiência esportiva

Como você avalia sua experiência esportiva e de vida? O que você mudaria e aconselharia a outros atletas quanto ao processo de transição/aposentadoria?

Deseja acrescentar algum item ou tema que não tenha sido abordado na entrevista?

ANEXO

ANEXO A – Instrumento original

7.1 - Guión de entrevista:

A. Historia de la vida deportiva:

Nombre completo. ¿Dónde naciste?
¿Con qué edad empezaste a nadar? ¿Cómo (tus padres te apuntaron) y dónde?
¿Cómo fueron tus inicios en la natación?
¿Hubo alguna figura relevante-determinante en esos primeros años años (entrenador, hermano, amigo….)?
¿Cuándo te diste cuenta que empezabas una carrera deportiva de alto nivel-élite, el punto de inflexión?
¿Pensabas que podrías llegar a ser deportista de alto nivel? ¿Fue algo que querías llegar a ser, soñabas con eso?

Familia:

¿Tu familia ha desempeñado un papel importante en tu carrera deportiva? ¿Por qué?
¿Te has sentido apoyado por tu familia y amigos?
¿Alguien de tu familia ha sido deportista profesional?
Crees que desde niño empezaste a asumir situaciones poco usuales (tiempo solo, concentraciones, independencia, etc).
Supongo que tu vida era diferente a la del resto de niños/adolescentes de tu edad, por la dedicación al deporte. ¿De qué manera te afectaba?

Carrera deportiva:

¿Cómo ha sido tu carrera deportiva? Podrías contarme cómo fue cronológicamente. (Comienzos, Equipo Nacional, Dejar el equipo nacional, dejar de entrenar.) (Preparación para los JJOO, campeonatos nacionales-internacionales/descansos-vacaciones)
¿En qué pruebas competías?
¿En qué clubes has estado? ¿En cuál tuviste mejor experiencia?
¿Cómo han sido tus grupos de entrenamiento? ¿Tu relación con los demás, cómo son las relaciones en ese ámbito (competitividad, compañerismo, etc)?
Muchas horas de entrenamiento. ¿Te acostumbras o surgen dificultades? ¿Cuáles son las principales?
¿Qué es lo más complicado del entrenamiento (factor físico y psicológico)?
Supongo que habrás tenido épocas de estancamiento en el rendimiento (no mejorabas tiempos) ¿Cómo vives esos momentos? ¿Qué piensas, qué te ayuda? ¿Entrenador te guiaba?
Competición. ¿Te gustaba competir? ¿Cómo vivías la competición, el tiempo previo, qué significaba para ti?
Logros, medallas. ¿Qué se experimenta? ¿Cuándo no consigues mantener esos éxitos, cómo lo gestionas?
¿Has tenido lesiones de gravedad? ¿Cómo te afectaron? ¿Cómo las superaste?
¿Cuál sería el/los mejor momento de tu carrera? ¿Por qué?

¿Cuál sería el/los peor momento de tu carrera? ¿Por qué?

Entrenadores:
¿Cómo han sido tus entrenadores? ¿Qué te fueron aportando? ¿Qué relación-comunicación tuviste con ellos?
Formación académica:
¿Tuviste problemas para acabar la enseñanza secundaria?
¿Estudiaste algún ciclo formativo o carrera universitaria durante tu carrera deportiva?
¿Además de la falta de tiempo, qué dificultades te encontraste para compaginar los estudios con los entrenamientos y competiciones?
¿Recibiste algún tipo de apoyo en cuanto a programas ayuda para la formación por parte de la federación, de la universidad, etc? ¿Cómo es la calidad de estas ayudas?
Trabajo:
¿A nivel económico tuviste dificultades?
¿De qué manera obtenías ingresos en el alto nivel (Becas, ADO, resultados)?

B. Retirada deportiva:
¿En qué año te retiraste, con qué edad?
¿Por qué te retiras, razones? ¿Qué razón tenía más peso, qué te hizo decidir?
¿En qué momento tomas la decisión de retirarte? ¿Fue planificada?
¿Cómo fue ese momento, a nivel personal qué cambios supuso? ¿Cómo te planteas tu vida?
¿Con quién hablabas o podías hablar sobre este tema? ¿Qué apoyos tuviste en ese momento (familiares, amigos, pareja, club, federación)?
Tu decisión, ¿afectó a tu entorno? ¿Cómo reaccionó?
Durante tu carrera, ¿Preparaste de alguna forma este momento, pensabas o reflexionabas cómo sería tu vida tras la retirada?
¿Qué sentimientos se experimentan durante este tiempo, nada más retirarte y los siguientes meses?
Tus compañeros ¿cómo han afrontado se proceso de retirada? Algún caso que conozcas.

C. Proceso de adaptación a la "nueva" vida
¿Practicas actividad física habitualmente?
¿Sigues practicando natación? ¿Quieres seguir vinculado al mundo del deporte, de la natación?
Tras la retirada ¿a qué dificultades o necesidades has tenido que hacer frente (personales, motivacionales, laborales, económicas, etc)? ¿Cómo las has afrontado?
¿La imagen de ti mismo ha cambiado una vez te retiraste?
¿Te has sentido apoyado después de la retirada? ¿Por quién?
¿Existe algún programa o algún tipo de seguimiento para ayudar o favorece al deportista en su cambio de vida?
Después de tu carrera, ¿a qué te has dedicado (formarte, búsqueda de trabajo)?
A nivel laboral, ¿qué dificultades has encontrado?
¿Estás trabajando actualmente?
¿Qué cualidad o habilidad que hayas podido desarrollar en tu carrera deportiva, crees que te ha resultado útil para tu vida? ¿Y para tu vida laboral?

Después de los éxitos, los viajes, la competencia durante toda de tu carrera deportiva, ¿se experimenta vacío o falta de emoción-intensidad en algún momento? ¿Se acepta y ya? ¿Echas de menos competir, tu vida de deportista?
¿Has formado una familia? ¿Cómo lo compaginabas o compaginas?
¿Ha cambiado tus intereses, forma de vida o escala de valores después de retirarte?
¿Qué es lo que más aprecias o lo más importante del deporte?

D. Valoración desde tu experiencia deportiva:

Después de toda tu experiencia deportiva y de vida, ¿cómo la valoras? ¿Cómo te planteas tu vida ahora?
¿Cambiarías algo de lo que has vivido?
¿Elegirías otra vez Natación?
¿Qué les dirías a los nadadores u otros deportistas que afrontan este proceso de retirada?
¿Qué se podría cambiar para mejorar en la natación de alto nivel en España? ¿Qué se hace mal en la natación actual?

Alguna idea que se quiera añadir o tema que no se haya abordado durante la entrevista.